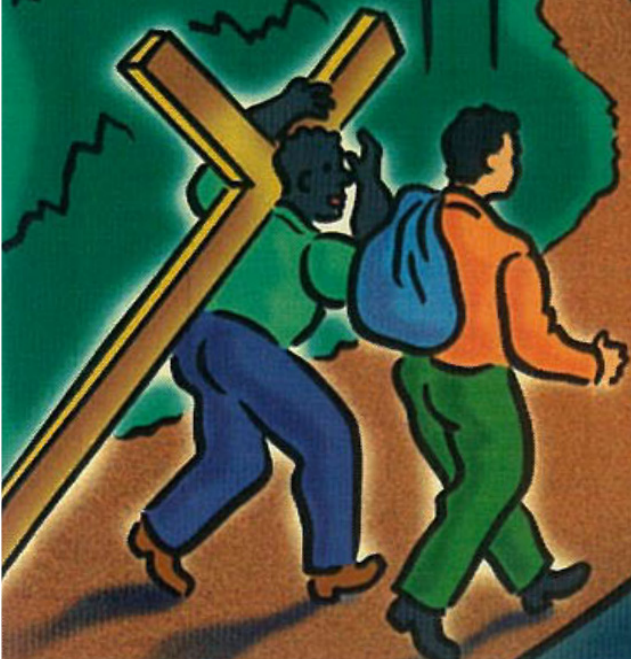


MANUEL PACHECO JUNIOR

CRISTO NEGRO??!!



Manuel Pacheco Júnior

CRISTO NEGRO??!

Campo Grande - MS

2010

COPYRIGHT

2ª Edição

2010 by Pacheco Jr., Manuel

Gráfica e Editora Brasília Ltda

Capa/Ilustração: Toninho Gonçalves

L8641 Pacheco Jr., Manuel
Cristo Negro?!!/ Manuel Pacheco Jr..
Campo Grande: Gráfica e Editora Brasília, 2010

189 p.

ISBN 85-88538-12-1

1. Romance

CDD B869.3

DIREITOS AUTORAIS:
Reservados ao Autor
email: manuelpachecojr@terra.com.br

PREFÁCIO

Baseada num fato real, esta história tem noventa e nove por cento de realidade, não só dos acontecimentos mas também do jeito como as coisas aconteceram. Apenas um por cento de ficção. Pode ser chamada de depoimento.

O autor viveu em Ribeirão Preto nos anos 1960 a 1965. Assistiu a diversos assassinatos cometidos pelos agiotas.

O leitor poderá achar exagero mas o autor conviveu com **invólucros** de **idiotas mortos**, assassinados pela ganância dos onzenários da chamada Califórnia Brasileira.

Invólucros, porque nada mais eram do que embalagens de fracassos correndo atrás de uma recuperação inatingível

Idiotas, porque as torturas acabaram com todas as suas potencialidades.

Mortos, porque o massacre tirou-lhes a vontade, o ânimo, a capacidade de viver.

Não há, pois, como atribuir aos agiotas adjetivos mais adequados do que “assassinos”, pelo menos àqueles daquele tempo, naquele lugar.

Por que assassinos?... Analisemos:

“**Modus operandi**”... ou **Armação**: Exemplo: Empréstavam 1.000. Taxa mensal 15%. Entregavam 850. Se no vencimento o idiota não pudesse pagar, o agiota exigia nova promissória, com vencimento para

mais 30 dias; esta de 1.150; começo da **tortura**: juros sobre juros, ou seja, juros capitalizados.

No terceiro mês, permanecendo a impossibilidade de pagamento, a promissória era de 1.322,50; no quarto mês: 1.520,87; no quinto: 1.749 e, no sexto mês: 2.011,35. O rendimento em seis meses era de 1.161,35 = 136,62% = 22,77% ao mês.

Se o agiota fosse “bonzinho”, a **tortura** continuava por um ano o que, pelo mesmo sistema de capitalização de juros e à mesma taxa, o rendimento do onzenário seria 3.852,34 e a dívida do idiota, que recebeu apenas 850, seria de 4.652,34. A taxa mensal teria sido 37,27% e a anual 447,37%.

Comparando-se a variação das ORTN, índice oficial, em 1965, foi de 11,30 em janeiro para 16,30 em dezembro, ou seja, taxa de 44.24% no ano = média mensal de 3,68%.

Tiro mortal: Neste ponto, ou mesmo no sexto mês, o agiota tinha munição para explodir o idiota. Então ele brecava as reformas... fim das prorrogações. E depenava o pobre diabo, ou seja, matava-o perante sua família e a sociedade porque suas qualidades de honesto e trabalhador e demais virtudes eram carimbadas com a sentença implacável: FRACASSADO.. FALIDO!!!

Eis porque os qualifico como “**Assassinos**”

O autor

A HISTÓRIA

Norton atravessou a sala pisando no sulco que o piano deixara no assoalho. Fora a última peça que os agiotas carregaram. Pensou na decepção da filha adolescente e amargurou-se. Fracasso total... pensou. Entretanto, tinha que chacoalhar a poeira e partir para a luta. Sabia que a sua partida iria desarrumar ainda mais as coisas mas precisava arranjar outro ganho... e longe. Ali, na sua comunidade, sentia-se derrotado... falido. O risco no assoalho sugeria-lhe um caminho sem volta. Aproveitou a ausência da família que estava nas escolas e saiu.

A estação ferroviária ficava na rua de cima. Sobreçado à pequena trouxa que arrumara às pressas, Norton caminhava como um autômato, os pensamentos em confusão.

Na verdade, sua intenção primeira era buscar comida para a família e depois repor na casa os bens que entregou aos onzenários.

Quando se encontrou sentado no vagão de segunda classe e o trem soltou o primeiro apito, sentiu dolorosa sufocação e chorou. Parecia-lhe impossível tornar a ver a família. Daí a saudade, antecipada, começou a machucar, como se estivesse longe já há muito tempo.

Nem tomara o café da manhã. O estômago queimando, a boca amarga, as mãos e os pés suando frio. Crescia dentro dele o adeus que não dissera. Uma angústia encaroçada ele ia engolindo em grãos cada vez maiores e que lhe tapavam a garganta. Sentia imensa falta de ar. Dez reais no bolso para enfrentar as incertezas.

Vieram-lhe à memória, sem que buscasse, uns versos que lera, não se lembrava onde, cujo título se apropriava àquele momento:

FUGINDO DE TREM

Mordendo fracasso,
mascando tristeza,
o Zé da Tereza
entrou no vagão.
Levando no braço
a mochila vazia
e a dor que sentia
no coração.

As rodas de ferro
chiando nos trilhos,
saudades dos filhos,
da santa mulher.
Mordendo seu erro,
comendo caminho,
fugindo sozinho
p'rum mundo qualquer.

O olhar inconsciente
furando a vidraça
furando a fumaça

névoa da manhã.
A lágrima quente
molhando o passado
e o verde embaçado
embaçando o amanhã.

Serpente de aço
correndo p'ra frente,
paisagem serpente
correndo p'ra trás.
Serpente fracasso
mordendo na mente,
saudade serpente
mordendo mordaz.

E o trem levou Norton e os seus pensamentos. O olhar sem rumo não transpunha a vidraça. Tinha a impressão de que a paisagem contemplava a sua angústia emoldurada na janela.

Até então, nunca tivera tempo nem motivo para rememorar sua vida pregressa, para tomar conhecimento de quem fora e de quem era naquele momento. Nunca tivera, enfim, o prazer ou o desprazer de conhecer-se.

Então, o Norton virtual, aproveitando o tempo ocioso da viagem, apresentou um resumo da vida e da personalidade do Norton real.

! Era o penúltimo de uma família católica de sete irmãos. Criado sob um regime de princípios severos, sendo o principal desses princípios o da honestidade.

! Entrou para a escola primária com seis anos, no mês de agosto devido à escassez de alunos na vila, e conseguiu alcançar a classe e ser promovido para o segundo ano brilhantemente.

! Infância pobre mas feliz pela vida livre e cheia de brincadeiras e aventuras infantis que suplantavam as privações e vontades quando comparadas com as farturas dos meninos ricos. Suas farturas eram o amor dos pais e dos irmãos e o amor por eles.

! Na igreja, pertencia à Cruzada e mais tarde, na juventude, era congregado mariano e ajudava na catequese dos meninos.

! Sua oratória sempre comoveu as pessoas nas ocasiões em que a palavra lhe era solicitada ou oferecida.

! Seu espírito de fraternidade sempre abominou a palavra “caridade”, achando que a caridade humilha porque é demonstração de superioridade. Em seu conceito, o caridoso dá esmola para agradecer a Deus enquanto que o fraterno, sendo irmão, reparte pelo irmão e não pelo pai.

! Esse seu espírito sempre se manifestou no seu apego aos mais pobres dos barracos da periferia e na sua amizade igual com os negros no tempo do preconceito racial que você chamava de nojeira social.

! Assisti ao seu pranto quando da morte do seu compadre Sebastião, o velho Tião Preto.

! Lembro-me de quando o Ludovico foi despejado do barraco pelo João da Mata. Eu estava no seu escritório quando a Maria Preta chegou chorando pedindo o seu socorro. Você largou tudo. Fui com você. E você não conhecia o Ludovico. Conheceu-o naquele dia, naquele momento,

naquela circunstância. Ludovico estava com câncer, apanhado na lida dentro dos buracos, extraindo argila, com água pelos joelhos, o dia inteiro, fizesse calor ou frio. Dentro do barraco, apenas uma cama de varas sem colchão. Deitado de costas, o negro arfava. A concavidade do abdômen parecia uma grande panela vazia. Os demais trens (que não se podia chamar de móveis) estavam debaixo da mangueira, arrancados do barraco e jogados fora pelo senhorio e seus peões. Ajudei a repô-los no barraco depois que você pagou os aluguéis atrasados e assumiu os pagamentos dali por diante. De repente você saiu à toda, balançando a cabeça e resmungando. E porque conheço os seus pensamentos, adivinhei que censurava a falta de amor e ouvi o final do seu resmungo: “... isto é porque o homem é pobre e preto”. Logo você voltou com comida para alguns dias. No dia seguinte você procurou o dono da argila, patrão do Ludovico e ameaçou denunciá-lo ao Ministério do Trabalho. Não vou repetir aqui o discurso que você fez ao homem porque você deve lembrar-se, é claro, das coisas pesadas que disse a ele.

* * *

! E o asilo?.. As meninas do asilo? Como sempre, eu estava com você quando Irmã Madalena veio pedir-lhe ajuda dizendo que há mais de quinze dias as meninas não comiam carne... que as contribuições haviam diminuído muito. Então você ligou para a Casa de Carnes e autorizou o fornecimento por trinta dias ao asilo. Mas não foi só. E nos Natais?! Lembrome que na véspera de um Natal fomos à cidade e você comprou 25

bonecas e 25 bolas iguais. Eram todas meninas... vinte e cinco. Aí você ligou para Irmã Madalena e combinou algo. À noite, já depois das nove horas, fomos ao asilo. As meninas já estavam dormindo. Era um quartão, de assoalho lavado. As camas alinhadas em três fileiras. Você e Irmã Madalena, silenciosamente, andando nas pontas dos pés, puseram uma sacolinha nos pés de cada cama para que as meninas achassem ao acordarem. Voltamos imaginando a alegria daquelas crianças na manhã seguinte.

* * *

! Nos invernos você distribuía cobertores. As pessoas “equilibradas” da família não aprovavam os seus “exageros”. Alguém dizia: Você não tem juízo! P’ra quê 50 cobertores?! Se houver dois ou três mendigos na vila, é muito! É... você dizia: mas faz frio na cidade inteira. Ao que lhe respondiam: Por isso não... faz frio no mundo inteiro... você vai agasalhar o mundo? Não... o mundo é muito grande mas da cidade acho que a gente dá conta. Perigoso sair agora... todo mundo dormindo... Os que estão acordados são justamente os bandidos. Engano seu... a maioria está dormindo... inclusive os bandidos, com os cobertores até as orelhas. Mas tem gente por aí tremendo debaixo das marquises, nos prédios em construção e até mesmo debaixo dos caramanchões da praça. Estes, eu lhe garanto, não estão dormindo. Estão chacoalhando a noite com os seus tremores, pedindo a Deus para que amanheça e que o Sol lhes aqueça. – E você saía cobrindo gente... esquentando gente. Gente enrolada em trapos, gente como que

embrulhada em jornais Você dizia que a noite fria é a grande divisora de situações: de um lado, dentro das casas, os que dormem... e de outro lado, no tempo, os que tremem. Às vezes você até brincava dizendo que no frio das madrugadas os mais novos batem os dentes... já os pobres velhos batem as gengivas. Mas você ficava muito feliz quando via passar um velho, com o Sol já brilhando mas ainda na friagem da manhã, agasalhado com um cobertor como se fosse um poncho.

! Eis você, meu caro! Aliás, eis um pouco de você... um pedaço de você. Achei engraçado quando um compadre seu, muito bom homem mas cheio de filosofias, entrando em seu escritório, surpreendeu você dando dinheiro a uma pobre menina lá dos barracos. O bom compadre foi logo dizendo que não se deve dar o peixe... mas ensinar a pescar. Ao que você respondeu:- “Bela filosofia, compadre... mas até que elas aprendam, precisam de comer. Então você vai ensinando-as e eu vou matando-lhes a fome... até que se tornem auto- suficientes”.

* * *

A fraqueza do jejum foi dando sono e Norton entrava em breves cochilos. Nas acordadas via a paisagem correndo para trás e isto dava-lhe a sensação de que o trem estava levando-o para muito longe de sua terra e para mais perto do destino desconhecido.

* * *

A imagem da casa vazia, do risco fundo que as rodas do piano desenharam na sala não se apagavam de suas retinas. E amargurava-o a decepção dos filhos que, de repente, sentiram o grande tapete ser puxado debaixo de seus pés.

Sentia-se um criminoso, assassino das esperanças daqueles que se orgulhavam dele. Por vezes tentava aliviar sua culpa imaginando que os agiotas eram os verdadeiros criminosos... Mas voltava logo a aceitar que a culpa era inteiramente sua... que se tivesse tido firmeza, o fracasso não aconteceria. Se tivesse dito

NÃO, não teria embarcado nessa... E agora, Norton??!!

* * *

Foi ficando escuro. O Sol já se pusera e faltava energia no vagão em que Norton viajava. Fraco, não teve vontade de transferir-se para outro vagão. Deixou-se ficar ali mesmo, prostrado, curtindo a escuridão que seria o quadro-negro do seu resto de vida. Duas forças contrárias partiam-no ao meio: o Destino... ou a Precisão levando-o para longe; e a saudade instigando-o a voltar. Procurou raciocinar mas para onde quer que seu pensamento voasse, encontrava uma barreira. Viagem besta – pensou: “Onde busco solução, encontro problema; onde busco o futuro, encontro o passado; onde busco esperança, encontro saudade; onde busco encontrar-me, encontro a família; filhos, elo de sangue... quanto mais se estica, mais machuca mas nunca se parte.

E o trem levou Norton e a sua confusão.

Agora havia luzes lá fora. Muitas luzes e edifícios. São Paulo!

Eram dez e meia da noite quando o trem parou na Estação da Luz. Norton sobraçou sua trouxa e pulou para a plataforma. A multidão de passageiros empurrou- o escada acima. Cruzou a passarela no meio do povo. Na rua Mauá , táxis e ônibus levaram todos e Norton ficou parado, só, pensando para onde ir. Um vento frio, fininho, riscou nas suas orelhas. Depois de permanecer ali, indeciso por algum tempo, tomou a direção da Rodoviária. Na escada-rolante sentiu ligeira tontura e agarrou-se no corrimão.

Na primeira ponta de banco vaga que encontrou, sentou-se. Procurou distrair-se observando as pessoas: gente que subia, gente que descia, gente que se enfileirava em frente aos guichês de passagens, gente que dormia nos bancos, gente que conversava animadamente aguardando a hora de embarque, gente que tomava café, gente que comia sanduíches, gente que se aglomerava em frente aos aparelhos de televisão assistindo ao “tape” de um jogo de futebol. Norton, entretanto, não conseguia fixar-se em nada. Quando seus olhos encontraram um menino que lhe lembrou um dos filhos, a saudade físgou no fundo da alma e puxou uma pelota espinhenta que lhe feriu as entranhas e encalhou na garganta. Mudou-se de lugar. Num canto de parede, sentou-se na trouxa e por longo tempo permaneceu ali remoendo a sua angústia: “Professor Norton!... mestre admirado...protetor dos pobres... amigo dos negros !!! E agora?...”

O movimento, aos poucos, foi diminuindo. A noite arrastava-se, lenta e fria. Pelas quatro horas, tomou um café e comprou cigarros. Havia já

muitos bancos vazios.

Procurou um mais escondido, estirou-se nele fazendo da trouxa travesseiro. Não conseguiu dormir. Sentou-se. O frio beliscava-lhe as faces e as orelhas. Ergueu a gola do paletó, abraçou-se por dentro dele e ficou balançando as pernas até que amanhecesse.

A manhã nevoenta de 20 de agosto, terça feira, surpreendeu Norton numa ponta-de-banco da Rodoviária de São Paulo, com a trouxa no colo, os olhos queimando, a cabeça queimando, o estômago queimando.

Precisava, urgente, de trabalhar. Desesperou-se em pensar nas dificuldades da família que sempre dependera do seu trabalho.

Pelas oito horas o Sol penetrou o espaço poluído de São Paulo. Norton tomou um café e saiu. Guardou a trouxa num barzinho próximo. Pediu um jornal emprestado numa banca e abriu-o na seção de empregos. Submeteu-se a testes em diversas empresas e obteve meia dúzia de respostas iguais: “Seu teste foi muito bom... Procure notícias dentro de quinze dias”. Desanimado, ficou andando a esmo.

A fome agora apertava. O estômago vazio desde a manhã do dia anterior. Fraco, debaixo do sol quente, transpirava muito. Tirou o paletó. Meteu-lhe o polegar no colarinho e girou-o sobre o ombro. Continuou andando. Na Praça da República, sentou-se sob uma sombra. Puxou um cigarro e tentou distrair a fome. Um pensamento negativo acabou com suas esperanças: “E se alguma empresa o aceitasse... que referências poderia oferecer?” Desesperou-se. Voltou à Rodoviária, sua moradia provisória. Dos restaurantes, o cheiro de comida entrava-lhe pelas narinas e fustigava-lhe o estômago vazio. As tabuletas anunciavam: “Bife a rolê

com purê de batata e arroz”; “Virado a paulista”; “Carne assada com purê”; etc, etc.

Norton entrou num bar. Sete cruzeiros e dez centavos no bolso. Prato feito, seis cruzeiros. Quase não resistiu. Mas venceu. Tomou um café. Não fumou, para economizar, como se aquele pequeno dinheiro fosse sua garantia até que sua vida se resolvesse.

Pôs-se a andar de novo, sem rumo, sem busca. Tendo chegado novamente à Praça da República, permaneceu ali por longo tempo, remoendo lembranças, mastigando remorsos. Na frescura da grama onde se deitara, pegou no sono.

Quando acordou, eram cinco e meia da tarde. Tomou o rumo de casa (Rodoviária). Desanimado, faminto, os pés doendo, caminhando quase como um bêbado. Era a hora do “rush”. Todos com muita pressa de voltar para suas casas. E Norton sem nenhuma pressa porque não tinha para onde nem para quem voltar. “Que fazer, meu Deus?” -, gemeu desesperado. Teve uma tontura mas recuperou-se rapidamente. Uma idéia quase absurda riscou-lhe a mente como um relâmpago: APARECIDA!!! Santuário de Aparecida!!! E a idéia cresceu e ficou tão grande como a distância: cento e sessenta quilômetros. – “É por aqui que eu vou” – pensou. Pensou e decidiu.

Na verdade, Norton precisava de uma grande penitência para limpar a alma. E naquele momento pensou como um convertido: “Preciso humilhar-me para acabar com a minha arrogância; rastejar para sujar a minha vaidade; mendigar para vencer o meu orgulho; passar fome para dominar a minha gula”. Foi ao barzinho, pegou sua mochila. Parou

na calçada. Em poucos segundos, mil pensamentos fizeram-no chorar. Então, ali mesmo, empurrado pela multidão apressada, fez a sua prece sentindo na garganta o nó de cada palavra: “Meu Deus, vou iniciar agora uma jornada de sacrifícios para lavar a minha alma e preparar-me para a vida futura ou para o destino futuro Enquanto isso, Senhor, ampara a minha família, protege os meus filhos contra todos os males. Que a fome e o frio que eu sentir revertam-se em pão e agasalho para eles. Não deixes que eles sintam de mim a mesma dolorida saudade que eu sinto deles. Amém!”.

* * *

O relógio da Estação Júlio Prestes assinalava seis horas da tarde. Norton apertou a trouxa contra o corpo e partiu firme. Agora ele tinha pressa. Cruzou a Estação da Luz, alcançou a Avenida Tiradentes e marchou, decidido, em direção à Via Dutra. “Estarei indo ou fugindo? Ou as duas coisas?” – pensou. “Estarei levando ou buscando? Acho que as duas coisas: Levando pecados e buscando salvação. Acontece que eu sou a embalagem... o invólucro desses pecados. E embalagem de pecados é como embalagem de agrotóxicos... tem que ser destruída... Bem... mas isto o Grande Agricultor resolverá como for melhor para todos.

Esses pensamentos não deixaram Norton perceber o trajeto percorrido. Quando se deu, estava a duzentos metros da Ponte das Bandeiras. Parou. Deviam ser seis e meia, boquinha da noite. Avistou um barzinho do outro lado da avenida. Esperou pelo semáforo e atravessou. Na pequena corrida

as pernas bambearam. Sentiu que estava muito fraco. Seis cruzeiros e sessenta centavos no bolso. Tabuleta na porta marcava: “Prato feito = Cr\$ 6,00”. Pediu um PF e uma pinga. A pinga veio primeiro. Desceu queimando a goela machucada. Arroz e feijão, picadinho e salada. Norton devorou o PF. Meteu o pãozinho no bolso do paletó. Pagou o cara, acendeu um cigarro e pegou a mochila. Em cinco minutos estava na Via Dutra. Transpô-la. Tomou o lado esquerdo para caminhar ao encontro dos veículos. Os faróis queimavam-lhe os olhos tresnoitados. Caminhava de cabeça baixa, olhando o acostamento rústico. Pisou numa pedra. Um prego do sapato fustigou-lhe o calcanhar. Não parou. Doía-lhe a alma. Precisava andar, andar. Trouxa pesava, trocava de braço. Automóveis passando, ônibus passando, caminhões passando. Ar quente de escapamentos nas pernas. Rajadas de vento no rosto. Cheiro de combustível queimado entrando pelas narinas. Prego fustigando o calcanhar. Pisava firme com o pé esquerdo e macio com o direito. Mancava, bamboleava. Sincronizou os passos com a respiração. Essa marcha de fuga, de fé e, até certo ponto de esperança, poluída de poeira e de saudade, venceu, numa arrancada, oito quilômetros. Fez uma pausa.

Sentou-se na guia do canteiro. Tirou o sapato. Com uma pedra martelou o prego. Rasgou um pedaço de papel da trouxa e improvisou uma palmilha. Sentiu sede.. Engoliu seco. Deviam ser oito e meia ou nove horas. Levantou-se. Os braços doíam. As pernas doíam. Continuou, mancando ainda, porque o calcanhar estava ferido. Mas não sentia o fustigar do prego. Veículos passando. Bafo quente nas pernas. Rajadas frias no rosto. Explosões de motores nos ouvidos. Boca seca. Sede aumentando. Começou a rezar. Ofereceu a Deus o seu cansaço, a sua sede, a sua angústia e a sua

solidão. Rezava em voz alta como se temesse que os motores abafassem a sua prece. Avistou um posto do outro lado da pista. Demorou um tempão para atravessar. Abriu a torneira perto das bombas, e bebeu. Voltou ao seu caminho. Derreou a trouxa e sentou-se nela. Suava frio. Pulsação acelerada. Estirou-se na grama do canteiro. Cheiro de merda. Marginais que ali defecaram – pensou. Levantou-se com dificuldade. Dor nas cadeiras. Tinha a sensação de que o pino da bacia estava com folga. Enquanto não esquentasse outra vez, machucava. Pé na estrada de novo. A marcha agora era mais lenta. Os fardos pesavam cada vez mais. O de fora e o de dentro.

Devia ser já dez ou dez e meia quando Norton transpôs a marca dos quinze quilômetros. Avistou um posto à direita e ao lado dele uma construção.

Atravessou a pista. Deixou a trouxa escondida no mato. Passou o caco de pente no cabelo e dirigiu-se ao posto. Norton não tinha ainda a aparência de um mendigo. Ganhou um café. Voltou ao matinho, pegou a trouxa e dirigiu-se à construção. Era um prédio de dois pavimentos, em concreto armado, em fase de cobertura. Por um trilho, atravessou o matinho e saiu no asfalto que dava acesso à cidade de Guarulhos. Deu a volta e alcançou a rua de cima, do outro lado da construção. Se houvesse guarda, naturalmente não lhe permitiria pernoitar ali. Sondou o ambiente. Ninguém. Uma prancha de madeira ligava o alto do barranco ao piso do primeiro pavimento. Estava escuro mas os faróis dos carros que passavam naquela rua ajudaram-no a manter-se equilibrado na prancha. Com alguma dificuldade conseguiu entrar na construção. Piso de concreto bruto.

Pontas de ferro retorcidas para cima, cacos de tijolos esparramados. Tropeçou e caiu. No escuro, perdeu a trouxa. Riscou um fósforo. Divisou uma escada de dois lances. Subiu por ela e chegou ao segundo pavimento. Ali havia a claridade da pequena parte ainda descoberta. Dirigiu-se a um canto, do outro lado, frente para a Via Dutra. A trouxa escorregou-lhe pelo braço. Os pés latejavam. Estava exausto. Não conseguiu encontrar o nó do barbante que amarrava a sua trouxa. Puxou forte e rebentou-o. Dois cobertores finos, surrados; um lençol, uma colcha rala, uma muda de roupa e os documentos. Eis a bagagem de Norton. Estendeu a colcha. O piso era bem áspero. Forrou com um dos cobertores. Com o outro se cobriria.

O lençol embrulhava o resto e serviu-lhe de travesseiro. Não poderia haver conforto melhor para um peregrino andarilho. Deitado de costas, esticou as pernas e cruzou as mãos sobre o peito. Era o retrato de um defunto. Quase. O corpo quase morto e a alma em agonia. Norton fez sua prece. Falava com Deus e pensava na família: “Estariam dormindo? Teriam almoçado e jantado? Pobres filhos! “ Norton enxugou os olhos com a ponta do lençol e procurou dormir.

As pedras do concreto machucavam-lhe as costas. Mesmo assim deixou-se ficar naquela posição. Propusera-se a submeter-se a mortificações. Sua respiração continuou ofegante ainda por longo tempo. Não havia espaço para o ar. Os pulmões cheios de saudades. O peito cheio de remorsos. Acendeu um cigarro. Vaga-lume na escuridão. Os olhos, cansados, ardiam. E o sono não vinha. Leito duro. Corpo cansado. Alma cansada. Frio engrossando. Cobertor fino, curto. Virou-se de lado. Abriu

os olhos. Não viu nada. Cerrou- os de novo. Os roncoss dos motores na Dutra foram espaçando... espaçando. Norton perdeu a noção do tempo. Deixara o seu “Rolex” para a família vender, se precisasse. Devia ser madrugada alta. Um vento gelado entrava pelos vãos da estrutura e circulava na escuridão do seu imenso quarto. Mudou de posição. Tentou encontrar um espaço liso. Mas tudo era áspero. Pedras cutucando a carne. Remorsos cutucando a alma.

Puxou o cobertor para aquecer o rosto enregelado. Lembrou-se do Nego, o filho de nove anos, que dormia encolhidinho, com o cobertor até as orelhas. Nego também era Norton ... Nome do pai e do avô. Ficou sendo Norton Neto. Mas afetivamente é Nego. Predileto do pai em cujas mãos nasceu.

Como se o Nego estivesse também ali, conversou com o filho, como nos bons fins-de-semana em que Norton se deitava ao lado dele e ficavam falando de caçadas, de plantas, de hortas, até que o menino adormecesse:

- Pai?! Quando é que nós vamos caçar de espingarda?
- Quando você crescer mais, filho. O mato é perigoso.
- É difícil matar perdiz, pai?
- Não é fácil, filho. A gente tem que atirar nela voando. O cachorro vai na frente, procurando, pelo faro. Por onde ela passa, deixa o cheiro. E o cachorro segue o cheiro até dar nela. Aí ele estaca. Estica o rabo e fica durinho. Então a gente dá uma joelhada na bunda dele e ele salta nela, que levanta vô. Então a gente espera que ela estique o vô e prega fogo. Se acertar, a bichinha cai pesado como uma galinha. Bufi no chão. Aí o

cachorro vai procurá-la e a traz na boca, balançando o rabo, contente.

- Bacana, né, pai?!

- Ô se é! Gostoso é quando o cachorro dá nela e estaca. Pura emoção. O coração acelera e a gente chega a assustar quando ela levanta vôo fazendo aquele barulho metálico do bater de asas.

- O senhor já matou muita perdiz, pai?

- Ah, filho, perdi a conta. Mas a gente erra muito também. Fácil de matar é o bicaço..

- Bicaço é aquele do bicão comprido, né?

- É. Só dá no brejo. Ele voa mais devagar. Parece uma estopa no ar. Quando você começar a caçar, é nele que vai aprender a atirar.”

De repente, o menino mudava de assunto: “- Pai, vamos fazer uma horta?

- Vamos, filho.

- ‘Tá. Então amanhã cedo eu peço dinheiro p’ra mãe e vou comprar sementes no supermercado.

- Isso. A gente faz um canteiro e semeia. Quando as mudinhas estiverem no ponto a gente faz um canteirão e transplanta.

- ‘Tá. Mas o senhor faz amanhã mesmo, pai?

- Faço, filho. Amanhã é domingo.

- ‘Tá. Já vou dormir, viu pai? Bença!

- Deus te abençoe, filho.

Norton tornou a enxugar os olhos com a ponta do lençol,. Agora lembrava da hortinha que fizera junto com o filho. Naquele domingo Norton estava ainda deitado quando o menino foi ao quarto mostrar-lhe os envelopes de sementes que havia comprado.

- Aqui, pai. Comprei. Alface, cenoura e salsa.

- 'Tá bom, filho, depois do almoço começaremos.

- Por que não plantamos já, pai?

- Não, filho. Agora vamos levar sua irmãzinha no parquinho. Depois do almoço, num instante, a gente faz um canteiro e semeia.

- 'Tá.

Norton e o filho trabalharam juntos toda a tarde daquele domingo. Num canteiro grande semearam alface e cenoura. Num outro, pequeno, à beira do tanque, o menino semeou a salsa.

Quando Norton saiu de casa, a alface e a cenoura já estavam transplantadas. A salsa que Nego semeara já estava no ponto de ser usada.

E Norton não conseguia dormir. De quando em quando um ronco de motor na pista. O resto era silêncio e frio e cansaço. E solidão. Solidão que o separou de tudo e de todos marginalizando-o naquele canto de parede, naquele canto de mundo, jogado às mandíbulas de um destino que lhe mordida a alma. . Um galo cantou, longe. “Que horas seriam?” As pedras do concreto tinham já fustigado todas as partes do seu corpo. Não havia mais posição que servisse. Frio, muito frio. Escuro, muito escuro ainda. Um tiro, seguido de um grito agudo e curto, estalou longe. Norton mudou de posição. Esticou as pernas. Os pés gelaram. Encolheu-se de

novo. Tremia muito. Sentiu vontade de fumar mas não teve coragem de tirar as mãos para fora do cobertor. “Ó, meu Deus – gemeu – recebe este meu sacrifício que de boa vontade Te ofereço para reparação dos meus pecados. Que venham sobre mim todas as coisas, Senhor, mas poupa a minha família. Nossa Senhora Aparecida, agasalha as minhas crianças e todas as crianças do mundo!”

O silêncio agora era total. Zumbia nos ouvidos . Os olhos ardiam Mas o sono não vinha... e não veio.

A tênue claridade da manhã foi penetrando a bruma

e invadindo o interior da construção. Aos poucos aquele ambiente foi emergindo da névoa tornando-se cada vez mais amplo o campo de visão de Norton. Seus olhos queimavam como brasa. Estava encolhido, muito encolhido, o corpo adormecido. Não sentia mais a aspereza do piso. Precisava de levantar-se. Os trabalhadores da construção não deviam encontrá-lo ali. Com grande esforço, conseguiu esticar as pernas. Virou-se de costas. Pôs-se sentado. Nessa posição não conseguiu levantar-se. Colocou-se de gatinhas e só assim pôde levantar o corpo e pôr-se de pé, Frio de doer. Tremia. Já estava vestido, como se deitara. Passou o caco de pente no cabelo. Correu a mão pela barba e segurou o queixo. Contemplou o seu leito. Mil coisas passaram-lhe pela cabeça. Atirou fora o resto do papel que embrulhava os seus panos. Dobrou as peças e acomodou-as no centro da colcha estendida. Com dois grandes nós nas pontas, estava pronta a mochila. Agora, sim, parecia a mochila de um bêbedo. Girou-a sobre o ombro. Os primeiros passos foram muito difíceis. Os pés doíam, as pernas doíam, as coxas doíam. O frio alfinetava.

Tremendo e manquitolando, deixou a construção com grande dificuldade. Fora, a bruma era densa. O campo de visão não atingia cinco metros. Norton parou no alto do barranco. Boca amarga, estômago embrulhado, pensamentos embrulhados. Um apito de fábrica, bem próximo, sacudiu a sua angústia. Dirigiu-se ao posto de gasolina.

Entrou no bar com a mochila às costas. O relógio na parede marcava cinco e meia. O dia ainda não clareara de todo. Nem um centavo no bolso. Três cigarros. Tomou um café e nem perguntou quanto era. Acendeu um cigarro. Transpôs a Via Dutra sob os olhares curiosos de operários que ali esperavam por alguma condução. Fez uma prece e foi andando. As mãos geladas, o rosto gelado. Tudo doía. O prego do sapato voltou a fustigar o calcanhar. Veículos passando de encontro. Rajadas de ar gelado no rosto. Jatos de ar quente nas pernas. Fumaça preta. Cheiro de óleo queimado. Prendia a respiração. Soltava a respiração. Caminho ruim. Muita pedra. Neblina muito forte ainda. Tremendo e manquitolando, foi andando, andando, andando, sozinho no meio da bruma que envolvia tudo.

* * *

Devia ser mais de oito horas quando o Sol conseguiu furar a cerração. Então Norton pôde ver o céu. Muito limpo, muito azul. Pela placa do km deduziu que não conseguira caminhar nem oito quilômetros. Parara muito. Muito fraco. Muito cansado. Mas tinha que continuar. Tinha que chegar ao fim... do caminho, dos acontecimentos ou da vida, custasse o que

custasse.Divisou um posto no topo da subida. Mudou de ombro a mochila e continuou.

Chegou exausto em frente ao posto. Desceu a carga. Esticou os braços e friccionou-os. Ajeitou a gola do paletó. Correu o pedaço de pente no cabelo já grosso do óleo e foi ao bar. Ganhou um café e voltou à beira da pista. Três caras, passando, debocharam dele. Não se sentiu humilhado. Perguntou as horas a um dos caras. “Oito e quarenta”. Sentou-se na guia do acostamento e permaneceu ali por alguns minutos, queimando um cigarro. Olhou o céu. Respirou fundo. Buscou localizar o pedaço de azul sobre sua terra. Os olhos caíram no horizonte. A saudade apertou. O peito esquentou. A goela doeu. A vista embaçou. A água escorreu quente na face gelada.Norton puxou a última fumaça do último cigarro.

Foi um sacrifício pôr-se de pé novamente. Parecia que os músculos tinham sido martelados. Atirou a carga p’ra cima do ombro. Olhou atrás e contemplou a estrada. Sentiu que estava longe, muito longe, e pensou: “O que estaria acontecendo lá em casa? Pobres filhos! Que situação, meu Deus, que situação! Pai Nosso que estais no céu...” e foi andando.

O sol foi esquentando e Norton começou a suar. Um suor frio escorria-lhe pelas costas. Puxou quatro quilômetros e parou. Tirou o paletó e amarrou-o à mochila. Continuou andando. Não queria esfriar os músculos porque doíam muito até que se aquecessem de novo.Sentiu fome, Não fome-vontade mas fome- fraqueza. Tinha o pãozinho que guardara, da véspera. Achou prudente reservá-lo para mais tarde. Era incerto conseguir comida. De dentro de um carro alguém tirou a cabeça p’ra fora e gritou:

“Vai trabalhar, vagabundo.” Norton esboçou um sorriso, sem convicção. Olhou no nada e rezou baixo: “Ave Maria, cheia de graça...” e foi andando, andando. Norton, a estrada, o sol quente, o céu limpo. Solidão doída, solidão cansada. Ninguém para ajuda-lo a carregar a sua cruz.

Lembrou-se das palavras que lera, um dia: “Pega a tua cruz e segue-me.” E pensou: “Estou aqui, Cristo... eu e minha cruz... a cruz que carrego dentro de mim mesmo... que não me fere os ombros mas me sangra a alma. Não Te pedirei para afastares de mim este cálice. Mas Te suplico que me ajudes. Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do Céu e da Terra. E em Jesus Cristo...” E continuou andando. Andando e rezando.

O calor agora era forte. Norton sentiu sede. Correu a língua nos lábios ressequidos. Engoliu seco. Saudade seca. Angústia seca. Solidão seca. Nó na garganta.

* * *

Passava agora por um renque de eucaliptos à beira da pista. A brisa fresca no rosto reconfortou-o um pouco. A sombra era aprazível mas Norton não parou. Faltavam apenas uns quinhentos metros para vencer uma longa subida. Perdera a noção do tempo. Também já não sabia quantos quilômetros tinha caminhado desde o amanhecer. Pela posição do Sol, deviam ser dez ou onze horas. Encurvado, prestes a vencer aquele trecho íngreme, carregava fome, sede e pensamentos pesados.

Súbito, uma visão estranha, como que uma miragem, fez Norton estacar

no topo da subida. O coração acelerou. Fechou os olhos. Abriu-os de novo. “Não é possível! – exclamou. Mas era verdade. Lá estava o Cristo, a cinquenta metros, esperando-o; O Cristo e a cruz. Norton viu primeiro a cruz, uma cruz enorme, encostada na guia do acostamento. O Cristo descansava na grama, deitado de costas. Norton permaneceu ali, estático, durante um momento, observando. “Meu Deus! – exclamou – o que é aquilo?! De novo lembrou-se das palavras: “Pega a tua cruz e segue-me.” De repente o Cristo sentou-se na grama e olhou na sua direção. Norton viu-lhe o rosto. Era negro. “Um Cristo negro! – exclamou – não é possível!” O Cristo acenou para ele. Norton aproximou-se. Sem receio mas com uma interrogação enganchada na “cuca”.

- Olá, companheiro! – Norton foi dizendo e arreando a mochila. Estirou-se na grama e manteve o corpo inclinado, apoiado no cotovelo.

O negro não respondeu à saudação de Norton. Mediu-o com os olhos. Meteu a mão no bolso da jaqueta e puxou um maço de cigarros Arizona. Estendeu-lhe o maço. Norton acendeu o cigarro, puxou uma fumaçada comprida e tragou profundamente. O peito rachou. Os olhos lacrimejaram.

- Forte, hein companheiro! – Norton exclamou tossindo.

O negro resolveu soltar a voz.

- É curtinho mas é forte o danado.

- Vai p'ra Aparecida também? – indagou Norton.

- Vou. Isto é, até aqui eu vim. Saí ontem do Jaçanã, às oito horas da noite. E o senhor, de onde vem?

- Venho do interior. Mas até São Paulo vim de trem. Estou vindo a pé desde a estação rodoviária. Saí de lá ontem às seis da tarde.

- É! Mas não sei se dá p'ra continuar não. Dá uma olhada. - O negro abriu a gola da jaqueta e mostrou. O ombro direito sangrava. Norton sentiu pena. Chocou-se.

- Dá, sim, companheiro. Eu te ajudo.

- Não pode. A promessa que a minha mãe fez foi p'ra eu carregar sozinho, até o fim.

- Mas isso não tem importância. O próprio Cristo foi ajudado. Façamos o seguinte: Eu serei o seu cireneu e você será o meu.

- O que é que o senhor quer dizer com isso?

- Quero dizer que eu o ajudarei a carregar a sua cruz e você me ajudará a carregar a minha.

- Mas aí o senhor leva desvantagem. Essa mochilinha aí não pesa nada.

- Quanto pesa a sua cruz?

- Quarenta quilos.

- A minha pesa toneladas. E garanto que a sua também. Porque se você 'tá carregando essa madeira aí, alguma coisa lhe aconteceu que pesa muito mais do que ela.

- 'Tô começando a entender. O senhor parece que sabe das coisas. Fez promessa também?

- Não. Estou fazendo penitência e revendo conceitos. Procuro o Cristo,

e tive a impressão de tê-Lo encontrado quando cheguei ali no topo da subida e vi você aqui.

- Mas foi só impressão.

- Pode ser que não.

- Já viu Cristo preto? – o negro riu.

- O Cristo é o outro. E o outro não tem cor.

- Não entendi. Quem é esse outro?

- Qualquer pessoa: branca-preta-amarela-vermelha- rica-pobre-sábia-ignorante, enfim qualquer que necessite do nosso consolo, do nosso auxílio, ou que nos console, nos socorra. Cristo revela-se à gente em qualquer pessoa, em qualquer lugar. Às vezes para mostrar sua misericórdia, às vezes para medir o nosso amor ao próximo.

- O senhor não é padre não, né?

- Não! Essas coisas eu sempre ouvi em casa e li nos evangelhos. Sou católico, ou melhor, era. Tenho família, ou melhor, tinha. Fé vacilante, insuficiente para segurar-me na religião. Quanto à família, perdi o direito moral de chefiá-la, moral e dignidade que os agiotas levaram juntamente com os bens materiais. Saí desesperado em busca de recuperação. Mas recuperar o quê? Como? Em São Paulo ALGUÉM me apontou este caminho. Na verdade eu precisava desta fuga para por a cabeça em ordem. Pensar, meditar, rever conceitos e valores, lavar a alma, enfim, encontrar um caminho...

- Vai encontrar, sim!

- ... um caminho reto, limpo, ainda que derradeiro.
- Mas vai voltar p'ra casa... não vai?

Norton não esperava pela pergunta. Baixou a cabeça. Fixou a grama. Os olhos arderam. O verde da grama ficou embaçado. Um nó amarrou a garganta. E respondeu, quase sem voz:

- Quem sabe?!

Os roncões dos motores na pista preencheram o lapso de silêncio do diálogo. O negro puxou o Arizona do bolso e estendeu-o a Norton. Enquanto fumavam em silêncio,

Norton ficou observando o companheiro. Aquele que dali por diante iria palmilhar com ele o sacrifício comum de mais de cento e trinta quilômetros ainda. O negro estava de cabeça baixa, o queixo apoiado nos joelhos, coçando de leve os pés descalços. Cabelos encarapinhados, curtos. Não era um negro-preto. Um mulato marrom- escuro. Que idade poderia ter? Uns vinte e cinco ou vinte e sete anos. Rosto pequeno, liso, imberbe; meia-dúzia de fiozinhos no queixo. Magro, estatura baixa. Trajava jaqueta de brim azul e calça marrom. As alpargatas azuis estavam ali, de bocas para o Sol, enquanto ele acariciava os pés. Eis o retrato do companheiro de Norton, por fora. Por dentro, quem sabe o que estaria ele remoendo? A cruz, encostada na guia do acostamento, bem próxima dele, trazia várias inscrições; a maior delas Norton pode ler: “Deus te acompanhe, meu filho... que Nossa Senhora Aparecida te traga de volta.”

Na boca do bernal de couro aparecia um cantil de plástico, um lombo de linguiça e uma ponta de pão.

Norton sentiu um beliscão no estômago e esticou os olhos. Devia ter ali meio metro de lingüiça. Norton sentiu- se seguro quanto ao almoço. Mudou de posição e tirou os sapatos. Com o movimento o negro acordou de sua meditação e ergueu a cabeça. Norton arriscou a pergunta:

- E você? O que foi que “te” aconteceu?

- Mataram minha mulher. Saí da cadeia ontem. Um ano e quinze dias preso! O que apanhei não ‘tá escrito!

Dá uma olhada. – e arregaçou as calças e as mangas da jaqueta. Pernas e braços cheios de manchas escuras. Calou-se. Fixou o olhar no nada. Olhar seco. Os lábios repuxaram. Norton baixou a cabeça e pensou em mil coisas. Não sabia o que dizer ao negro mas sentiu que precisava dar seqüência ao diálogo. O companheiro, talvez, precisasse desabafar.

- Tem filhos?

- Dois: um de nove e um de seis anos.

- Com quem estão?

- Com meu irmão.

“Vão trabalhar, seus vagabundos!” – gritaram. O

negro olhou feio. A Kombi sumiu.

- É a primeira vez que ouve isto? – indagou Norton.

- É,

- Não ligue não. Vamos ouvir mais vezes. Isto e outras coisas. Mas, continue. Como é que foi o negócio? Mataram sua mulher e você é quem

ficou preso?

- É. Ia chegando do serviço, de tarde. Me prenderam na porta de casa. Minha mulher ‘tava morta lá dentro. Não me deixaram ver ela. Me levaram direto p’ra Casa de Detenção. E lá fiquei um ano e quinze dias aguardando julgamento. Apanhei como um cachorro. Queriam que eu confessasse um crime que eu não tinha cometido. Então minha mãe fez a promessa. E já mandou fazer a cruz. Mas eu não sabia de nada. Na cadeia eu só pensava uma coisa: quando saísse de lá ia matar a torto e a direito. Ia ser o maior criminoso do Brasil. Ao menos assim me prendiam e me batiam com razão...

Calou-se. Tirou o cantil do picuá de couro. Tomou um gole d’água. Despejou o resto nos pés. Deitou-se de novo na grama. Cobriu o rosto com uma toalha e dormiu. O Sol estava no centro do céu. Devia ser meio dia.

Enquanto o companheiro dormia, Norton ficou tentando adivinhar o desenrolar e o desfecho de sua tragédia. Quem teria matado a mulher dele? E por quê? E as crianças? Teriam assistido ao crime? Se está aqui é porque foi absolvido. Inocente? Indultado? Bem... deixa p’ra lá – pensou Norton. – se tiver vontade me conta o resto depois. O desabafo é assim mesmo – continuou pensando Norton – eu conheço. O desabafo de uma ofensa de momento sai de uma só vez num puta-que-pariu ou num pé-de-ouvido. Mas o desabafo de uma mágoa sofrida, sentida, mastigada dia após noite, noite após dia, este não dá p’ra sair de repente porque dói. Cada palavra traz o peso de uma angústia, a recordação de um momento sofrido, a aspereza de uma saudade. A gente fala um pouquinho

e não dá mais. Fecha-se a válvula do gogó. Abre-se a torneira dos olhos. Fica tudo embaçado e a gente engole a pelota do resto que não deu p'ra sair. É fogo!

O sol queimava firme. Lá longe, o asfalto tremeluzia. Parecia um chuveiro de baixo p'ra cima. Um bem-te-vi cruzou o espaço passando sobre os dois. Norton acompanhou o seu vôo. Pousou num arbusto lá embaixo, no brejo. Foi o primeiro gorjeio que Norton ouviu naquele dia: “bem-te-vi” ... “bem-te-vi”. Voltando a cabeça, Norton olhou para o companheiro. Dormia ainda. “Eis aqui o meu Cristo.– pensou.- Descansa de uma canseira que eu não conheço por inteiro mas que deve ter sido uma canseira sofrida, maior do que a minha. Aqui está o meu Cristo, que apareceu para consolar-me e medir o meu consolo; para ajudar-me e receber a minha ajuda. Aqui está o meu Cristo, revelado num condenado inocente como Ele próprio o foi. Transfigurado na alma pura de um negro. Sinal de que nem tudo é negro como parece”.

Norton ergueu a cabeça. Olhou ao longo da rodovia. Subidas e descidas. “Assim tem sido a minha vida – pensou – subidas e descidas. E eu tenho sido um veículo... veículo mal dirigido: roda, roda ultrapassando os limites de velocidade, cruzando sinais vermelhos, enfim, infringindo as leis de trânsito da vida. De repente, bumba. Tromba. Fica uns tempos na oficina, leva uma “garibada” e, pintado de novo, volta a circular. Mas sempre será um carro batido, desvalorizado para negócio.

– Norton concluiu seus pensamentos meneando a cabeça: - A minha trombada foi grande. Não há oficina que me ponha novo. Quem vai querer esta sucata??!!” Absorto nos pensamentos, Norton assustou-se

quando o negro, de um salto, sentou-se na grama, os olhos arregalados, gritando alucinado: “não... não!!! – meteu a cabeça entre os braços, as mãos crispadas para cima, como se se defendesse, gemeu desesperado: “não... não... não me bate... não me bate, pelo amor de Deus... não me ba... não me ba-a-a-te” – soluçava, sacudia os ombros aceleradamente. Depois, parou de gemer. Aquele sacolejar sofrido, intercalado de compridos haustos, foi diminuindo, diminuindo. As mãos escorreram-lhe da cabeça e o negro, encolhido, inclinou-se lentamente para a grama. Norton sentiu um dó imenso do companheiro e decidiu nada dizer-lhe quando acordasse.

Dormia tranqüilo, agora, o Cristo. A longos espaços, respirava fundo e o peito arfava.

* * *

Quando o negro abriu os olhos e viu Norton, olhou-o demoradamente

- Vamos indo? – disse-lhe Norton.

- Vam’bora. – E sentou-se.

Norton tirou da mochila um dos cobertores ralos que tinha e protegeu o ombro do companheiro, já esfolado pela forquilha da cruz.

- Agora sim – exclamou, alegre, o negro. – Com este calço aqui eu vou até o fim do mundo. Prefiro caminhar o resto da vida a ficar preso naquele cubículo. Já pensou?... o juiz já ia ler a sentença: 18 anos! Se aquele danado não entra na hora e não confessa, eu “apodrecia” na cadeia.

Norton olhou p'ro negro, sorriu um sorriso feliz e pôs a mão sobre o seu ombro. - Vamos indo, então?

- Vam'borá.

O Cristo na frente e Norton atrás. O negro com a cruz no ombro e Norton com a cruz na alma. O pé do madeiro chiava na areia e martelava nas pedrinhas do acostamento. Era um quadro da Via-Sacra deslizando na paisagem da Via Dutra.

* * *

- Se o senhor não aparecesse eu não chegava lá não. Já 'tava pensando em entrar na primeira cidade e deixar a cruz na igreja.

- Chegaremos lá... você vai ver. Também tive sorte de encontrar você. Acho que já é tempo de a gente se apresentar. Meu nome é Norton... E o seu?

- Izael ... Ízael Antonio dos Santos.

- O que você fazia antes de ser preso?

- Trabalhava no Estadão... Nas oficinas.

- Eu também mexia em jornal. Isto é, escrevia alguma coisa. De profissão era bancário... e Professor. Tive que pagar um aval e acabei caindo nas garras de agiotas... que me depenaram. E aqui estou, companheiro... depenado, espatifado.

- Esquece. Sacode a poeira. Começa de novo. O senhor não precisa

dizer que é inteligente. Suas palavras falam tudo. Arranja outro ganho.

Norton silenciou. O pé da cruz riscava na areia e martelava nas pedras. O sol castigava. A fome apertava. Caminhavam, agora, em silêncio. Entre um e outro ronco de motor, apenas o chiado do madeiro no chão do acostamento.

Norton apiedava-se do companheiro embodocado sob a cruz e rezava com a fé daqueles que acompanharam Cristo ao Calvário. A emoção vivida por Norton, naquele momento, aplacou a sua angústia, a sua saudade, as suas misérias. “Pai nosso que estais no céu...” – Norton ia rezando baixinho.

O Cristo estava disposto mas Norton fazia um esforço incomum para acompanhá-lo. Sentia bambear-lhe as pernas. Estranhava o seu cansaço pois estava acostumado a andar quinze, vinte quilômetros no mato, caçando, aos domingos. Devia ser por causa da fome, da fraqueza do estômago ou da fraqueza da alma. “Quando se caça, distrai-se – pensou – Agora estou no lugar do cachorro. Procurando pelo faro. Quando negaceio e tento encostar numa sobra, vem alguém e me dá com o joelho na bunda e eu vou em frente. A língua de fora, seca. Respiração ofegante. Pisando no meu encaço, as botas dos agiotas não me deixam parar. O rabo entre as pernas, procuro como um louco. O campo é imenso, Centenas de caminhos se cruzam, se entrecruzam. E eu fico perdido. Onde encontrar a caça? Tomara que a encontre logo.... que possa levantá-la em bom ponto de mira. Um tiro reboará no cerrado, seguido da gargalhada do caçador. Então eu pegarei a caça, morta na minha boca e soltarei nos pés do meu dono o testemunho da sua façanha. Depois, talvez, eu

possa descansar em paz”.

* * *

Duas horas da tarde. Por aí. O sol queimando firme. Nenhuma viração para abanar os rostos suados dos dois peregrinos. Tirante o movimento da pista, tudo parado. O ar parado. As folhas paradas. Izael parou. Lambeu os lábios e queixou-se da sede. Norton ajudou-o a descer a cruz.

- Quantos quilômetros já andamos? – perguntou Izael.

- Sei lá. Não reparei nas placas. Mas isso não importa. Quando chegarmos, chegamos.

- É bom descansar um pouco.

- Olhe uma sombra lá embaixo. Vamos tocar até lá

Desceram uns quinhentos metros. No fim do corte, viram um casebre, à esquerda,, lá embaixo. Norton pegou o cantil do companheiro e, enquanto este se dirigiu para a sombra dos eucaliptos, desceu pelo trilho até o casebre. Girou a taramela e o portãozinho rangeu. Um vira-lata deitado à sombra da cobertura do tanque, abriu um olho só e bateu com o rabo no chão uma só vez e displicentemente. Recepção mais desanimada Norton nunca vira. Tudo fechado, tudo quieto. Bateu na porta da frente. Nada. Deu a volta, bateu na porta da cozinha. Ninguém em casa, deduziu. Foi à cisterna. O primeiro balde d’água, despejou-o na cabeça. Depois descalçou- se e molhou os pés. Lavou as meias, torceu-as e amarrou-as ao cinto. Bebeu bastante, encheu o cantil e tomou o trilho de

volta. Encontrou o companheiro dormindo, a cruz encostada num tronco.

- Aqui está a água, companheiro – gritou. Gostinho de barro mas dá p'ra matar a sede.

Izael sentou-se, esfregou os olhos, coçou os pés e bebeu metade do cantil. A outra metade despejou-a nos pés. Arrotou, acarinhou a barriga e olhou o picuá.

- Acho que 'tá na hora de comer um pouco.

- Você é quem sabe. A bóia é sua.

Fizeram uma fogueira e improvisaram dois espetos de vara verde. Assaram toda a lingüiça e chamaram-na no peito. Izael tinha ainda dois maços de Arizona no picuá. Norton já se habituara àquele cigarrinho curto e forte. Sentiu que se pudesse um dia voltar a fumar Hilton, Minister, Hollywood, não teriam mais gosto para ele.

- Será que depois de amanhã a gente chega lá? – perguntou Izael.

- Que é isso?! Temos mais de cento e vinte quilômetros ainda. Muito mais. A gente não consegue andar mais de vinte ou vinte e cinco quilômetros por dia. Acho que um homem é capaz de andar até quarenta quilômetros num dia. Mas um dia só. Seguido assim a coisa vai diminuindo. Quero dizer que a média vai ser essa: 20/25 km por dia. Segunda ou terça feira estaremos lá. Se Deus quiser.

- Que dia é hoje?

- Quarta-feira, 21.

- 'To pensando lá em casa. O pessoal me espera sábado, o mais tardar.

- Pode tirar o cavalo da chuva.

- E dinheiro p'ra voltar?

- Dá-se um jeito. Limpa-se um quintal ou faz-se um serviço qualquer e ganha-se a passagem de volta. O amanhã a Deus pertence. Não se preocupe.

- Penso nos velhos...

- Sabe que eu cheguei a condenar sua mãe?

- Por quê?

- Quando você me contou a história, pensei: “Não faria um voto desses para um filho meu cumprir. Eu mesmo viria trazer essa cruz. O que uma pessoa precisa ao sair da prisão é de um bom tratamento, isto sim. Tratamento físico e psicológico.” Meditando depois concluí que tinha razão a velha.

- Por quê?

- Você com aquela idéia ruminada de sair matando a torto e a direito. Não poderia haver terapêutica melhor do que esta p'ra você.

- Foi justo o que aconteceu. Quando cheguei em casa e me entregaram a cruz, abracei ela e decidi vir logo.

- É... a velha foi sábia. Querendo ou não, ela foi sábia. Aliás, as mães são sábias. Minha mãe, por exemplo, não tinha nenhuma escolaridade mas não conheci ninguém mais sábio do que ela.

- Minha mãe é baiana. Somos todos baianos. Viemos p'ra São Paulo faz dez anos. Meu pai é bem queimado. Na rua chamam ele de pau-de-

fumo e ele fica puto da vida. Tem oitenta anos já o velho. Mas não pára. Sai de manhãzinha com um enxadãozinho e uma foice.

Ninguém sabe aonde ele vai. Volta já anoitecendo. Se lava. Põe a garrafa de pinga na mesa. E fica contando estórias de antigamente. Qué vê o velho subir a serra é falar mal do Padre Cícero. Diz que foi amigo dele. Lá em casa todo mundo respeita o velho. Ninguém pia perto dele. Se a TV 'tá ligada no Chacrinha manda mudar de canal. Não suporta mulher de perna de fora. Acha uma imoralidade. Traz minhas irmãs num cortado. Vestidos p'ra baixo dos joelhos. Mas as meninas são espertas. Já fazem os vestidos no jeito de dobrar e prender com colchetes. Lá fora se arranjam. Dez horas da noite todo mundo em casa. Se não o velho se planta no portão e espera com a chibata. Namorado não chega perto. Um dia o senhor vai lá. Casa de pobre mas gostaria que o senhor fosse.

- Vou sim... com muito gosto. Que faziam vocês na Bahia?

- A gente tocava roça. Mas não dava pé. Miserê danado. Tinha dezesseis anos quando fugi com minha mulher. Ela era branca. Filha de espanhóis. Já naquela época queriam matar ela e eu. Aí viemos p'ra São Paulo. Vim na frente com ela. O resto da família veio depois. O tempo passou e a espanholada veio atrás. Instalaram-se no mesmo bairro. Começaram dando sinal de tudo esquecido. Pegavam meus meninos e levavam na casa deles p'ra brincar. Eu, na boa fé, não cismava de nada. Mas o primo dela já viera com plano de matar ela e eu.

- Esse primo dela era solteiro?

- Não. Casado. Ele é quem levava os meninos p'ra brincar na casa dele.

- Gostava dela esse primo?

- Sei lá. Acho que não. É que espanhol é gente ruim mesmo. Matou minha mulher na hora do almoço. Primeiro veio cedo e levou as crianças. Depois voltou p'ra matar ela.

- De faca?

- Não sei. Não me contaram tudo ainda. Agora quando voltar é que vou saber de tudo. Só sei que ninguém desconfiou dele. Ele mesmo veio trazer as crianças de tarde e deu o alarma. Dali a pouco cheguei do serviço e a polícia me levou, sem explicações. Nem me deixaram ver ela. Um ano e quinze dias eu “marguei” na prisão. Curti uma saudade doída porque sabia que nem que saísse eu não via mais ela. Nunca mais!

- Tem nada não, companheiro, Você tem os filhos. Viva com eles. Você é moço ainda. Muitas alegrias podem estar reservadas para você.

- Acabando esta promessa vou correr mundo.

- Não faça isso. Volte p'ro trabalho. É a melhor coisa.

- Os meninos estão com meu irmão. Não precisam de nada. Meu irmão está bem.

- Mas se você ficar por perto pode acrescentar alguma coisa. O carinho de pai, por exemplo.

- Não posso ver mulher com criança na rua. Não posso ver um casal de mãos dadas. Tudo aquilo me volta. E a saudade me machuca. Vivemos dez anos juntos. Não é um dia. Sofremos juntos. Fomos perseguidos juntos.

- É fogo mesmo! Por isso é que você deve ficar perto dos filhos. Eles

são dela. São ela mesma, enfim. Compreendo o seu problema, porque também não posso ver criança, nem casal de mãos dadas, nem gente fazendo carinho. O gogó aperta e os olhos queimam.

- Mas o senhor 'tá bancando o besta. Desculpe. Passa por cima de tudo e volta p'ra casa. Olha, não desejo não. Mas se morrer algum o senhor vai ver que não valeu a pena. Morreu, acabou, nunca mais.

- Deus me livre. – Norton baixou a cabeça. A pelota subiu crescendo e tapou a garganta. Uma gota de saudade pingou na areia. Olhou p'ro Izael que enxugava os olhos na manga da jaqueta – Vamos indo?

- É... vam'bora.

As meias de Norton já estavam enxutas. Calçaram-se ambos. Ergueram-se devagar. Parecia que nervos e músculos tinham-se encolhido. Permaneceram semi- erguidos por algum tempo. E os primeiros passos tiveram que ser dados daquele jeito mesmo. Izael embodocado sob a cruz e Norton curvado sob a sua mochila. Até que as engrenagens se esquentassem era aquele sofrimento. Tudo doía. A cada reinício de caminhada era aquela operação esquentamúsculos-estica-nervos. Aos poucos o motor ia esquentando. Em compensação, quando fervia, o radiador pedia água e nem sempre estavam próximos de algum abastecedor. Agora, porém, estavam fortalecidos pelo lauto lanche de pão com linguiça. Com o estômago calçado era outra coisa. Motores aquecidos, andavam mais depressa, mais animados. O Cristo na frente e Norton atrás.

Os pneus dos veículos chiavam no asfalto. O pé da cruz chiava na areia e martelava nas pedras.. “Ave Maria, cheia de graça,..” – Norton

retomava sua reza mastigando as contas de um rosário que parecia não ter fim, gozando do privilégio de ruminar os seus pecados na presença do Cristo... porque não poderia imaginar outra coisa vendo aquela humilde criatura , com a cruz nos ombros, caminhando ao seu lado para o mesmo destino.

* * *

O Sol sumiu do espaço visível.

- Quantos quilômetros? – perguntou o Izael.

- Sei lá. Besteira ficar contando. Parece que não rende. Mas foi uma boa puxada. Quer descansar um pouco?

- É bom. Mas não muito tempo. Precisamos aproveitar a fresca.

Desceram as cargas. Sentaram-se na guia do acostamento e queimaram um Arizona cada um. Entregues aos seus próprios pensamentos, não conversaram. A noite aproximava-se. Era a hora da angústia, a hora da saudade. Norton achava impossível pronunciar qualquer palavra. A garganta entupia mesmo. A fumaça ardida do cigarro forte rachava o peito e trazia para fora novelos de saudade que se perdiam nas espirais. Em dado momento, Norton não se sentiu ali.

Transportou-se. Pela janela de sua casa, contemplou a família. As crianças à mesa, batendo com os talheres nos pratos vazios. Esticou os olhos pelo corredor até a cozinha. O fogão apagado, a mulher chorando.

- Vam'bora? – a voz de Izael parecia vir de longe. Norton voltou ali quando o companheiro já se punha de pé. Esfregou os olhos com as costas da mão. Jogou a mochila p'ra cima do ombro. E foram andando, penetrando a noite que lentamente penetrava o espaço.

O movimento na pista era intenso. Nos pequenos intervalos de silêncio Norton ouvia, longe, o último lamento de uma cigarra. Uma brisa fresca perpassava balançando o capim do barranco. Boquinha da noite. Hora penosa de atravessar. Era preciso uma energia de louco para suportar aquele momento de Norton. Vai-vens de recordações amargas; empurrões de arrependimentos inúteis; chacoalhões de erros irreparáveis; pontapés de um passado deplorável. A cabeça povoada de vida vivida. O corpo povoado de fraqueza e de cansaço. A alma povoada de remorsos e de saudades. E o quadro imaginado há pouco ampliava-se na mente de Norton: as crianças à mesa, batendo nos pratos vazios; o fogão apagado; a mulher chorando. E a cena foi mudando-se, ficando mais desesperadora: as crianças chorando de fome; a mulher soluçando debruçada na mesa da cozinha. As súplicas enchiam-lhe os ouvidos: “mãe, tô com fome... mãe, quero comida.” Norton estava já com os dedos enfiados nos cabelos, quando um lampejo de fé varreu de sua mente aqueles pensamentos desesperadores. Sacudiu a cabeça como um cão que sai do rio. E rezou:

“Ave Maria cheia de graça...” e sentiu que o bálsamo do Ângelus que caiu com a noite alojou-se no seu peito.

* * *

Noite fechada. Os faróis dos veículos projetavam no barranco o quadro da Via-Sacra. A cruz, enorme, subjugava o Cristo cuja cabeça aparecia na forquilha. Ao seu lado, o Cireneu. Norton afastou-se um pouco para assistir àquelas cenas emocionantes. De longe, os faróis batiam, a cruz ia crescendo na tela do barranco e o Cristo se agigantava com ela. À medida que os faróis se aproximavam, o quadro ia deslizando na panorâmica até se apagar. Outros faróis surgiam e a cena repetia-se. Norton imaginou que a fé é como um farol. Sem ele não se pode ver o Cristo. Quem vive eternamente em noite escura não O vê nunca – pensou. É preciso que haja um farol. E quanto maior, mais possante for esse farol, maior o Cristo se projetará na tela da nossa vida. Dentro de todos nós há um farol. O que falta em muitos é aquela carga de energia que o faz acender. Suponho que a alma é o farol – pensou Norton. O corpo é a bateria, o acumulador de energia. Os atos cristãos são os elementos produtores da energia. Se nos mantivermos ligados na tomada de boas ações, a energia vai acumulando-se. Quando a carga estiver completa o farol acenderá e o Cristo se projetará em nós. Acontece, às vezes, que quando a bateria está já com meia carga acumulada, a gente provoca um curto-circuito e ela se descarrega completamente. É preciso que se repare o defeito e se ligue de novo naquela tomada. Entretanto, a cada um foi dado um único acumulador. Urge, pois, que se faça o farol acender antes de a bateria pifar, porque os caminhos, depois, não terão luz. E caminhar no escuro é vagar sem rumo.

Distraído na contemplação daquele cinema ao ar livre e absorto em pensamentos de um cérebro cansado, atordoado, Norton não percebeu

que o seu Cristo caminhava rente ao asfalto. A buzina de um veículo é que lhe chamou a atenção e o fez saltar de lado.

- Izael!... mais para a esquerda. – Norton gritou e adiantou o passo.

- Acho bom o senhor ficar do meu lado. Os faróis me atrapalham. Sabe o que é? Um ano dentro de um cubículo quase não vendo a luz do Sol? Minha vista arde muito. Quando os faróis batem preciso fechar os olhos.

- Tem nada não. Eu te guio. Melhor eu ir na frente. Cubro os faróis. O clarão é constante. Você caminha de vista baixa, olhando nos meus calcanhares... Feito?

- Feito... É... assim dá legal. Que horas seriam?

- Sete e meia, oito, por aí. “Tá cansado?”

- Um pouco. Mas vamos puxar mais. Depois a gente dorme. Onde estamos?

- Creio que perto de Arujá. “Ta com fome?”

- Bastante.

- Eu também. “Te güenta”. Não vai ser fácil arranjar comida.

- Será que não tem algum posto perto?

- Sei não. Afinal, nós viemos aqui p’ra comer ou p’ra sofrer?

- Como?

- Nada.

* * *

A rodovia parecia um grande rosário de contas luminosas. Uma fila interminável de veículos que passavam de olhos arregalados. O vento lambendo as orelhas dos dois andarilhos. O óleo queimado sujando-lhes as roupas e entrando-lhes pelos poros. O bafo quente dos escapamentos nas pernas. Os estômagos queimando. As goelas secas. Norton passou a mão pelo rosto. Lixa de pelos. Lixa de areia besuntada de óleo. O braço que segurava as pontas da mochila, adormecido. Agora Norton ia na frente e o Cristo seguia os seus passos. Entre um veículo e outro, o martelar do pé da cruz que saltitava nas pedras. Parecia um pica-pau martelando madeira oca. Na pista, o rosário de faróis. No céu as contas esparramadas de um rosário partido em mil pedaços. No caminho da penitência, Norton e o seu Cristo, e as suas cargas, pisando o desconhecido da noite desconhecida, do momento desconhecido do lugar desconhecido. A noite dos seus dias furando a noite do dia-a-dia. No bamboleio cansado de um tempo não contado, o caminho teimoso passava vagaroso. Fome-fraqueza-sede-cansaço. Norton parou e olhou atrás. Izael estacou e perguntou:

- Que horas são?

- Você ainda não se convenceu de que eu não tenho um relógio? Tanto pode ser nove horas como meia-noite.

E daí?!

- Seja a hora que for é melhor a gente esticar. Não dá mais p'ra andar não.

- Falou! – Desceram as cargas. Norton sentou-se na mochila e Izael na guia do acostamento. Puxaram a fumaça de um Arizona, meio-a-

meio. Acharam que já era tempo de começarem a economizar os cigarros.

- Onde é que a gente dorme? – perguntou Izael.

- Dê uma olhada. O hotel é imenso. Olhe o forro. Salpicado de estrelas. Melhor que Eucatex. Você prefere um apartamento ou uma suíte? Pode escolher. Tudo grátis.

- “Tá brincando. Mas um bom banho agora até que ia bem.

- É só esperar um bocado. O sereno da madrugada não demora. E que tal jantarmos antes de dormir? Caminhamos tão distraídos que nos esquecemos do jantar. O que prefere? Um filé com fritas ou um frango a passarinho?

- Não brinca, siô.

- E p’ra beber? Uma Brahma bem gelada?

O farol bateu no rosto do negro e Norton pode ver-lhe o sorriso murcho.

- O senhor tem espírito!

- O “Senhor” tem mesmo. A gente deve falar o que pensa. Na hora da fome e da sede quem é que não pensa em filé e cerveja gelada? Ou será que você estava pensando em inflação?!

- Bidu. Que bicho é esse... inflação? Por que só falam nisso agora?

- É uma doença que dá no dinheiro.

- Doença?

- É. Uma doença que vai minando o valor dele. Você não percebe que ele vale cada vez menos?

- Verdade. Mas isso acontece só no Brasil?

- Não. No mundo inteiro. Virou epidemia. O dólar está doente, o franco está doente, o marco está doente, a libra, a lira, o peso, enfim quase toda a raça monetária sofre de inflação. Quem escapou acho que foi só o petrodólar.

- Que dinheiro é esse?

- Quer saber de uma coisa? Você entende de Economia?

- Não.

- Nem eu. Vamos mudar de assunto. P'ra que time você torce?

- Não gosto de futebol.

Norton fracassou na tentativa de fazer o companheiro falar alguma coisa. Queria mantê-lo acordado o mais que pudesse. Desagradava-lhe ter que ficar só. Deitar-se sem ter sono. Temia passar outra vez pela sofrida curtidão da noite anterior. O silêncio e a solidão ampliavam o espaço de vôo dos pensamentos de Norton.

Quanto mais só se está mais longe se vai – pensava Norton. Izael, entretanto, precisava de dormir. Habitado às prolongadas dormideiras da prisão, o sono vinha-lhe fácil. Talvez sofresse tanto ou mais do que Norton mas a sua consciência estava tranqüila. Era a sua vantagem sobre Norton que, pensando nisso, resolveu deixá-lo dormir. Contudo, para quebrar o silêncio, Norton perguntou só por perguntar.

- Afinal, de que você gosta?

- Gosto de chegar em casa, ver os meninos brincando e a mulher em roda do fogão... isto é... gostava.

- Norton percebeu o rumo do assunto e cortou:

- Vamos dormir, então?
- Acho bom. Onde a gente deita?
- Não temos escolha. É entrarmos no mato porque aqui, além do barulho, é perigoso.

Norton jogou a mochila para cima do pequeno barranco para poder ajudar o companheiro a transpô-lo com a cruz. Avançaram uns cinqüenta metros mato a dentro. Encontraram uma vala rasa. No escuro, perceberam que pisavam em erva rasteira, ressequida. Sob um arbusto de folhagem rala, desceram as cargas. Norton desfez o nó da mochila e estendeu o seu leito. Acomodou-se. Ao esticar as pernas, sentiu que pareciam mortas.

- Boa noite, companheiro. – Nenhuma resposta. Ergueu a cabeça. O Cristo escuro na noite escura. Encolhido sob o cobertorzinho ralo, a cabeça apoiada no picuá de couro.

Norton olhou o céu e a cada estrela contou um pecado. Repartiu com elas as suas saudades e os seus remorsos. Sentiu uma vontade doida de fumar mas o companheiro dormia profundamente. Devia ser mais de meia-noite. O movimento na rodovia diminuía bastante. De quando em quando o leve chiado de um veículo. E o sono não vinha. Já não dormira na noite anterior. O corpo muito cansado mas a cabeça povoada de pensamentos martirizantes. As estrelas sumiram do espaço e o orvalho começou a cair, a princípio fininho, depois quase como um chuvisco. De espaço em espaço um pingo mais grosso escorrido das folhas do arbusto. A umidade foi infiltrando no lençol e no cobertorzinho. E Norton foi encolhendo-se até o máximo que as articulações lhe permitiram. O frio foi aumentando e ele começou a tremer. Então não pensou em mais

nada. O corpo inteiro tremia e o queixo batia. Impossível permanecer ali, naquela situação. O lençol molhado, a coberta úmida, o cabelo encharcado de orvalho. Tentou esticar as pernas. Tudo molhado, gelado. Não dava coragem de mexer-se, mudar de posição. Também não dava mais para agüentar aquilo. De um salto, pôs-se de pé, e sem dar pelas dores musculares, começou a pular e a dar murros no vento para aquecer os músculos e ativar a circulação. Izael acordou assustado e sentou-se.

- Que que foi? Que que foi?

- O frio. É o frio. Não consigo dormir.

- Que horas são?

- Sei lá. – Norton chegou a ficar suarento com aquele exercício cabrital. Sentou-se ao lado de Izael que já acendera um Arizona. Repartiram a fumaça.

- Vamos aproveitar a madrugada? Na hora do sol quente a gente dorme.

- Vam'bora – concordou Izael.

Ajeitaram as cargas. Os cobertores serviram-lhes de mantas. Pareciam, agora, dois beduínos. Os faróis projetavam no barranco as silhuetas de dois grandes frades: um com uma grande mochila e o outro ombreando uma enorme cruz. Norton tomou a dianteira e foram caminhando silenciosamente. Depois de dois quilômetros apenas, deram na entrada de Arujá. Ganharam um café no bar do posto e sumiram de novo na neblina da madrugada. “Luz baixa ao cruzar veículo”

A recomendação da placa servia também para eles. A cada veículo

que passava tinham que fechar os olhos. A golfada de vento frio levantava do acostamento aquela areinha fininha que beliscava nos rostos deles. O bafo quente dos escapamentos àquela hora até que era bom. Mas a fumaça preta, de óleo queimado, entrava pelas narinas e revirava-lhes os estômagos vazios. “Pai nosso que estais no céu...” – o negócio é rezar – pensava Norton. Aproveitar para rezar. Aproveitar o momento sofrido que nos dá a sensação de que as palavras saem do mais fundo da alma. É quando a gente se confunde, mistura fé com sentimentalismo, saudade com esperança, vingança com perdão, ódio com amor. Então a gente diz o que não pensa e pensa o que não diz ou diz uma coisa e pensa outra ou diz outra e pensa uma. É a luta do ser e do querer ser ou do querer ser e o não poder ser. É o processo de filtragem dos componentes do Bem e do Mal que chegam juntos no canudo do funil. E se comprimem e se entrelaçam e se esfregam e se separam. E o funil da garganta se fecha e se abre, se arranha, arde e queima, até que se abrande o ardume da vingança e se apague o fogo do ódio e a saudade se desvaneça. Desobstruído o funil, as palavras saem limpas, seguras, sinceras. O amor e o perdão descem no peito e se alojam tranquilos no fundo da alma. Então a gente percebe que está falando com Deus.

Izael nunca soube que, enquanto não conversavam, Norton rezava em voz baixa. E fazia o mesmo, sem que Norton o percebesse. Sabiam pouco, um do outro.

Sabiam de cada um a história que cada um houvera contado. Impossível, entretanto, penetrarem-se nas almas. Um negro e um branco. Tanto poderia ser um negro de alma negra e um branco de alma branca,

como pudesse ser um negro de alma branca e um branco de alma negra. Há santos brancos e santos negros como há pecadores negros e pecadores brancos. Nem santos nem candidatos a santos. Apenas dois cristãos, dois seres humanos, enfim dois homens que se encontraram no exato momento em que um precisava do outro e que palmilhavam agora o mesmo trilho, curtiam a mesma penitência em busca de um caminho. O negro recém saído de uma prisão injusta e o branco gozando de uma injusta liberdade... Quem teria mandado um para o outro????!!!

* * *

O Sol andaria por perto. Podia ser até que já tivesse saído de trás do morro mas a densa neblina encobria tudo. Já não havia escuro. Manhãzinha fria e fumacenta. Os faróis dos veículos apareciam de repente como que saídos de um novelo de fumaça. Às margens da rodovia só se viam as silhuetas dos primeiros arbustos. Era uma névoa só. Izael gritou atrás de Norton:

- Parar um pouquinho? – No que ouviu, Norton parou, desceu a mochila, sentou-se nela e olhou para trás. A vinte passos a cruz veio emergindo da neblina e a figura negra do Cristo furou o branco da fumaça. Bamboleando sob o peso do madeiro. As pontas do cobertor esvoaçando ao vento gulfado pelos veículos. O flagrante inusitado provocou em Norton profunda emoção.

Izael desceu a cruz, respirou fundo e sentou-se.

Descalçou os pés e mostrou: o tendão do pé direito em carne viva.

- Que foi isso? – perguntou Norton.

- A costura da “conga”. Não sei se o pé inchou ou o calçado encolheu.

- Dobre essa parte p’ra dentro que a conga funciona como chinelo.

- Já experimentei. Forma uma pelota aí que não dá p’ra pisar. Dói o calcanhar. Bom se a gente tivesse um negócio p’ra cortar esta parte de trás. – Acharam um caco de vidro mas não conseguiram cortar a diaba da lona.

- No primeiro posto aí a gente dá um jeito. Fazer o quê?!

- Acho que vou tocar é o pé no chão.

- Pior. Do jeito que pé de preso é fino daí a pouco a sola do pé vai embora.

- Pé de preso! – riu – essa é boa!

- É isso mesmo. Fosse o tempo em que você capinava na Bahia o solado desse troço aí era café- pequeno perto do cascão do seu pé.

- Não brinca que é verdade.

- Eu sei. Eu não capinava nem nada mas só meti um sapato no pé quando era quase homem. Estrepe de guaxuma vergava mas não furava o cascão. Mais duro que um tamanco.

- Você é engraçado!

- Gostei do “você”. Continue assim. Mas falo sério. Conhece aquele costume antigo de atravessar-se a fogueira na noite de São João?

- Sim... conheço.

- Pois é. O negócio era p'ra ser feito à meia-noite. Mas a gente atravessava logo às nove horas. Fazia-se o esparramo das brasas e saía-se pisando sobre elas, tranqüilamente.

O sorriso largo do negro foi afinando, afinando e sumiu. Um vislumbre de tristeza desenhou no seu rosto.

- Preferia aquele tempo! – disse.

- E eu também. – concordou Norton – Ainda esta noite estive recordando pedaços da minha infância. Já disseram que “recordar é viver”. E disseram também que “recordar é sofrer”. Estou mais de acordo com a última afirmativa. Porque se a gente recorda momentos felizes a gente sofre por não poder revivê-los. E se recorda momentos sofridos, a gente torna a sofrer. O que acha você?

- Acho que é bom recordar. Mas só os bons momentos. Quanto mais a gente revive os bons momentos, os momentos sofridos vão se apagando, ficando mais longe. Entende?

- Filosofia de baiano. E de bom baiano. Gostei. Mas tem uma coisa: Os maus momentos não devem ser totalmente esquecidos. Eles servem de ponto de comparação. Agora, por exemplo, estou vivendo um duro momento que, comparado com outro pior, já vivido, este não me parece tão duro. Se me lembro das horas sofridas, desesperadas que passei num hospital com filho sofrendo delicada cirurgia, nada me parece tão penoso. Você curtiu um ano de prisão e, neste momento, está em liberdade. É o método comparativo que ponho p'ra funcionar na cachola quando estou deprimido. Já ouvi uma canção sobre a infância que termina com este verso: “eu era feliz e não sabia”. Lógico. Quem nunca sofreu não sabe

se é feliz. O que é a felicidade se não o inverso da infelicidade? Quem nunca foi infeliz não tem ponto de comparação para saber se é feliz. Simplesmente é feliz e não sabe.

- Mas pode comparar com a infelicidade dos outros. Não pode?

- Ninguém sente o infortúnio dos outros. Avalia, comenta, mas não sente. É diferente. O sofrimento dos outros é dos outros.

- E quando o passado foi melhor que o presente, como é que a gente faz?

- Não se esqueça de que o presente é o passado do futuro. E o futuro é incerto. Poderá ser melhor ou pior. Quando chegar lá, se for pior, você vai achar que este presente, que então será o passado, foi bom em comparação com aquele presente, que é o futuro. Deu p'ra entender?

- Quase – respondeu o baiano, sem convicção.

- Traduzindo do Português para o Baiano (o baiano riu), quero dizer que a gente deve viver o presente porque o passado não volta e o futuro... a gente nunca sabe; poderá ser melhor ou pior, como poderá ser o fim. Falei muito, baiano?

- O suficiente p'ra eu não entender nada.

- Ótimo! Porque agora eu vou dizer o contrário e você me chamará de louco.

- Por quê?

- Porque, na verdade, somos produtos do passado. O passado de cada um está dentro de cada um. Uns arrotam glórias do passado. Outros mastigam misérias do passado.

- Quer dizer que a gente vive do passado?
- Isso mesmo. Aliás, como já disse, somos produtos do passado.
- E o presente?
- É fugaz. Num instante vira passado.
- E o futuro?
- Mera expectativa.
- Você p'ra mim é louco.
- Obrigado, colega.
- Falou bonito mas não disse nada.
- Como todo bom filósofo.
- Que é filosofia?
- Com efe maiúsculo é uma ciência.
- E com efe minúsculo?
- Simples jogo de palavras. É como a poesia. Você lê, pensa um pouco, suspira, flutua. As palavras se gastam na ruminação e você cai de novo em si mesmo, na sua rotina miserável.
- Você é poeta?
- Faço meus versos. Mas vivo o meu drama. Canto o amor porque careço dele. Canto a alegria que não sinto e a felicidade que não vivo. Não dá p'ra entender. Você me pregou um sermão de otimismo. Depois se contradisse. E termina desse jeito?
- É assim mesmo. A gente confunde a vida. Porque a vida também

confunde a gente. Foi um pedaço de vida confundida que passou na minha mente. Borrifos do passado na tela do presente.

- Até que rimou!

- Mas não foi proposital.

- Afinal, trocando em miúdos, qual é a sua?!!

- Sei lá. De rotina faço o possível para vencer o pessimismo. E quase sempre consigo. Mas quando entro em transe confundo as coisas de tal modo que chego a ter esperança no passado e saudade do futuro.

- Se tiver um hospício aí pela frente o melhor é você se internar.

- Se houver um hospício pode contar que tem a placa: “NÃO HÁ VAGAS”. Aquilo deve estar superlotado.

- O baiano riu gostoso e falou:

- Agora você voltou a ser engraçado. Vam'bora?

- E o pé?

- Dou um jeito. – O baiano tirou o Arizona do bolso. Só tinha um. Queimaram o derradeiro cigarro, testemunha da solidão comum. Com o papel do maço, improvisou uma bandagem para proteger o ferimento do tendão. Jogaram as cargas p'ra cima dos ombros e deixaram ali os fluídos das suas mágoas.

* * *

A neblina estava mais alta. Caminhavam agora com boa visibilidade mas ainda sob um teto de fumaça. O Cristo manquitolava. A cruz

acompanhava as ondulações do seu corpo. Agora ele ia na frete. De trás, Norton observava o saltitar do pé da cruz já chanfrado pela aspereza do acostamento. Alguns motoristas saudavam os dois com um toque de buzina ou um piscar de faróis. Alguns outros punham a cara p'ra fora da cabina e berravam uma besteira qualquer. A maioria não ligava, como se fossem apenas mais dois vagabundos andarilhos de estradas. “Que importa? – pensou Norton – Eu também já tive um carro do ano. Joguei muito vento na cara de gente que andava pelas estradas. Para onde iam? Por que iam? Nunca quis saber. Também não imaginava que aqui fora a gente passa frio e fome. Puta merda! ... Depois daquele pão com linguiça de ontem a gente não comeu mais nada. E cigarro? Que é que vamos fazer sem cigarros? Negócio é não pensar nisso. Norton apertou o passo e emparelhou com o companheiro.

- Como vai o casco?
- Ruim. Muito ruim.
- Já, já, chega um posto.
- Será?
- Quer que eu carregue a cruz um pouco?
- Não. Não pode.
- Você é mesmo cabeça dura, hein, baiano?!
- A promessa foi p'ra eu cumprir. Se não der, largo a cruz em qualquer igreja por aí.
- Coragem. Haveremos de dar um jeito.
- Diabo de estrada comprida. Não se vê um nada. Nem um pé de

fruta. Nem um rancho na beira.

- 'Tá com fome?
- Varado!
- É muito cedo p'ra se conseguir comida.
- Ao menos uma tesoura p'ra cortar esta merda.
- Quer parar um pouco?
- Não adianta. Depois será pior.

A barbicha do Sol foi espetando a fumaça e dali a pouco o carão de fogo apareceu lambendo o frio das caras deles. Era o sol da quinta-feira, 22 de agosto. As horas? Deviam ser nove. Por aí. Norton pensou: “O Nego teria ido à escola? Teria levado lanche? “ A saudade fisgou lá dentro.

- “Ta esquentando – disse o baiano.
- É... Já é hora de tirarmos as batinas. Será que mora gente naquele rancho?
- Que rancho?
- Lá embaixo.
- Se não mora “tá pegando fogo. Não vê a fumaça na chaminé?
- Não é que a vista do baiano ‘tá jóia?
- Agora ‘tá jóia... graças a Deus.
- Deve haver algum trilho por aí. .
- P'ra quê?
- P'ra ver se tem lá uma tesoura.

- Jóia! – exclamou o baiano, contente.

Avançaram mais de quinhentos metros e nenhum trilho apareceu. O baiano desanimou.

- Será que aquele povo nunca sai dali? Não vem nenhum trilho p'ra estrada?!

- Vai ver que eles têm um helicóptero.

- Só se for.

- Tem nada não. Espere aqui que dou um jeito de chegar até lá.

- Que jeito?

- Indo, uai. – estacaram – Sente-se aí e dê-me o pisante.

Desceram as cargas. Tiraram os cobertores das costas. O baiano estirou-se na grama ainda úmida.

Norton desamarrou a mochila e prendeu os panos na cerca para secarem ao sol.

- Pronto. Dê-me o pisante que vou dar um jeito nele. Pulou a cerca, traçou uma reta e partiu decidido, levando capim no peito, caindo em valetas, tropeçando em tocos mas chegou lá. Uma galinha que escapou de um pisão no pescoço, abandonou o seu ninho e correu cacarejando p'ro lado do rancho. Uma mulher magra, de lenço na cabeça e avental, apareceu na porta do barraco. Apoiou o ombro no batente, uma das mãos na cintura, e esperou que Norton se aproximasse. Não demonstrou medo nem surpresa. Uma carinha redonda, suja de terra, surgiu no vão entre o batente da porta e a saia da mãe.

- Bom dia, dona... disse Norton em tom amável.

- 'Dia.

- É o seguinte, dona: Estamos indo para a Aparecida do Norte. O calçado do meu companheiro fez-lhe uma ferida no tendão. Não está podendo andar direito. A senhora não teria aí uma tesoura que pudesse cortar esta lona?

- Tesoura não temos.... Faca não serve?

- Creio que sim... Se a senhora emprestar...

A faca não era lá essas coisas mas deu p'ra cortar a lona da "conga". Virou um chinelo e tanto!

- Onde ocêis evém? – perguntou a mulher..

- De São Paulo.

- Tem muito chão p'ra moê ainda!.

Norton teve uma vontade danada de pedir um café. Mas se conteve. Aquela mulher tinha o jeito de quem

fuma cigarro de palha. Quase perguntou a ela. Engoliu as duas vontades.

- É... tem muito chão ainda. Mas, se Deus quiser, a gente chega lá.

- Si Deus quisé!

- Muito obrigado, hein dona! – Deus lhe pague. – E tomou o caminho de volta. Depois de alguns passos ainda virou-se p'ra dizer:

- Saúde p'ra senhora, p'ro seu filho, p'ro seu marido.

- Brigado, brigado... vai com Deus.

O trilho que Norton abrira no peito já se fechara de novo de modo que tanto fazia voltar por aqui como por ali. Acabou tropeçando nos mesmos tocos e caindo nas mesmas valetas. Quando pulou a cerca de volta, o companheiro sentou-se na grama:

- Deu certo?

- Nem!

- Jóia!... Mas você se molhou todo!

- O capim está orvalhado ainda. E camufla as valetas. Caí numas duas ou três.

- E agora?!

- Tem nada não. Seca logo. E não machuca.

- Não fosse você eu já teria voltado.

- E se eu não tivesse encontrado você?

Norton pegou os panos que deixara na cerca secando, dobrou-os e amarrou de novo a sua mochila. Deu um galeio, deixou-a cair no ombro e convidou o companheiro:

- Vamos indo?

- Não vai sentar um pouco?

- Não. Vamos tocando devagar.

* * *

- Eta coisa boa! ... Com este chinelo aqui vou até no fim do mundo – o baiano falou e apertou o passo. Norton acompanhou a marcha para mantê-lo animado. Os sapatos e as meias de Norton eram um charco só. Sentiu-se como pisando no brejo.

Puxaram mais de cinco quilômetros suando o suor frio da fome e da fraqueza. Finalmente, um posto. Desceram as cargas, beberam água de torneira com gosto e encheram o cantil.

- Será que a gente cava um almoço por aqui? – O olhar do negro era quase de súplica.

- A gente tenta. – respondeu Norton coçando a barba.

- Melhor você pedir. Tem mais aparência e conversa melhor.

- É justamente isso que não ajuda nada.

- Mas se eu chego lá eles me olham torto.

Na verdade, o orgulho de cada um deles era mais forte do que a fome dos dois juntos. Norton achava humilhante, difícil e penoso pedir. Chegara ali o momento de começar a abaixar a sua crista.

- Está bem. Vou até lá. – Passou a mão no cabelo, limpou os sapatos na grama, ajeitou as calças e entrou no restaurante. Encostou-se no balcão do bar. Um relógio na parede marcava onze horas. Hora boa da boa bóia – pensou Norton. O cheiro de tempero que vinha da cozinha entrou-lhe pelo nariz e beliscou no estômago. De onde estava pode observar o trabalho dos cozinheiros. Conchadas de feijão na tigela funda. O arroz bem ajeitadinho na travessa de alpaca. Salada de alface com tomate. Ovos estrelados. Um prato fundo com costeletas de porco fritas. O chefe

da cozinha ia pondo os pratos no aparador da boca do serviço. A fumacinha subia cheirosa. A saliva crescia debaixo da língua e Norton engolia o gosto de maçaneta-de-porta-velha, de boca amanhecida, misturado com o aroma da carne de porco frita. Uma cristaleira alta separava o bar do salão de refeições. O garçom surgiu por uma passagem estreita e gritou na boca da cozinha: “Almoço p’ra dois”. Depois chegou ao balcão do bar: “Uma Brahma estupidamente gelada e dois copos”. Ajeitou o serviço nos braços e passou com aquela tentação toda debaixo do nariz de Norton, sumindo atrás da cristaleira. Do salão vinha o tilintar dos talheres. O sujeito de avental terminou a lavagem dos copos, enxugou as mãos num pano encardido e perguntou a Norton:

- O que vai?

- Bom dia, senhor. É o seguinte: Estamos indo para Aparecida do Norte. Desde ontem estamos sem comer. Será que o senhor... – O sujeito de avental não deixou que Norton terminasse o seu discurso. Pegou dois pãezinhos da cesta e pô-los sobre o balcão.

- Tome. E boa viagem.

- Obrigado, senhor. Deus lhe pague.

- Sim-sim-boa viagem – disse depressa.

Norton não pôde adivinhar o que o sujeito pensou a seu respeito. Mas o que Norton pensou dele, se lhe tivesse dito, seria uma boa resposta ao que o sujeito pensou, se tivesse falado a Norton. Apesar do pensado e não falado, Norton voltou para o companheiro com os dois pãezinhos no bolso, meio desenxabido mas achando que, afinal, o ganhado, embora dado de má vontade, era melhor do que nada.

O baiano, faminto, ansioso por saber do resultado da mendiga-missão do companheiro, foi logo perguntando:

- E então?... Como foi?
- Ganhamos dois pães.
- Mas aquilo não é um restaurante?
- Pelo que vi e senti, é.
- E então?

- O cidadão não me deixou terminar o discurso. Entregou-me os pães depressa e desejou-me boa viagem antes que lhe agradecesse. Quis dizer: ponto final na conversa.

- Por que não mandou ele enfiar naquele lugar?

- Prefiro enfiá-los no estômago. Orgulho é p'ra quem tem a barriga cheia. Afinal, pão é pão. Tome... pegue o seu. – O pãozinho não resistiu a três mordidas. Sumiu na boca do negro que o devorou sofregamente. Norton preferiu mastigá-lo devagar. E mastigando pensou: “Como é gostoso o pão! Gosto de hóstia. O pão nosso de cada dia nos daí hoje.” – Pô, quanto pão já vi em lata de lixo! Prova de que o pão nunca faltou aos homens. Os homens é que não sabem reparti-lo. Deixa estar que eu mesmo nunca pensei nisso. Na minha casa sempre sobrava pão. Se alguém pedia a gente dava. Se não pedia, ia p'ro lixo. Os mais pobres não imaginavam que eu tinha de sobra. Também eu não imaginava que eles estavam precisando. Afinal, o problema não era meu. E agora? Será que alguém sabe que os meus filhos estão precisando?” – Este último pensamento fechou a goela de Norton. Seu pão estava pela metade. Estendeu-o ao

companheiro, que estranhou.:

- Uai! Não quer mais?
- Não... Estou satisfeito – Norton falou e baixou os olhos.
- Que é que foi?
- Nada. Coma-o você.

Naquele momento Norton precisava mais de um cigarro do que de pão. Foi à torneira, jogou água no rosto e bebeu um pouco. Tornou a encher o cantil do baiano. Quando voltou, o companheiro já estava com a cruz no ombro, pronto p'ra continuar.

- Bebe um pouco que o pão cresce no estômago.
- Mais barro do que água – cuspiu.

Norton pendurou o cantil no cinto e pegou a mochila.

- Vamos indo?
- Vam'borá.

Norton manquitolava, como em todo recomeço. Dor por tudo que é junta, por tudo que é músculo. O Sol no meio do céu parecia um chuveiro de fogo. A quentura batia no coco e descia pelo corpo em gotas de suor. A pele áspera. Os lábios ressequidos, escamados. Respirou fundo: “Ave Maria, cheia de graça...” Os motores roncando no asfalto, os escapamentos vomitando óleo queimado. O pé da cruz chiando na areia e martelando nas pedras. Era um nunca acabar da mesma coisa. A marcha agora era lenta. Muito lenta. Norton sentiu dó do companheiro, caminhando com a mesma sem vontade que ele. “Melhor não tivéssemos

acordado o estômago com aquele pãozinho – pensou Norton. Uma boa pratada de arroz-feijão, isto sim é do que precisamos. E pensar naquela costeleta frita! E pensar naquela Brahma gelada que o garçom levou p’ra dentro” – correu a língua nos lábios. Lixa da grossa. E a consciência dizendo coisas: “Sofra, bicho. Sue o podre do corpo e o lodo da alma. Humilhe o seu orgulho. Suje a sua vaidade. Não quis assim?... Que assim seja. Pai nosso que estais no céu...”

* * *

Duas horas da tarde. A estrada, o sol. Um negro e um branco. Uma cruz e u’ mochila. Estômagos vazios. Cantil vazio. Via Dutra. Via Sacra. Suor escorrendo pelo corpo. Pecados pingando pelos poros. Poeira poluída de petróleo entrando pelas narinas. O fel da fome e da fraqueza amargando na boca. A secura da sede secando os lábios. A saudade sofrida, sentida, curtida curtindo no peito. O remorso roído roendo a alma. O espírito esperando a esperança esperada. A fé forte-fraca-fiel- fingida. A prece partida perdida no espaço. A vida vencida vazia de vida. A verdade vivida cheia de mentiras. Via Dutra via dura via dúvida via dívida via dádiva... Via Sacra via sede via sacrifício via solidão.

Izael quebrou o silêncio quebrado:

- Diabo de estrada vazia! Nem uma bananeira, nem uma laranjeira... um mamão que fosse.

Norton reagiu brincando de mentira:

- O caminho do Calvário foi mais suave. De vez em quando Cristo parava para chupar uma laranja.

- Não brinca.

- Não estou brincando... só comparando.

- Mas comparou ao contrário.

- E então me entendeu.

- Que horas são?

- Mania de perguntar as horas.

- Desculpe. Sempre penso que você tem um relógio.

- Pela posição do Sol são três e vinte e oito.

- Como é que sabe?

- Sei tanto que são três e vinte e oito como você não sabe que horas são.

- Quando você fala é melhor. A gente distrai.

- Melhor falar do que pensar. Pensar judia da gente.

- P'ra mim você é doutor em qualquer coisa. Afinal em quê?!

- Em fracassos... Por isso estou aqui.

- Você não tem jeito.

- O jeito é parar um pouco. A sombra ali parece boa.

* * *

Izael puxava um ronco comprido. Norton não conseguia nem um cochilo. E estava com sono. Seus olhos ardiam. Duas noites não dormidas já se tinham passado. Deitado na grama, a cabeça apoiada na mochila, tentava esquecer o cigarro, a sede, a fome, a saudade, a angústia, enfim esquecer-se. Experimentou rezar. Não conseguiu. “Deus está longe – pensou. Ou eu estou longe?! Quem está longe? Minha família, meus irmãos. Não. Eles estão onde sempre estiveram. Eu é que estou longe. Aliás, eu sempre estive longe. Longe de tudo o que amo. De uns tempos para cá, longe do próprio chão que não piso. Vivo flutuando. Por quê? Não sei. Sou medroso? Covarde? O esteio da minha casa ruiu. E eu fugi sozinho. Deixei que as telhas caíssem sobre a minha família. Será que eles conseguirão emergir dos escombros? Preciso morrer... Ou não preciso? Para quê vim? – Merda! Bem que eu podia ter vindo para outra coisa!” Os olhos fixos no pedaço de azul que aparecia por entre as folhas dos eucaliptos, Norton curtia o seu desespero. Izael roncou mais forte. Norton olhou-o . Olhou a cruz encostada a um tronco e não pôde evitar o pensamento: “Dorme, Cristo, que o Judas te vela!!”

* * *

- Que horas são? – o baiano perguntou e sentou-se.
- Dormiu um bocado, hein bicho? São quase cinco, creio. Um cigarrinho agora até que ia bem. O que acha?
- Um prato de comida ia melhor.

- Nem diga!
- Será que não se ganha uma janta hoje?
- Melhor a gente ir andando enquanto é claro. Pode aparecer alguma coisa aí pela frente.
- Queira Deus. Já não ‘tá dando p’ra agüentar mais.
- Acho bom você me deixar ajuda-lo. Use a cabeça, rapaz. Melhor essa cruz chegar lá por nós dois do que não chegar.
- Tem que chegar por mim só. Foi a promessa. Você já me ajuda bem só com a presença. Não fosse você eu já teria desistido.
- Então vamos indo, Cristo teimoso.
- Vam’bora com Deus.

O Sol já ensaiava o mergulho atrás do horizonte. A frescura da tarde amenizou a tensão do corpo. O suor secou na roupa. A fome vasculhava o estômago como um ventinho frio. Devagar, muito devagar, subiram uma comprida lombada. À esquerda, lá embaixo, um lago de água suja, encrespada pela brisa. A seguir, um campo em elevação, riscado de trilhos

Norton olhou a paisagem que embaçou nos seus olhos. E danou a pensar: “Parece o lugar onde eu caçava pintassilgos com o “gordo” (o “gordo “ era um dos filhos). Que estará passando o “gordo” agora, meu Deus?! Forte como é, acostumado a comer um filé no almoço e outro no jantar, o refrigerante nunca faltando à mesa... permita Deus que os meus filhos não passem fome... ao menos isto! O pão nosso de cada dia dai-lhes hoje... Ave Maria, cheia de graça...”

Estavam chegando ao topo da lombada. Esperança de avistar, dali,

alguma coisa. Alguma chaminé fumegando. “Casa de pobre seria melhor – pensou Norton – Pobre não nega nada. Reparte o que tem.” “São as mãos mais pobres as que mais se abrem para tudo dar” – lembrou-se de ter ouvido este verso num cântico da igreja. Decepção: no alto da lombada estacaram e espicharam a vista... nada! Norton olhou para o Cristo e o Cristo olhou para ele. Não trocaram palavra. Mastigaram a desesperança e iniciaram a descida. Era mais de seis horas. A noite entrando na estrada. Norton e o Cristo entrando na noite. O chão passando sob os pés. O passado pisando nos dois. Eles lambendo os lábios e o vento lambendo “eles”. E os dois andando, fracos, calados, engolindo a solidão que os engolia.

Norton tinha pena do Cristo. Pensava nas coisas que ele devia estar pensando.. A mulher morta, matada. O tempo sofrido na prisão humilhante. As manchas pretas no corpo preto, carimbos da justiça injusta dos homens justos. Quase perfeita semelhança com Aquele de quem o mundo não esquece. O corpo dobrado, bamboleando ao peso da cruz. Norton sentiu ferver-lhe a cabeça: “Mundo... mundo... mundo... os Pilatos continuam vivos em toda parte, lavando-se as mãos nas lágrimas dos próprios irmãos. Estamos todos aqui ainda: os justos e os injustos, os ladrões e os honestos. Os justos fazendo injusta justiça sobre os injustos. Os ladrões faturando em cima dos honestos. Os honestos roubando embaixo dos panos, na cara da gente. O amor? É letra de música. É “assim caminha a humanidade!” Para onde? Cabeça doída, doída, perturbada. Maria, a vós suplicamos gemendo e chorando neste vale de lágrimas... Vale do Paraíba?”

Sete horas, por aí. O pintor da noite dera a última pincelada de ébano. Os veículos, no sentido contrário, vinham de olhos arregalados. E os dois andantes tinham que dar luz baixa ao cruzar com eles. Ardume nos olhos, secura nos lábios, queimação no estômago. O Cristo na frente e Norton atrás. À luz dos faróis, em movimento, a sombra da cruz passava sobre os pés de Norton. A chinela do Cristo jogava terrinha p'ra cima.

Luz alta-luz baixa-luz alta-luz baixa-luz alta-luz baixa. Vento frio no rosto, bafo quente nos pés. Beliscos de areia na pele. Lugar comum de um episódio incomum de dois homens comuns.

“Fome! – Norton balançou a cabeça - Como é difícil definir a fome! Parece tanta coisa! Um ratinho que roí lá dentro; um arzinho frio no bucho; um vazio cheio de vontades; uma vontade cheia de vazios; uma dor que não machuca; um machucado que não dói; uma necessidade indefinível; uma precisão inadiável que leva a gente longe, perto da morte. Parece muito com a saudade. Só que a saudade vem e vai. A fome vem e fica. Não distrai. Destrói. Quando os dois ratinhos roem lá dentro a gente estremece e chega a chorar. O rato da saudade desce na cozinha do estômago. Rói junto com o outro. Depois sobem os dois e vão roer no “cantinho da saudade” e nada encontram que lhes mate a fome. Até que é bonito pensar. Mas é penoso sentir. Sensação esquisita. Esquisito sentir dó da gente mesmo. Coisa de doido... Doída.

- Oba!!! Uma casa!!! – o baiano exclamou e estacou.

- Viu ou pensou que viu?

- Vi... no duro. Uma luzinha lá do outro lado. Espere passar a fila de veículos e você enxerga.

Ficaram parados no acostamento esperando que o último veículo passasse. Norton ansioso por que fosse realidade aquilo que julgava ter sido pura impressão do companheiro.

- Uma casa... neste lugar?! Você viu a casa ou viu a luz?

- Via a luz. Mas só pode ser uma casa.

O último veículo da fila era um caminhão. Largou uma bafurada de fumaça preta e prosseguiu gemendo na subida. Quando a fumaça se evolou, um retângulo iluminado apareceu na escuridão do lado de lá.

- É uma janela, pôcha! – exclamou Norton.

- Não disse? É uma casa... no duro.

- E casa de pobre, o que é importante.

- Bom... casa de pobre tem uma coisa: se a gente chega no meio da comida, eles repartem; mas se chega depois, não sobrou nada.

- Cristo pessimista você é, hein?! Parece que não está com fome.

- Parece porque você não ‘tá dentro do meu bucho. Só ‘tô achando um pouco tarde p’ra se achar comida ali.

- Não é tão tarde assim, Não pode ser mais que sete e meia agora.

- E pobre janta a essa hora?

- Bem, o negócio é a gente ir até lá. Não custa tentar. Vamos indo?

- Eu não vou. Atravessar a pista com esta cruz não é mole. 'Inda mais com esse movimento.

- Deixe aqui a cruz e vamos lá.

- Não. Alguém pode passar e levar “ela” embora ou escrever alguma besteira nela.

- Mas por que fariam isso?!

- Você sabe, há gente p'ra tudo.

- Mas, que gente? Não cruzamos com alma viva ainda. Esconda a cruz no mato e vamos lá, siô.

- Melhor não.

- Então sente-se aí e espere. – Norton disse e pegou a mochila. Atravessou a primeira pista. Parou no canteiro do meio. Esperou uma brecha na outra pista e transpô-la. Por um trilho, seguiu em direção à casa. Cem metros da pista. O cão pressentiu sua aproximação e latiu. E latindo veio de encontro a Norton que parou, arrepiou. A mulher pôs a cara na janela e gritou:

- Quem vem lá?!

- É de paz, dona. Um peregrino. Estou indo para Aparecida do Norte. Posso chegar?

- Chega. – Vem p'ra dentro, Gaúcho – O trinco do portão é embaixo, moço.

Com o focinho do cão cheirando-lhe os calcanhares, Norton abriu o portão, entrou e foi andando curvado sob um caramanchão baixo. No

escuro tropeçou no degrau do barranco e caiu sobre a mochila que chegou ao chão antes dele. Levantou-se. Correu o pé em volta e localizou o degrau. A porta da cozinha foi aberta e o clarão veio p'ra fora. Cheiro de coisa no fogão.

- Boa noite, senhora.

- 'Noite.

- Boa noite, senhor. – O homem estava sentado no degrau da cozinha para a sala, as calças arregaçadas até os joelhos, os pés dentro de uma bacia, lavando-se.

Olhou Norton e respondeu de bom gosto, com um sorriso sincero de pobre sincero:

- Boa noite. Entra, moço.

- Obrigado, senhor. A demora é pouca. Estamos indo para Aparecida do Norte. Eu e um companheiro.

Promessa. Não trazemos nenhum dinheiro e estamos com uma fome danada. Será que... – o homem não deixou Norton terminar.

- Mas chegô memo na hora, moço. A bóia não é muita. Mas onde como um come déis. Nós aqui janta tarde. Gorinha memo é que chegamo da roça... eu e minha véia.

- Isto aqui é uma fazenda, senhor?

- Um sítio. Nós tomamo conta. Mas, sabe comê, (e esfrega a bucha no pé) a gente tem que fazê de tudo. É cuidá de gado, cuidá de porco, cuidá de galinha, de passarinho, (enxugou os pés) de horta, de roça, chiii... serviceira do diabo.

- Não tem filhos?

- Não. Não temos. Não qué vim. – Pôs os pés fora da bacia. Meteu-os nas chinelas-de-dedo. A mulher pegou a

bacia e jogou fora a água pela janela da cozinha.

- Se não quer vir é porque não está na hora. Ou não tem que vir. Deus é quem sabe dessas coisas.

- É... também acho. Pode chamá o companheiro, moço. – levantou-se.

- O companheiro não pode chegar até aqui. Está levando uma cruz bem grande, sabe? Penoso transpor a pista com aquilo. Se o senhor não se importa de fazer um prato...

- Problema nenhum...

- Um prato só dá p'ra nós dois.

- Faz o prato, então, Alzira. – Vai uma pinga, moço?

- Não, senhor. Obrigado.

- Não bebe?

- Até que gosto d'uma pinguinha antes de comer. Mas creio que agora faria mal. A gente 'tá meio fraco.

- Sior é que sabe. – O homem destampou o garrafão sobre a mesinha e tombou a boca do bicho na boca do copo. Glug, glug, glug. A branquinha subiu até o meio do copo. Foi uma talagada só. Cuspiu de lado, estalou a língua e soprou forte. Norton engoliu seco e sentiu a sensação do álcool queimando-lhe a goela. A mulher veio com o prato e uma colher. Arroz-feijão, abobrinha e quiabo. Quentinho. Fumacinha

subindo. Só aí é que Norton desceu a mochila. Pegou o prato.

- Com licença, então. Já já eu volto. Deixo a mochila aqui.
- 'Tá bem, moço. Vai com Deus.

Norton curvou-se para passar sob o caramanchão, cuidando o degrau do barranco para não cair de novo. Seria uma tragédia cair com o prato de comida. Animado, num instante atravessou a pista. O companheiro estava dormindo. “Como dorme esse sujeito” – pensou. .”É só parar, dorme”.

- Izael?! Acorda, bicho, que a bóia chegou.
- Conseguiu, então?!
- Um prato só. É gente pobre mesmo.
- Então come primeiro.
- Pode comer você primeiro.
- Não... primeiro você.

Norton sentou-se num barranquinho. Louvado seja Deus – falou. Ajeitou a mistura e traçou uma linha no meio do prato. Meia dúzia de colheradas, e pronto. Passou a metade restante ao companheiro que, num minuto, já estava raspando o fundo do prato.

- O prato não, bicho. Tenho que levá-lo de volta. – Izael riu. Norton também riu. Fazia tempo que não riam.

Quando Norton chegou de volta à casa, as criaturas já tinham comido e puxavam um cigarrinho de palha. Ele e ela.

- Comero que chega? Óia qu'inda tem um fundinho de panela.

- Satisfeitos, senhor. Muito obrigado. A patroa cozinha muito bem.
- Comida de pobre, moço.
- Por isso que é boa. Arroz-feijão bem feito é a melhor comida.
- Verdade!... Qué dizê que ‘tão indo p’ra Aparecida?
- Estamos fazendo força para chegarmos até lá.
- Corage! Muita corage! Óia que é longe! Muito longe! – Vem vindo donde?
- De São Paulo.
- É... já andaro bem. Mas tem que andá muito mais ainda... O senhor não é quarqué um?!?!
 - Creio que sim, “seu” ... como é a sua graça?
 - João.
 - Pois é, “seu” João, creio que todos somos “qualquer um” . Depende das circunstâncias. Do momento. Das pessoas. Para o senhor eu posso parecer importante. Para outras pessoas posso ser um vagabundo, um vigarista. Pode o senhor ter-se enganado. Podem os outros terem adivinhado.
 - Isso é verdade. Mas o que eu quero dize é que o senhor não é um desses “ligeira” que anda por aí.
 - Por que acha?
 - Porque fala bonito. Tem jeito de gente bem. É rico?
 - Esteja certo, “seu” João, que é mais rico do que eu. O senhor tem problemas?

- Se tenho ?!!! O dinheiro não dá p'ra nada.
- Isso não é problema. Tem saúde, não tem?
- Ah, isso tenho.
- A mulher também tem saúde, não tem?
- Sabe que a danada nunca fica doente?
- Então!? Por aí já se vê que o senhor não tem problemas. Tem medo do futuro?

- Bom, o futuro meu é isso aí que o “sior” ta vendo.

- P'ra quê melhor? Aqui o mundo não lhe prega peças, nem o senhor no mundo. É sempre essa sua rotina de surpreender o Sol pela manhã, tomar o seu café na caneca, puxar seu cigarrinho de palha, por a bóia no bornal, ir p'ra roça respirando o ar de Deus, suar a camisa, comer à sombra da árvore, voltar com o Sol já posto, lavar-se na bacia, tomar sua pinga, jantar com apetite, ouvir a viola no rádio e rolar com a mulher na cama. Depois dorme pensando na melhora da vida, a cabeça livre de desgraças, a alma livre de remorsos. Não pense, “seu” João, que há coisa melhor por aí.

- Comé que o “sior” sabe disso tudo?
- Não sei de nada, “seu” João. Imagino que é esse o seu modo de viver. E como eu o invejo, “seu” João! Se o senhor soubesse as desavenças que eu tenho tido com a vida... é bom que nem saiba... seria um pecado contar ao senhor. Bem, já vou indo. Precisamos andar. Se não, não chegamos.

- Óia, moço... comé o seu nome memo?

- Norton.

- “Seu” Norton, dorme aqui com nós. Descansa. Manhã cedinho o “sior” toma café e pega a estrada.

- Obrigado, “seu” João. Melhor andar à noite.

- Uma coisa é certa, “seu” Norton: “Sior” pode ser o que fô, mas que eu fui com a sua cara fui! “Sior” não pode ser nada de ruim.

- Obrigado, “seu” João. O senhor é que é bom demais. Um dia passarei por aqui, se Deus quiser, em outras circunstâncias. Só para dar um abraço no senhor e na dona Alzira. Adeus, então, “seu” João. – Norton apertou-lhe a mão e abraçou-o comovido. Adeus dona Alzira – e beijou-lhe a mão. Muito obrigado pela comida e pelo carinho. Deus lhes pague. Que nunca lhes falte nada. Que aumente sempre. – Norton pegou a mochila, girou-a no ar e deixou-a cair sobre o ombro. Curvou-se sob o caramanchão. “Seu” João e dona Alzira de pé, na porta da cozinha, mudos. Quando Norton fechou o trinco do portão, a voz de “seu” João saiu:

- Vai com Deus, “seu” Norton. Volte aqui qualquer dia.

– Norton não pôde responder. Levantou o braço e acenou no escuro. “Pai nosso que estais no céu...” – e pediu a Deus que lançasse um olhar sobre aquelas duas criaturas que não precisavam de nada. Só de um sorriso de Deus.

Transpôs a pista. No escuro, não viu o Cristo escuro.

- Aqui, gritou o companheiro que vira Norton atravessar sob a luz dos faróis. – Um cigarro p’ra você.

- Cigarro?! Como arranjou um cigarro?

- “Um” que passou por aqui. Vai indo p’ra São Paulo. Disse que é baiano.

- Não podia ser outra coisa. – Norton sentou-se ao lado do companheiro, acendeu o cigarro e tragou... engoliu a fumaça. – E você?

- Já fumei o meu. Não deu p’ra esperar por você.

- Gostou da comida?

- Nem.

- Gente boa ‘tá ali. Engraçado! Eu não gostava de abobrinha e detestava quiabo. Diabo... é gostoso, não é mesmo?

- ‘Tando com fome, tudo é bom.

- Verdade. Bendito seja o arroz-feijão. E bem aventurados os que só comem arroz-feijão. Quem come muita carne acaba metendo os dentes no osso. Vamos andando?

- Daqui a pouco. Deixe a comida assentar, devagarinho. Gostoso sentir o estômago cheio. Se a gente começar a andar ela desce depressa.

- Hábito de presidiário. Comer e dormir.

- E apanhar.

- Como é a bóia lá, companheiro?

- Dá p’ra comer. Mas não varia. Quando desembesta a vir cenoura, é só cenoura até cagar amarelo. Depois mudam p’ra chuchu. Cheirinho de carne de vez em quando.

- O que você fazia o dia todo?

- Dormia... Dormia de dia para ficar acordado durante a noite.À noite não se dormia. Sempre chegava um valente ou outro que punha a gente p'ro chão. Cama p'ra todo mundo não tinha. Depois, os que queriam aliviar-se na gente. Aí a gente tinha que lutar. Lutar p'ra não servir de mulher àqueles malucos.

- Conseguiu sair virgem?

- Consegui. Mas só Deus sabe como.!

- É isso aí. A gente passa o que tem que passar. Acho que no mundo cada um tem o seu trilho traçado.

Por mais que a gente se esforce para mudar de caminho, o pé da gente não arreda daquele trilho. Parece até que o nosso destino faz parte do destino dos outros. Se a gente mudar, muda tudo. Cada um de nós é um personagem criado pelo Divino Escritor, com papel definido na grande novela cujo epílogo ninguém conhece.

- Lá vem você com suas loucuras. Entrou em transe de novo?

- É! ... Pensamentos inevitáveis! Adão e Eva fizeram o que fizeram porque para isso foram criados. Por que teria Deus que plantar no Paraíso uma árvore proibida?

Por que existem o Bem e o Mal? Por que a alegria e a tristeza? Por que o rico e o pobre? Por que o negro? Você é negro. Por que o branco? Eu sou branco. Por que os aleijados? Por que os loucos? Por que as guerras? Por que a fome? A peste? Por quê?

- Falou bonito... mas falou bobagem. O homem é livre. Faz o que quer. Tem livre escolha.

- Cristo não teve. Não fez o que quis. Fez o que estava escrito. Veio com missão definida.

- Mas Cristo é Cristo.

- E Pilatos? E Herodes? E Judas?

- O que tem eles?

- Tinham que fazer o que fizeram, porque estava escrito. Fizeram parte do plano de Deus para que Cristo tivesse quem O perseguisse, que O traísse, quem O condenasse. Enfim, tiveram seus destinos ligados à missão de Cristo.

- Você enlouqueceu mesmo! Quando me encontrou, disse que encontrou o Cristo. Falou coisa bonita e coisa certa. Tive a impressão de estar diante de um santo. Agora me vem como esse palavrório que não fala nada. O que você encontrou, meu amigo, foi um simples preto saído da cadeia, carregando uma cruz pela estrada. Por que não volta p'ra casa, cuidar da família... por quê?

- Um pouco de medo... e um pouco de vergonha.

- E pelos seus filhos, você seria capaz de vencer esse medo e essa vergonha?

- Creio que sim.

- Então isto depende de você. E não venha me falar que estava escrito. Você é livre. Faz o que quer. Pensa o que quer. Que melhor presente Deus poderia ter-lhe dado?

- Acho que você tem razão. Encontrei um cristo mas não me encontrei com o Cristo.

- Muitos viram o Cristo mas poucos se encontraram com Ele.

- Engraçado, quando encontrei você tive a impressão de ter encontrado o Cristo. E você é um simples preto, saído da cadeia, carregando uma cruz pela estrada. No entanto agora sei que estou diante de um simples preto, mas, engraçado, você nunca me falou como falou agora.

- Melhor a gente ir andando. Eu sou o que sou. Nada mais.

“Eu sou o que sou” – Norton repetiu mentalmente e pensou: Estranho mesmo! Como pôde isso sair da boca de “um simples preto”.?! Naquele momento, Norton respeitou-o e admirou-o profundamente. Ajudou-o a amarrar o cobertor no ombro, ergueu-lhe a cruz e disse- lhe:

- Meu Cristo, barriga cheia, pé na areia.

- Agora você melhorou. Não gosto quando fala sério. Você me confunde. Parece estar ficando louco.

- Não tenha medo. Apenas falo o que imagino. Se você não estivesse aqui eu estaria falando sozinho.

- E quem fala sozinho não é louco?!

- Nem sempre. Não se preocupe com as minhas imaginações sonoras. Meus pensamentos voam. E, como voam, mudam. – Vamos indo então?

- Vam’bora.

O pé da cruz raspou no asfalto crespo do acostamento e seguiu martelando. Norton olhou em direção à casa de “seu” João e dona Alzira. A janela já estava fechada. Talvez estejam rolando no colchão – pensou Norton – trocando juras sinceras com palavras sinceras e carícias de veludo com as mãos calosas. Amanhã, quando o Sol acordar, eles já

estarão a caminho do trabalho, a bóia no bernal, a água no corote, o café na garrafa tampada com sabugo. Pensando ainda nas juras trocadas, nos carinhos trocados. Sonhando com dias melhores. Tomara Deus que eles nunca venham a conhecer os dias melhores com que sonham e que não existem.

Luz alta, luz baixa, fumaça preta, cheiro de óleo queimado. Rajadas quentes de escapamentos, lambidas de vento no rosto. Já quase cinqüenta quilômetros da mesma coisa. Norton entregou-se aos seus pensamentos: “Jantinha boa:- arroz-feijão, abobrinha e quiabo. Barriga cheia. Meus filhos terão jantado? Vale do Paraíba. Valerá a pena? Passou a mão pelo rosto. Barba crescida. Enfiou os dedos nos cabelos. Grossos de óleo e poeira. Há quantos dias não me vejo num espelho?! Como me sentirei quando encarar-me num espelho? Terei vergonha de mim? Pena de mim? Frases feitas. Quem as teria feito? Estarei pensando como criança? Quando aprenderei a viver? Tenho corrido muito. Corrido para o nada. Não cheguei a lugar nenhum. E estou cansado. Muito cansado. Pai nosso que estais no céu... Palavras ao vento. O vento é Deus? Eu sou Deus? Onde está Deus?...”

- Estou te esperando – gritou o companheiro. Por que ficou p’ra trás? Cansado?

- Um pouco.

- Quer parar?

- Não... vamos espichar mais um pouco. Depois a gente dorme. Acho que hoje consigo dormir.

- Está precisando mesmo. De dia não dorme... de noite não dorme... aonde vai parar desse jeito?

- Quisera não precisar parar. Ir, ir, ir...

- P'ra onde?

- Sei lá. P'ra casa... talvez.

- Então, quer voltar?

- Não. Ainda não. Vim para o que vim. Você já sabe.

- Já “te” entendo. Vamos em frente. Moisés atravessou um deserto para encontrá-Lo,

- Tomara que o Sinai esteja próximo. Este deserto me parece muito grande para as minhas forças.

- Você não está o mesmo. Precisa de um bom descanso. Melhor a gente parar por aqui.

- Não. Vamos andar um pouco mais. Precisamos chegar a um posto qualquer. Estou com muita sede.

- Pois é. Filamos a bóia lá atrás e não enchemos o cantil.

- Tem nada não. Vamos indo.

- O farol de um veículo bateu numa placa: “Pedágio a 5 km”. Muita distância para uma canseira daquelas. Mas tinham possibilidade de conseguir duas coisas: água e cigarros. Norton animou-se e ambos apertaram o passo.

O Cristo negro estava disposto. A comida satisfaz todas as suas necessidades que, no momento, resumiam-se numa só: fome. As misérias

de Norton, entretanto, eram muitas, de modo que a comida não resolveu grande coisa. O rato do estômago parara de roer mas o da alma continuou: ora mordida na saudade, ora mordida no remorso. Mil pensamentos passavam pela cabeça de Norton. “Consciência” – o que seria a consciência? “No meu caminho havia uma pedra... havia uma pedra no meu caminho...” - Drumond? No meu sapato há um prego... há um prego no meu sapato. Tiro o prego do meu sapato ou atiro fora o sapato? Tiro a pedra do meu caminho... ou mudo de caminho? Cabeça doida. Falta de algum parafuso? O que passaria por uma cabeça mecanicamente ajustada? O preço do feijão.. Da condução. A família. A mobília. No mínimo, o reajuste do salário mínimo. O aluguel, a poupança, a casa própria. O carro próprio. Pensamentos justos, de cabeças justas, ajustadas. Preciso encontrar um parafuso. Ou um mecânico? Ou O mecânico? Oficina de cabeça é hospício. Não. Hospício é sucata de cabeças.

“Faróis, faróis, faróis. Mil olhos de fogo queimando os olhos da gente”. Vigiano a fuga da gente. Se tivesse que fugir mesmo, não seria por aqui. Pai nosso que estais no céu... estarei rezando? Ou só falando? Estará meu ouvindo? Estará me seguindo? Às vezes parece que O encontro. Depois O perco.

- Izael?! – o pé da cruz parou de martelar.
- Estou aqui.
- Que diabo deu em você? Comeu comida ou bebeu gasolina?
- Por quê?

- “Tá andando muito depressa.
- Você é que ‘tá muito mole. É a primeira vez que fica mole.
- Não estou mole. O momento é que está duro.
- Então vamos parar.
- Não. Vamos indo. Mas, devagar. Creio que em mais um ou dois quilômetros chegamos ao pedágio.
- Será que a gente precisa pagar p’ra passar no pedágio?
- Pensamento de baiano.
- Obrigado.
- Você nunca passou por um pedágio?
- A pé, nunca. Será que os guardas não vão bronquear?
- Creio que não. Por que bronqueariam?
- Sabe como é. Podem pensar que a gente está a fim de outra coisa.
- Bobagem,. Não somos os únicos a passar por aqui a pé.

Norton estava com sono. Sono e cansaço. Cansaço e desânimo. Desânimo e sede. Sede e saudade. Saudade e remorso. Remorso e arrependimento. O pensamento povoado de pecados. Mil pecados. Pecados mordendo as carnes e a consciência. Pensou desesperado: “Há um prego no meu sapato. Haverá sempre um prego no meu sapato por onde quer que eu ande.” Arrepiava só em pensar no orvalho gelado da madrugada que teria que enfrentar novamente. Precisava de uma noite de repouso. Pelo menos descansar o corpo.

- As luzes do posto de pedágio brilharam adiante.

Estavam chegando... a reboque... puxados pela necessidade de beber. Estavam secos. Queimados e sugados pelo fogo do Sol. Ao adentrarem a área do pedágio, um guarda veio ao encontro deles.

- Lá vem o homem – disse o baiano – é agora.
- Agora o quê?
- Vai mandar a gente voltar.
- Não se preocupe. Vamos parar e esperar.
- Boa noite - disse o guarda.
- Boa noite – responderam em coro.
- Estão indo para Aparecida?
- Estamos sim senhor.
- Vou atravessar vocês. Temos que ir pelo outro lado. Por aqui não pode.
- O.K. Obrigado, “seu” guarda.
- Sigam-me – e controlou o trânsito para que pudessem transpor as pistas.
- Tem água por aqui, “seu” guarda?
- Ao lado do galpão, Mostro a vocês. Bebam à vontade. Mas preciso levá-los até o fim desta área. Estranhos não podem permanecer aqui.
- Compreendo – respondeu-lhe Norton.

Foi a primeira água boa que encontraram até ali. Beberam bastante e encheram o cantil.

- Podemos seguir agora, “seu” guarda. O homem, muito delicado, acompanhou-os até o fim da área do posto e ajudou-os a transpor as pistas novamente.

- Pronto. Vão com Deus.

- Teria um cigarro, “seu” guarda? – o guarda apalpou o bolso . E tirou um maço.

- Tenho poucos, mas podem levá-los todos.

- O primeiro posto de gasolina fica longe?

- Três quilômetros.

- O.K. Obrigado. Deus lhe pague.

- Vão com Deus. – e voltou para o seu posto.

O guarda dera-lhes um fim de maço com cinco cigarros. Acenderam um cada. Norton exclamou: Maldita fumaça gostosa! – e disse ao baiano:

- E agora, companheiro? Enfrentamos os três quilômetros ou dormimos por aqui mesmo?

- Melhor a gente sentar um pouco enquanto resolvemos.

- Melhor não. Ou vamos ou ficamos. Se sentarmos vai ser difícil levantar.

- Você resolve.

- Melhor irmos. Se a gente achar um canto de parede no posto a gente não se molha.

- Então vam’bora.

A água fresca e os cigarros devolveram um pouco de ânimo aos dois. Foram saindo do clarão do posto de pedágio e entrando no escuro da

rodovia. Mais uma vez Norton tentou ajudar o seu Cristo. O companheiro não quis ajuda. Norton esbravejou:

- Você é um cabeça-dura, mesmo!
- E você é um cabeça-mole. Não entende que a promessa é minha?.
- Não entendo. Mas não se fala mais nisso

Calaram-se. E calados prosseguiram arrastando as suas dificuldades. Norton continuou com a sua ruminção: “Confesso a Deus, todo poderoso, que pequei muitas vezes por palavras, atos e omissões... por minha culpa, somente por minha culpa. Peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, à Natureza que me rodeia, ao vento que me lambe as faces, à areia que me alfineta a pele, que roguem por mim.”... “Paranóia? – Irresponsabilidade? Brinquei com a honestidade? ... Creio que não Fui honesto até o fim... com os agiotas... Talvez desonesto com a família... Querendo protegê-la, matei-a... ou melhor, matei o chefe porque matei a glória do chefe... Suicídio, este sim foi o crime. E agora?! Adianta arrepender? Arrependimento não paga conta. Se bem que a conta esteja paga. A conta material. Levaram tudo. Mas a conta moral é impagável. Se bem conheço a minha comunidade, meu nome está rolando pelas ruas. Mastigado pelas bocas honestas dos bêbedos nos botequins O meu fracasso será lastimado pelos negros dos barracos que comiam à minha custa mas será prato do dia dos desocupados nas rodinhas das esquinas... Comam à vontade, conterrâneos! Mastiguem-me! Engulam-me! Arrotem-me! Vomitem-me! Cusparam-me!... Por que esta raiva, agora!? Besteira minha. Preciso é de paz. Minha família precisa de paz. Como conseguir a paz? Quando? Ave Maria, cheia de graça...”

Chegaram a Parateí. Km 348. Via Dutra. Pelos cálculos, tinham vencido sessenta quilômetros. E faltavam ainda cem. Desceram até o posto e perguntaram as horas. “Dez e meia” – informou o frentista. À esquerda, o restaurante “Frango Assado”; à direita, no fundo um cômodo de frente aberta onde havia uma moenda e bagaços de cana. Depois de responderem a mil perguntas dos frentistas do posto, pediram pouso. Indicaram-lhes a casinha do caldo de cana. Repartiram a fumaça de um cigarro. Dividiram os panos e espicharam-se sobre os bagaços de cana. Uma barata passou na cabeça de Norton. Arrepiou mas não teve forças para levantar-se.

Quando o claro do dia bateu na boca do cômodo, levantaram-se tremendo, estalando os ossos. Jogaram água fria no rosto, ganharam um café no posto...e partiram.

Izael caminhava encolhido sob a cruz e Norton encolhido sob as suas incertezas.

Era sexta-feira, 23 de agosto. Não havia neblina. O sol bateu logo sobre eles. Apertaram o passo o mais que puderam. Naquele dia pretendiam pernoitar em São José dos Campos.- 28 km. Izael fez uma boa pergunta:

- Será que a gente almoça hoje?
- Depende.
- De quê?

- De encontrarmos comida.
 - Você hoje amanheceu melhor. Falou muita besteira ontem.
 - Falei?!
 - Você é bom quando brinca. Falando sério é fogo. Complica tudo.
 - Deixe estar. O que tiver que pensar daqui por diante, pensarei baixo.
- Não se preocupe.
- Melhor é não pensar.
 - É inevitável, meu caro companheiro. Você é um preso solto. Eu sou um detendo em liberdade. Liberdade de corpo. Prisioneiro da consciência que me aperta como algemas.
 - Lá vem... Lá vem coisa difícil.
 - Difícil é suportar. Entender é fácil.
 - Vamos mudar de assunto?
 - Melhor não conversarmos. Vamos poupar fôlego.

* * *

“Calar é fácil - pensou Norton. Impossível é deixar de pensar. Na família, nos irmãos, nos amigos que decepcionei. Por que deixei acontecer? É uma boa pergunta. A resposta é simples: não sei... ou sei?! Acho que foi a boa fé que sempre tive nas pessoas. Como começou? Por quê? Onde? ... Ribeirão. Eu estava lá..... Trabalhava lá... Mas não era de lá... Eu era da Vila... Aliás, a Vila era minha... Era????!!! Era minha enquanto

eu sujava a bunda brincando na areia do quintal. Era minha quando eu trepava nas mangueiras abraçando os seus galhos. Era minha quando eu saía pelos matos com o estilingue pendurado no pescoço, os bolsos cheios de pedregulhos e a arapuca na cabeça. Era minha quando eu cassava pintassilgos nos assa-peixes ao redor do cemitério. Era minha quando eu rodava o pião no largo da estação... quando eu jogava birocas debaixo das paineiras... quando eu brincava de cacholeta na Rua Nova... quando eu pulava nos quintais para roubar frutas... quando eu nadava na curva do espinheiro do rio do Frederico... Era minha quando eu ia para a escola com o bernal de saco branco a tiracolo. Era minha quando a primeira menina me olhou diferente... foi quando eu senti a primeira diferença. Era minha quando eu pus a primeira calça comprida e o primeiro par de sapatos comprado na loja e fui para o primeiro dia de trabalho na Estrada de Ferro... foi quando eu senti a segunda diferença. Quinze anos eu tinha então. Era criança? Já não mais. Era homem? Ainda não. Só sei que passei a obedecer ao mesmo toque de sereia que chamava meu pai, meus cunhados e meus irmãos mais velhos para o trabalho. Nos primeiros dias eu cruzava o largo da estação e olhava a roda que eu fizera a bico de pião 'inda na semana anterior. Aos poucos o vento foi levando a areia que foi cobrindo o sulco e a minha roda- de-pião virou saudade. O mundo acabara de perder uma criança arteira, serelepe e... honesta. Recebera em troca um ameaço de homem, que poderia vir a ser um Homem ou ficar apenas no ameaço. Mas a Vila ainda continuava sendo minha enquanto eu ensinava catecismo aos meninos na capela de Santo Antonio... enquanto eu ia à missa todos os domingos... enquanto eu cantava na igreja com uma fita azul no pescoço... enquanto eu dançava

nos bailinhos da Elvira... enquanto eu namorava a menina amada, da terrinha amada... só com o coração...”

* * *

O Sol já passava do meio... e nada de comida. O cantil seco, espremido. Os lábios secos, rachados, cascudos. Os pés queimando, as gargantas em fogo. A pele grossa, poeirenta, pegajosa. As roupas sebatas. Izael estacou.

- Acho que não vai ter almoço.não. Melhor a gente descansar um pouco.

- Coragem, Cristo, pode ser que em mais um quilômetro apareça alguma coisa.

- E se não aparecer? Do jeito que estou não dá p'ra tocar mais.

- Paremos então.

Desceram o barranco e espicharam-se à sombra dos eucaliptos. Em dois minutos o baiano estava roncando.

Norton tirou os sapatos, mexeu com os dedos encardidos. Apoiou a mochila num tronco e recostou-se. Instintivamente apalpou o bolso da camisa. Não tinha cigarros. Engoliu vontade. Combalido, olhou com olhos tristes a tristeza da distância. Procurou localizar, na crista do horizonte, as pontas das paineiras do largo da estação da sua Vila. Mas estava longe... muito longe. No tempo e no espaço. Fechou os olhos e mergulhou na cortição das suas lembranças:

“Perdi a minha Vila quando me disseram que ela não me oferecia nenhum futuro... que eu era grande demais para ficar ali. Caí na besteira de acreditar que eu era grande. Aprovado no concurso de um banco, parti. No dia em que parti, só chorei quando ouvi o último toque da sereia da Estrada de Ferro. De resto, eu era todo orgulho e contentamento. Previa um futuro melhor para a família. São Paulo judiou um bocado. A bronquite asmática do filho mais velho agravou-se. A mulher começou a sofrer com um tipo de neurose. Depois de quase três anos de sofrimento e altos gastos com remédios, achei melhor mudar de clima e, - por que não? - chegar perto da Vila. Pedi transferência. Com este quadro, cheguei a Ribeirão em abril de 1960.

Continuei mastigando os mesmos desaforos da vida... mas firme, equilibrado, na ponta do lápis. Trabalhando e lecionando. De dia, no trabalho e, a noite, na aula. Nunca achei que aula fosse trabalho. Talvez por não ser trabalho é que não tem boa remuneração financeira. Acho que aula é prazer, é dar, é repartir, é trocar. E é na satisfação disso tudo é que está a grande remuneração.

Não levou um ano, colega pediu-me um aval. Sem jeito para dizer “não”, embarquei. Sabia que o filho-de- Deus tinha um irmão padre mas desconhecia que o filho-da-puta era viciado no jogo-do-bicho. Vai daí, entrei na dele. Assinei atrás. Não me lembro exatamente do valor mas sei que era mais do que o meu salário. No vencimento, o colega mancou. O cara do cartório telefonou. Gelei. Fui até lá. Consegui que esperasse uns dias. Até o dia do meu pagamento. Mas o meu pagamento não dava para cobrir. E a comida... e os remédios... e a água, a luz... e o aluguel?

Não houve jeito. Tive que fazer um empréstimo num outro banco. Ainda bem que consegui aval. Paguei a conta. Não contei em casa. Agüentei o tranco sozinho. Depois de noventa dias venceu o meu título. Fiz outro, em outro banco. Mas tive que fazer maior porque havia o desconto. Vencido este, fiz outro maior ainda. E assim a coisa foi. De banco em banco. Impossível fazer saldo médio. Os gerentes começaram a negar. Precisava manter o nome. E o maldito colega, nada. Desesperado, caí nas garras do primeiro abençoado e maldito agiota. Não sei bem se agiota ou auxiliar de agiota. Mas como cobrava ágio, era também agiota. “Pereira” era o seu nome. Vivia do expediente de intermediar empréstimos dos agiotas para os “idiotas”. Alegava o “Pereira” que os capitalistas com os quais trabalhava, e cujos nomes não me podia declinar, eram pessoas de alta projeção na cidade, que não queriam aparecer, que guardavam absoluto sigilo mas que suas taxas eram elevadas: 7.1/2% ao mês. Apavorado com a enormidade da taxa porém mais apavorado com a minha calamitosa situação, caí nas garras do Pereira tendo em vista que ele conseguia o dinheiro rapidamente: 10 minutos. Pediu-me uma promissória com aceite sem data. Vencimento em 30 dias. O prazo curto era outra peculiaridade dos negócios do Pereira. Antes do vencimento, consegui uma operação com um tal Rochinha, a 3%. Milagre. Paguei ao Pereira. No mês seguinte teria que pagar ao Rochinha. Por indicação, procurei o Dr. Monteiro, advogado e agiota, que me emprestou a 3%. Outro milagre. No decorrer da operação o Dr. Monteiro lembrou-se do meu nome e disse-me que já me havia emprestado dinheiro por intermédio do Pereira. Descobrimos, então, eu e o Dr. Monteiro, que o Pereira havia ganho na transação, 4.1/2%, ou seja, mais do que ganhara o próprio

dono do dinheiro. No fim de junho precisava pagar o Dr. Monteiro. O meu endividamento andava em torno de Cr\$ 1.000.000. Já quase não dormia e vivia em constante tensão nervosa. Não admitia atrasar os pagamentos dos meus compromissos. No dia do vencimento da promissória do Dr. Monteiro, tive que recorrer novamente ao Pereira. Pensei em propor-lhe um negócio com o prazo de apenas uma semana. Julgava que nesse pequeno espaço de tempo pudesse conseguir de algum outro a juros mais baixos. Tão descontrolado eu estava e tão usurário o Pereira que o negócio foi feito, de fato, por uma semana, mas à mesma taxa de 7.1/2% Quer dizer que paguei, por uma semana, 7.1/2%, o que daria 30% ao mês, como de fato deu, pois tive que reformar esse título por diversas semanas, na impossibilidade de pagá-lo. Loucura. As alegações do Pereira não me convenciam, é claro, mas eu estava preso a ele e concordava com relutância mas sem desabafo. Atravessei 1962 e 1963 de agiota em agiota, num rodízio louco, para manter o nome e o emprego. No final de 1963 eu estava com o rabo preso ao Pereira com pouco mais pouco menos de Cr\$ 5.000.000. O meu objetivo era encontrar outra fonte de empréstimos e tirar o Pereira do meu caminho. Foi quando entrou em cena o senhor não sei o que Barbosa, vulgo “Barbosão”. A mim apresentado por um tal Pinotti, disse-me o Barbosão que representava um grupo de capitalistas de São Sebastião do Paraíso, Capitinga etc. Percebi, desde logo, que o Barbosão mentia. Sim... porque, de tanto correr atrás, eu já sabia que os agiotões eram todos dali mesmo, escondidos pelas mentiras do Pereira, do Barbosão e de tantos outros que viviam desses expedientes. Eram como muros que tinham, de um lado, os agiotas e de outro, os idiotas. Disse ao Barbosão que não representava ninguém mas que conhecia gente boa interessada e

precisando de dinheiro ao que ele me respondeu que, com o meu aval, não haveria problema. E a conversa continuou assim:

- Mas, “seu” Barbosa, por que então não emprestam diretamente a mim e eu repasso aos interessados?!

- Não... negativo...precisam dos nomes e assinaturas dos “caras” nas promissórias.

- Por quê?

- Porque se você morrer correrão atrás deles. Por agora nem querem saber quem são. Entregam o dinheiro em cima do seu aval.

- Por que essa confiança em mim se não me conhecem?!

- Conhecem... e bastante! Sabem que o senhor paga no vencimento. Não há quem não empreste ao senhor. O seu cadastro é ótimo.

- Mas os meus bens são bens de pobre.

- Mas o senhor paga no vencimento.

- Pôcha!... eu não sabia dessa credibilidade.

- Sabe de uma coisa, senhor Norton? Quem empresta a bons pagadores corre menos riscos. Esse negócio de ter que tomar bens dos outros envolve Justiça, jornais etc, o que acaba com o anonimato. Aí os nomes deles vêm à boca do povo e a Receita Federal cai em cima deles.

- Compreendo, “seu” Barbosa.

- Feito, senhor Norton, vou falar com os homens e amanhã lhe telefono.

- O.K., “seu” Barbosa. – e fiquei olhando o Barbosão pelas costas. Fisicamente, um monstro de homem.

Enquanto isso um turbilhão de conjeturas encheu o meu cérebro. Não podia fazer o negócio. Mas eu precisava do dinheiro. No dia seguinte, pela manhã, Barbosão telefonou-me, deu-me o endereço e pediu-me para que fosse até o seu apartamento.

- Bom dia, “seu” Barbosa.
- Bom dia, senhor Norton. Já tomou café?
- Já, obrigado.

Barbosão apresentou-me um papelzinho com os cálculos do desconto (juros + comissões dele e do tal Pinotti): Para um nominal de Cr\$ 6.000.000 eu receberia um líquido de Cr\$ 5.060.000, isto é, Cr\$ 940.000 de desconto, ou seja, 15,6% por 30 dias. Num rápido cálculo mental estalou em minha cabeça a taxa anual de 187,20%. Um pensamento infantil de quem se encontrava em absoluto descontrole e tomado de pânico, passou-me pela cabeça: afinal era a metade da taxa que eu pagava ao Pereira. Aceitei o negócio.

- Feito?
- Feito!

E agora? – pensei – E as assinaturas dos aceitantes? Eu sentia os ossos do crânio se entrechocarem Mas raciocinei que se eu, como avalista, era o principal devedor, os nomes dos aceitantes não tinham a menor importância. Sendo assim, batizei-os todos. Eram gente que não existia e que passaram a existir e a tomar parte, como coadjuvantes, de uma tragédia que não se sabia como iria terminar. Na realidade não estava cometendo nenhum crime, desde que assumira, com o aval e outros

documentos, a totalidade da conta, já que os aceitantes não existiam e que, segundo as palavras do Barbosão, eram de somenos importância.

Contudo, para colocarem a responsabilidade inteiramente sobre mim, exigiram um cheque meu pelo valor total do negócio e ainda uma confissão de dívida assinada por mim para garantia dos favorecidos. Tudo isso para evitar o registro dos títulos na Receita Federal e sonegar imposto de renda. Que rolo dos diabos !!! – puta-que-pariu!. Mas eu precisava de dinheiro para não sofrer protestos e não perder o emprego. Tinha a esperança de que em 30 dias alguma coisa de novo pudesse acontecer. Por exemplo, ganhar na loteria, conseguir empréstimos a 2% e a longo prazo... Que idéia infantil!!!! Viviam esse drama e chegava a casa com ares de tranqüilidade. Isto era necessário para não agravar a neurose da mulher e outros problemas. Curti tudo sozinho. Sabia que ia acabar mal. Mas não havia como resolver. Assim, deixei correr solto.

No dia seguinte fui ao apartamento do Barbosão. Entreguei-lhe o pescoço, ou seja, as promissórias, o cheque e a confissão de dívida. Em troca ele entregou-me um cheque de Cr\$ 5.060.000 assinado por José Alonso Guimarães. Comprovado, então, que Barbosão não representava nenhum capitalista de São Sebastião do Paraíso ou Capitinga, pois o sr. José Alonso era conhecido médico residente na cidade.

Pensando bem, a troco de um cheque de Cr\$ 5.060.000 entreguei ao Barbosão Cr\$ 18.000.000, soma de meu cheque de Cr\$ 6.000.000 + 6 promissórias por mim avalizadas de Cr\$ 1.000.000 cada + uma confissão de dívida de Cr\$ 6.000.000. Foi papel p'ra burro. Não obstante, naquele dia tive uma grande satisfação: Paguei ao Pereira e agradeci-o

olidamente, com vontade de dar-lhe um tiro...”

* * *

Izrael acordou do sono e acordou Norton da sua curtição.

- Dormindo?
- Não... curtindo.
- Curtindo o quê?
- O couro do saco.
- Va’merda.
- Vim de lá agora.
- Então vam’bora.
- Vamos indo.

Levantaram-se e foram indo.

Às quatro horas da tarde chegaram a um posto. Conseguiram um banho frio no chuveiro dos empregados. Vestiram as mesmas roupas que lhes serviram de toalhas. Depois sentaram-se no gramado, ao resto de sol da tarde. Valeu para desobstruir os poros e a pele respirar. Um motorista de caminhão saiu do bar palitando os dentes. Aproximou-se. Sentou-se na grama. Não tomou conhecimento da presença de Norton. Dirigiu-se ao baiano. Perguntou muito. O baiano contou-lhe a história do assassinato da esposa e dos trezentos e oitenta dias curtidos na prisão. O motorista arrematou a conversa dizendo o seguinte: “Agora é esperar o cara sair

da prisão e chuchar o bicho. Eu matei quatro. Mataram meu irmão pensando que era eu. Não queriam o meu namoro com a irmã deles. Pois matei os quatro e ainda casei com a irmã deles. É minha mulher hoje. Fiquei só seis meses na grade. E não me arrependo. Se eles ressuscitarem, mato eles todos de novo. É isso aí... – levantou-se – Boa Sorte.” – Subiu no “Fenemê”, acelerou e partiu soprando fumaça preta..

- Baiano, não vá na conversa desse cara. A morte de uma pessoa não recupera a vida de outra. Ainda se o filho-da-puta tivesse se arrependido, vá lá.

- É... esse cara é louco.

- Tem gente pior do que a gente. Vamos indo?

- Vam'bora.

O banho frio despertou a fome. Estavam só com o café da manhã, ganho em Parateí. Tinham decidido não mais pedir comida em restaurante. “Comerciante é comerciante” – observou Norton. O corpo mais leve, limpo. As narinas livres da mucosa preta assoada no banho. Pareciam refeitos fisicamente. Apenas a fome judiava um pouco. Caminhões e caminhões passavam aproveitando a hora fresca. No varjão, à esquerda, o sol batia deitado. As coleirinhas balançavam nas pontas do capim. Norton sentiu uma saudade doida, doída, do Nego (Norton Filho).

- Quando o dia vai morrendo, parece que tudo vai morrendo na gente. O Sol é o grande espantalho dos demônios. Quando ele vai se apagando, os morcegos da angústia começam a esvoaçar sobre a gente.

- Vamos apertar um pouco? – sugeriu o baiano.

- Você é quem sabe. Acompanho a sua marcha.

E puxaram firmes, calados. O pé da cruz martelando nas pedras e riscando na areia. Veículos que vinham, veículos que iam. Era um ronco só, uma fumaça só, um vento só. Quando o primeiro farol bateu sobre eles, perceberam que era noite. Norton deu o que tinha para acompanhar o baiano naquele trecho. O Cristo, olhando de lado como quem caminha sob uma chuva-de-vento, rompia firme como se a cruz não lhe pesasse.

Pelas sete horas chegaram a Jacareí. Não pararam no posto. Seguiram em frente. Quando apareceu o primeiro grupo de casas à margem da rodovia, desceram o barranco e sentaram-se.

- Precisamos conseguir uma “janta” – disse o Izael.
- Haveremos de conseguir. Se tem pressa, pode bater naquela casa.
- Melhor você pedir.
- Quando é que você vai deixar de ser orgulhoso?
- Não é isso. É que eu não sei o que falar.
- Pelo menos vamos juntos.

Era uma casinha de varanda na frente. Ouviram vozes lá dentro. Norton bateu forte. A luz da varanda surpreendeu-os. O vitral abriu-se. A mulher espantou-se. Norton explicou-lhe a que estavam. A mulher, meio com medo, disse:

- Esperem um pouco. Vou ver se arranjo alguma coisa.- e fechou o vitral. Demorava bastante. Norton acreditou que a mulher estivesse mesmo com medo. Teve vontade de ir embora. O companheiro convenceu-o a

esperar. Chegou um homem, encarou-os e entrou pelos fundos. Logo abriu-se a porta da sala.

Apareceram a mulher, o homem e um menino. U'a marmita de arroz com dois ovos estrelados.

- É o que temos – disse a mulher – Vocês repartem.

- Está ótimo – agradeceu Norton – obrigado. Enquanto o baiano comia a sua parte, Norton conversava com a família. O menino tossia muito.

- O garoto tem bronquite? – Norton perguntou.

- Tem sim, senhor.

- Isso judia muito da criança.- Norton disse e ensinou- lhes alguns remédios.

- O senhor é médico?

- Não... Meus filhos, quase todos, tiveram bronquite. Izael entregou a marmita com a sobra a Norton. O homem e a mulher perguntaram ao baiano a razão da promessa. E, enquanto ele lhes contava a história, Norton engolia devagarinho o seu arroz com ovo. “Gostoso... muito gostoso – exclamou Norton para si mesmo. O provérbio popular é certo: A fome é o melhor tempero.” Depois , atalhou a conversa do baiano com o homem e a mulher:

- Bem, gente, “barriga cheia, pé na areia.” Despediram-se, escalaram o barranco e seguiram devagar, bamboleando como cachorro velho que acaba de comer.

- Passo curto que é para a comida não descer – recomendou o baiano.

- Por falar em comida não descer, quando os intestinos vão funcionar.?
- Quando estiverem cheios. Cagar o quê agora?!
- Deixe estar que aquela sua lingüiça que comemos no primeiro dia é p'ra dar caganeira em poste de concreto. Entretanto, três dias já... e nada.
- Não é hora de falar nisso.
- Hora boa é pr'um cigarrinho.
- Fazer o quê? Não temos!

No meu tempo de menino eu catava tocos... ou biros, como alguns chamavam. Um tal de Zé Purguinha foi quem me ensinou a fumar. A gente catava uma porção de biros, embrulhava-os num jornal e escondia-os nas pilhas de dormentes do pátio da estação. À noite a gente ia p'ra lá puxar fumaça. No começo eu não tragava. Só puxava a fumaça e soltava pelo nariz. Como a gente grande. Achava bonito e gostoso. Que idade eu tinha? Oito, dez anos... Imagine! Um dia o Zé Purguinha quis ensinar-me a tragar. Segui suas instruções. Puxei a fumaça e respirei pela boca. Tossi tanto que quase pus os pulmões p'ra fora. Depois acabei aprendendo. Minha mãe, é óbvio, não queria que eu fumasse. Cada vez que ela percebia o cheiro de fumo na minha boca era uma surra que eu levava. O Zé Purguinha ensinou-me que mastigar folha de laranjeira era bom p'ra tirar o cheiro. Daí eu apanhava cada vez que chegava a casa cheirando a folha de laranjeira. Aprendi um método mais eficaz. Gargarejar com urina. Então era ficar na rua até que desse vontade de mijar. Punha u'a mão em concha abaixo do pinguelo. A urina descia quente, às vezes branca, às vezes amarela. Fazia o gargarejo e cusparava. Ficava na boca o gostinho de sal.

- Credo! – exclamou o baiano.

- Se eu achasse um biro agora, até que eu o catava. Não tinham andado quinhentos metros, surgiu um grande obstáculo: um pontilhão sobre a ferrovia, comprido p’ra burro. Estreito. O acostamento reduziu-se a quarenta ou cinquenta centímetros apenas. A grade de proteção tinha pouco mais de meio metro de altura. O movimento de caminhões era intenso.

- Se houvesse um tempo entre um veículo e outro, a gente daria uma carreira – falou Norton. –E ficaram ali parados uns dez ou quinze minutos. O movimento não diminuía. O jeito era arriscar. Norton imaginou que, se estivesse sozinho, poderia atravessar de gatinhas sobre o estreito acostamento. Mas havia o companheiro com aquela cruz enorme.

- Será que dá? – perguntou Norton.

- Não sei não. Estou com medo.

- O perigo é a deslocação de ar. Estaremos muito próximos dos veículos e a grade é muito baixa.

- O diabo é a cruz.

- Não concordo. A cruz é o Cristo.

- Não estou brincando.

- Pior, então. Se fala sério está blasfemando. Diabo e cruz não se dão bem. Você agora me fez lembrar o meu amigo Hilário que dizia: “A igreja está pronta... o diabo é o santo”.

- Melhor é parar de falar em diabo. Principalmente agora que vamos enfrentar um perigo.

- É... tem razão... vai ser o diabo!

- Vamos tentar, então?

- Vamos indo. Desça a cruz. Você não pode levá-la no ombro. Temos que caminhar bem abaixados, firmando-nos na grade.

- Me ajuda?

- Claro. Pegue na frente. – Norton pegou no pé da cruz. Prendeu nos dentes as pontas da sua mochila. E foram indo. A mão esquerda firme no corrimão da grade. Os veículos passavam rentes a eles. As golfadas de vento os empurravam para trás. No meio do percurso, Norton arriscou uma olhada. Lá embaixo os trilhos da ferrovia. Tremeu só de pensar o que lhes aconteceria se um caminhão os golfasse lá p'ra baixo. Faltavam ainda uns trinta metros quando houve um espaço entre os veículos que passavam. Não hesitaram. Pensaram juntos. Venceram os trinta metros num relâmpago. Chegaram ao fim do pontilhão junto com um caminhão que vinha de encontro, piscando os faróis e esgoelando a buzina a ar. Depois, sentados na guia do acostamento, a respiração acelerada, a veia do pescoço batendo forte, as têmporas latejando, ficaram pensando na morte. Norton disse:

- É... a morte andou perto! Admira-me a velocidade que conseguimos imprimir. Não sei se você me puxava com a cruz ou se eu com a cruz o empurrava.

O baiano espichou-se na grama, os braços abertos, o peito arfando:

- Foi uma pena! Essa corrida empurrou a comida p'ra baixo.

- Ainda bem. Se empurrasse p'ra cima a gente teria vomitado.

- Quando você vai falar sério?
 - Quando você me entender.
 - Então continue brincando. Melhor assim. O que você pensa da vida, realmente?
 - Que é uma bosta.
 - Fala sério?
 - Não... estou brincando.
 - Você é louco.
 - Obrigado, colega.
 - Mas eu não sou louco.
 - Claro que não. Um preto louco dá medo.
 - Não tem jeito mesmo!
 - O jeito é a gente ir andando.
 - Vamos descansar um pouco mais.
 - Nada disso. Do jeito que você dorme, daqui a pouco estará roncando.
- E adeus São José.
- Que São José?
 - Dos Campos. Pois não programamos chegar hoje a São José dos Campos?
 - É verdade. Faz mesmo questão de chegar lá?
 - Gostaria.
 - Que horas são?

- Não sei.
- Quantos quilômetros faltam?
- Não sei. Talvez dez.
- É puxado. Essa correria estraçalhou-me.
- A gente vai devagar. Em duas horas e pouco estaremos lá. Sempre é uma cidade. Amanhã cedo pode-se ganhar um café, talvez um cigarro...
- Então vamos indo.

Ao levantar-se Norton sentiu as pernas bambas, trêmulas. “Tem razão, companheiro – pensou – a corrida estraçalhou-nos. Melhor andar duzentos quilômetros do que correr trinta metros” Contudo, Norton desejava cumprir o que houvera programado: pernoitar em São José... chegar à metade do caminho. Isto lhe parecia importante como importante ele achava, naquele momento, não cederem ao cansaço. A viagem era um desafio. E eles eram os desafiantes. Importante, pois, vencerem o desânimo para não levarem a pior.

Norton não tinha sono. Dormira razoavelmente na noite anterior. Mas sentia minarem-lhe as forças. Imaginava a situação do Cristo que o acompanhava. Se bem que o baiano tivesse 26 anos apenas e Norton 43. Mas tinha pena do companheiro. Caminhavam em silêncio Embora o ar da noite estivesse fresco, sentiam uma sede danada. Aquela corrida logo após o arroz com ovos provocou-lhes uma secura nas tripas. Secura seca.

Aliás o sol de três dias havia-os secado por inteiro. Agora, quando o nó da saudade apertava na garganta, Norton sentia os olhos queimarem seco.

Pararam três vezes. E três vezes brigaram com a vontade de esticar o corpo na grama ou na areia. No posto da polícia rodoviária, beberam água. O guarda informou-lhes que dali até a entrada para São José havia seis quilômetros. Norton concluiu que tinham caminhado muito pouco desde Jacareí e que não conseguiriam chegar ao destino programado. Contudo, continuaram. O Cristo bamboleava. O pé da cruz riscava em zigue-zague. Norton arrastava-se. Os sapatos, já sem saltos, raspavam no solo. Não dava... e não deu mais. O gramado em frente à Johnson era convidativo. Escolheram um lugar sob uma árvore, no fundo. O clarão do Posto da Gruta batia por perto. Estenderam os trapos e espicharam-se. Fazia já bastante frio. Norton curtia a vontade doida de tomar um café bem quente e fumar um cigarro. Onze horas? Meia noite?... Por aí. Um caminhão parou no acostamento. Desceram um e uma. Afundaram no gramado. Atrás da árvore próxima deitaram-se. Primeiro o silêncio. Depois os ais. Depois levantaram-se e se foram.

- Viu, Baiano?! – Não respondeu.

Norton pensou em levantar-se e ir até o posto pedir um café. Não deu. Muito frio. Canseira demais. Puxou o cobertorzinho p'ra cima da cabeça. Curto o danado.

Encolheu as pernas. Lembrou-se de que tinha parentes em São José. Onde morariam? Também não iria lá. Naquelas circunstâncias, não. Os olhos começaram a arder. Procurou não pensar em nada. A madorna não durou muito, porém. O orvalho começou a gotejar das folhas da

árvore. Aí começou o suplício. O orvalho foi molhando os panos. Gelando. Norton foi encolhendo-se, dando nó nos braços, embodocando o corpo. O baiano parecia morto. Era uma pelota muda... quieta. Norton pensou em levantar-se, sair correndo, pulando. Mas o frio pesado pregou-o ali. E ali ficou, tremendo e gemendo como cachorro novo. Nunca imaginara ter que passar por um pedaço tão gelado. Gelado por dentro e gelado por fora. Então ficou pensando no tempo em que sua mãe o cobria com um acolchoado grosso, feito de retalhos: “Aquilo sim era pesado e quente. E minha mãe cobrindo-me eu sentia aquele calor por dentro e por fora. Quando já moço, minha irmã esquentava o ferro elétrico e passava no lençol sobre o colchão antes de a gente deitar-se. Ultimamente eu cobria os meus filhos e depois deitava-me pensando nos meninos pelados dos barracos da favela lá p’ra cima da linha da ferrovia. Melhor dormir no quente pensando no frio do que curtir o frio pensando no quente.

Madrugada comprida, sofrida, tremida, gemida. Quando Norton percebeu o claro do dia, puxou uma beiradinha do cobertor para dar uma assuntada. Imaginava que fosse amanhecer neblinado. Mas não. Dia claro, céu limpo. Entretanto, não se animou a levantar-se. Parecia que estava pregado no chão. Não sentia as pernas. O companheiro era um nadinha enrolado nos panos. A cruz, encostada no tronco da árvore, estava molhada.

- Izael?!
- Hummm?!
- Vamos indo?
- Logo mais. Espere amanhecer o dia.

- Amanheceu faz tempo.
- Mesmo?
- No duro.
- Dormi muito pouco.
- E eu nem um pouco
- Com o sol quente a gente dorme. Melhor a gente ir indo então.

Difícil para Norton foi meter os pés nos sapatos que tinham ficado de boca p'ra cima bebendo o orvalho da noite. – “Se não ficar doente desta, não fico mais” – pensou. A primeira dúzia de passos foi de lascar. As plantas dos pés agulhavam e os nervos pareciam mais curtos do que as pernas.

- Doido p'ra tomar um café – disse o baiano.
- Mais p'ra frente a gente pede. O posto aqui parece muito chique.

Depois da entrada para São José cruzaram com muita gente. Operários que se dirigiam ao trabalho. Um cidadão que vinha de bicicleta parou, desmontou, tirou o chapéu e perguntou:

- Vão indo p'ra Aparecida? – Norton teve vontade de responder: “Não, estamos atrás do diabo”. Mas fez coro com o baiano.
- Vamos indo.
- Aceitam um auxílio?
- Aceitamos, obrigado. – O homem desdobrou a carteira e puxou uma nota de dez.
- Deus lhe pague – disse Norton.

- Amém... vão com Deus.

Era sábado, 24 de agosto. Um dia de sorte. Viram um bar na rua marginal da pista. Desceram pelo gramado. Deixaram as cargas na beira da cerca. Norton ajeitou o cabelo (o baiano não precisava disso), transpuseram a rua e entraram no bar. Fizeram os cálculos da despesa e

Norton pediu : 2 maços de cigarros Arizona, 150 gramas de mortadela, um pão “bengala” e 2 cafés reforçados.

Era muito cedo ainda para comer. Menos de oito horas. Mas não resistiram ao cheiro da mortadela e do pão quentinho. Ali mesmo mandaram p’ro bucho. Tomaram café e fumaram um cigarro inteiro cada um. Estavam abastecidos. Barriga cheia e cigarros para dois dias.

- Vamos indo? – convidou Norton.

- Vam’bora.

O sol batia na grama orvalhada e refletia pontinhos brilhantes. Ganharam o acostamento e foram indo devagar, olhando para os lados, contemplando a cidade que se esparramava, grande, estendida, à esquerda e à direita da Via Dutra.

* * *

O corpo já estava aquecido. Os pés, porém, eram como duas pedras de gelo. Não sentiam os dedos. Fumaça saía pelo nariz e pela boca, como se estivessem fumando. O vento golfado pelos caminhões cortava nas orelhas. Boas eram as baforadas quentes dos escapamentos nos pés. Aí

a fumaça branca da boca entrava na fumaça preta do óleo queimado. A cruz ainda estava molhada do orvalho da noite. O baiano manquitolava...
Parou:

- Fumar um cigarrinho? - Sentaram-se ao sol e puxaram um Arizona cada. Norton desfez a mochila e pendurou os panos na cerca, para secarem. O baiano desenrolou o cobertorzinho, estendeu-o na areia e deitou-se.

- Olhe aqui, Baiano, se você pegar no sono eu me arranco. T'espero no primeiro posto.

- Então pode ir indo que eu vou aproveitar o solzinho.

- Vou esperar os panos secarem.

Izrael puxou uma ponta do cobertor sobre o rosto e dormiu. Norton sentou-se numa pedra e ficou olhando a ponta do lençol pendurado na cerca, drapejando ao vento. Depois abaixou a cabeça e mergulhou de novo na cortiça das suas desgraças. Naquele momento, os agiotas voltaram-lhe: “Cr\$ 6.000.000! Puta-que-pariu! Eu estava perdido. Tirei o Pereira do meu caminho mas coloquei o Barbosão nos meus calcanhares. Pior é que o filho-da-puta tinha cara de mau. Mau ou bom eu tinha que pagar. Tinha que me virar porque os dias se passavam rapidamente. Procurei meio mundo. Nunca conheci tantos agiotas. Saí à caça deles. Nas ruas centrais havia aglomerações deles. É um aspecto curioso de Ribeirão. Quando cheguei àquela cidade eu me perguntava: “Que fará tanta gente parada nas esquinas?!”. Eram os agiotas, os corretores de automóveis usados e de imóveis. Havia ali uma esquina de Banco que talvez movimentasse mais dinheiro do que o próprio Banco da esquina.

Do lado de lá... ou de cá, a famosa esquina da Única.

E o dia do vencimento chegou. Já me levantei com frio na barriga. A mulher, em crise de nervos, chorando. (Imagino se ela soubesse que estávamos perto da falência). Naquele dia eu precisava muito de ficar em casa. Mas as feras esperavam-me. Se eu não fosse a elas, elas viriam a mim. Talvez fosse melhor. A coisa teria parado ali. Mas eu quis poupar a família. Ou tive medo de enfrenta-la? Sei lá. Deixei o coração em casa e perdi a cabeça no caminho. Andei desesperado a procura dos abençoados agiotas, salvadores nos momentos em que a água nos bate na bunda. Suava frio e engolia o amargo da boca. Até as 11 horas eu tinha conseguido apenas Cr\$ 2.700.000 e precisava pagar os Cr\$ 6.000.000. E agora? Ao meio dia eu tinha que ir para o trabalho. Plantado na esquina dos agiotas, entregue aos meus confusos pensamentos, as mãos suarentas, geladas, a cabeça latejando. Eu mal sustinha as lágrimas com um sorriso forçado e um aceno aos colegas que passavam já a caminho do serviço. Súbito, na calçada do outro lado da rua, surge um fantasma de branco: Pereira!!! Naquele momento ele se me afigurava um anjo caído das alturas. Encetei o primeiro passo em sua direção mas me contive em meio ao segundo. Não... ele não... ele vai afundar-me ainda mais. E se eu cair em suas garras agora, nunca mais me safarei delas. Os meus olhos, porém, não se desviaram... acompanharam o carrasco que caminhava a passos largos na outra calçada e se distanciava cada vez mais. Era como se eu fosse um naufrago debatendo-me nas águas a espera de uma tábua-de-salvação e me aparecesse um jacaré com o dorso emerso a parecer um tronco de angico. Onze e meia já e eu precisava ainda de Cr\$ 3.300.000 para completar os Cr\$ 6.000.000 do Barbosão. O Pereria

estava já na outra esquina e se eu o perdesse de vista perderia a última chance de cumprir meu compromisso com o Barbosão naquele dia. Não... eu não podia faltar com a minha palavra, ainda que me arreentasse. Sai correndo atrás do Pereira mas enquanto eu corria eu pensava que deveria chegar a ele com aparência tranqüila e não com a respiração ofegante e ares de desespero. Devia ainda fazer parecer-lhe que o encontro fosse casual. Perspicaz como era, não me entregaria nem um centavo se adivinhasse, de leve, as minhas aperturas. Tive uma idéia. Voltei andando depressa até a “esquina do pecado”, dei a volta no quarteirão e, aí sim, corri e adiantei-me dois quarteirões, o suficiente para por a respiração em ordem e vir ao encontro do Pereira. Coincidência premeditada. Eu nem precisava entrar no assunto. Bastava que ele me visse para oferecer-me dinheiro. Também, pudera, com aquele taxa absurda e os juros no bolso todos os fins de semana!!!

- Como vai, Norton? Você sumiu!

- Não sumi... Muito serviço.

- Como vão os negócios?

- Parados. Falta de tempo... Tenho um cara que precisa de Cr\$ 4.000.000 (falei em Cr\$ 4.000.000 porque precisava de Cr\$ 3.300.000 líquidos).

- É por muito tempo?

- Trinta dias.

- Não dá... importância grande assim os meus capitalistas não emprestam por prazo longo. Por oito dias eu arranjo.

- Naquela base?

- Não. Agora eles subiram um pouco: Cr\$ 150.000 por milhão, mas já está incluída a minha comissão. (Como se isso fizesse grande diferença).

- Bem, vou falar com ele e telefono-lhe mais tarde – “Ah se eu pudesse esganar esse sujeito!” Com esse pensamento despedi-me cortesmente, como se não tivesse nenhum interesse no negócio.

Cheguei ao Banco ao som das 12 badaladas e fui direto à geladeira. Um copo d’água foi o meu almoço e o cafezinho adoçou a salivação. Que boca amarga!

Apurado com o serviço e os ponteiros do relógio espremendo o tempo. Duas horas da tarde... e nada de solução. “Não faz mal... – pensei. Amanhã eu darei um jeito. Não posso sair do trabalho para tratar disso. Atraso um dia”. Mas as duas e meia, o telefone...

- É o senhor Norton? – do outro lado do fio uma voz que eu não gostaria de ouvir naquele dia.

- Ele mesmo – respondi.

- É o Barbosa, senhor Norton.

- Pois não, “seu” Barbosa... como está o senhor?

- Bem, obrigado. – E, antes que eu pudesse falar outra coisa, continuou:

- Senhor Norton, a que horas o senhor vai aparecer?

- o que queria dizer: a que horas o senhor vai trazer o dinheiro? – Durante alguns segundos fiquei mudo, pensando em como responder, que

desculpa iria dar. Eu não tinha conseguido o dinheiro todo. Talvez até o dia seguinte eu pudesse consegui-lo com outra pessoa que não fosse o Pereira. Mas, antes que eu bolasse uma resposta, ele atalhou novamente:

- O que houve, senhor Norton? Escute... se estou telefonando é porque os homens estão aqui.

- Não... não houve nada, “seu” Barbosa. Estou apenas pensando numa hora que eu possa ir aí.

- O senhor compreende... essa mineirada é muito exigente e desconfiada. Vieram especialmente para receberem o dinheiro.

- Não há problema, “seu” Barbosa. Estarei aí às seis horas, logo após o expediente.

- Venha logo, então. Eles querem voltar cedo. O senhor sabe, essa caboclada tem medo de viajar à noite com dinheiro.

“Caboclada o diabo – pensei. Tudo gente da cidade. E gente grossa!

- Perfeito, “seu” Barbosa. Às seis e dez estarei em seu apartamento.

- Está bem, senhor Norton.... Obrigado e desculpe- me por tomar o seu tempo.

- O senhor manda, “seu” Barbosa... Passe bem. Desliguei suando em bica. Que apuro! E eu que pensava em pedir-lhe que esperasse até a manhã seguinte! “... os homens estão aqui... vieram especialmente para receberem o dinheiro.” – Bolas - pensei – os homens são daqui mesmo. Essa artimanha é usada para não dar chance de um minuto sequer de atraso. O relógio marcava três da tarde. Perdera meia hora com o telefonema do Barbosão e com as minhas meditações. Meu serviço

atrasara. Precisava de recuperar o tempo perdido. E agora eu disponha de apenas três horas para conseguir os benditos Cr\$ 3.300.000. Que três horas?! Disponha de apenas uma hora pois os bancos se fecham às quatro. Daí, babao Portanto eu não podia esperar nem pensar em mais nada. Era ligar para o Pereira. E depressa. E permita Deus que eu tenha sorte de encontra-lo. Só ele pode salvar-me desta angústia, ainda que seja por uma semana apenas, pois é esse o seu prazo. Não faz mal... Em uma semana muita coisa pode acontecer. Terei oito dias para respirar. Mas, Cr\$ 150.000 por milhão é muito desconto. São 15% por semana, 60% ao mês... 720% ao ano!!! Eu não sairei nunca desta enroscada. Mas eu tenho que pagar o Barbosão hoje, às 6,10. Não posso falhar. O Barbosão tem cara de carrasco e ele vai me torturar. Com os diabos... vou fazer o negócio com o Pereira.

Eram 3,45 quando consegui ligar para o Pereira. Tive a sorte de encontrá-lo. Que voz bonita tinha o Pereira naquele momento!

- Pereira?

- Sim?!

- O homem topou o negócio e gostaria que fosse para hoje. Não pude telefonar-lhe mais cedo.

- Vou fazer o possível. Deixe o cheque pronto e eu levo o dinheiro embrulhado.

- Certo.

- Você entendeu bem as bases?

- Entendi... Não ha problema.

- Então faz um cheque de Cr\$ 4.000.000 sem data, e eu lhe entrego Cr\$ 3.400.000

- Certo... em abraço.

- Que alívio! Pelo menos agora eu poderia deslanchar no serviço e terminá-lo até as 6 horas. Teria também uma semana para bolar um negócio para cumprir o que acabara de realizar com o Pereira. E esses oito dias eu

haveria de aproveitá-los bem: Viveria três dias sem pensar em dinheiro como se nada devesse a ninguém. Afinal de contas eu precisava de refazer-me ... colocar os nervos em ordem. Nos outros cinco dias eu haveria de encontrar alguém que me emprestasse a juros baixos e a longo prazo. COMO EU ESTAVA DOENTE !!!

* * *

Nornton acordou da curtição, desceu até a cerca, pegou seus panos, dobrou-os, amarrou a mochila e tacou-a no ombro. Olhou o companheiro. Dormia como jacaré ao sol. Pobre Cristo – pensou. E foi indo. Deixou o acostamento e foi pelo canteiro central, bem largo naquela altura da rodovia. Sozinho, apertou o passo.

Precisando de conversar, tentou falar com Deus: “Pai nosso que estais no céu... Creio em Deus Pai, todo poderoso... Creio mesmo?! Acho que creio... Acho?! O canteiro central estreitou. Voltou ao acostamento. No barranco, pendente de um ramo, Uma florzinha de pétalas azuis e pólen

vermelho. Minúscula, graciosa, geometricamente perfeita. Norton apanhou-a, girou-a nos dedos, contemplou-a, aspirou-lhe o perfume e exclamou: CREIO! Retomou o caminho com a florzinha presa nos dedos... nas pontas dos dedos, caminhando devagar, muito devagar e olhando para ela. Depois começou a conversar com ela: “Sabe, florzinha?... Você é a coisa mais bonita e mais perfeita que eu já vi. Eu não seria capaz de fazer você. E olhe que eu sei fazer uma porção de coisas!!!: Fiz o avião, o telefone, a luz elétrica, a televisão, a bomba atômica; transplanto olhos, corações; p’ra encurtar a história, fiz um foguete, subi nele e fui à Lua. Mas fico pensando que quem sabe mesmo das coisas é Aquele que fez o Sol, a Terra, os mares, o sistema solar inteiro. Já pensou na Terra girando solta no espaço?! E você? Quem fez o Sol e o seu sistema neste espaço imensurável, deve ser O mesmo que fez você, minúscula, graciosa, perfeita e perfumada.” Norton encurtou o passo. Sentia o suor escorrer-lhe pelas costas. Absorto no colóquio com a florzinha, não percebia os veículos que passavam rentes a ele. E continuou: “Sabe, florzinha azul? Até agora eu tenho curtido sozinho os meus problemas. Mas agora encontrei você. E você vai ser a minha confidente. Ou melhor, faz de conta que você é Deus. Então, segura lá o resto da história e vê se você pode perdoar-me: “Naquele dia eu paguei ao Barbosão, que se animou com a minha pontualidade. No dia seguinte procurou-me e ofereceu-me Cr\$ 10.000.000 nas mesmas condições. Aceitei e paguei ao Pereira. No vencimento do Barbosão voltei ao Pereira. No vencimento do Pereira voltei ao Barbosão que, empolgado, foi oferecendo quantias maiores. Ai eu fui investindo as sobras na tentativa de obter rendimentos reais e acabar com a dança macabra no meio da qual os agiotas me colocaram. Quando a orquestra

parou de tocar, aí foi que eu dancei realmente. Meu plano de investimentos começara a dar resultados quando os malditos agiotas estancaram. Parece que combinaram parar juntos. Aí a coisa aconteceu. Os tais capitalistas mineiros que se escondiam atrás do Barbosão apareceram lá em casa. Os do Pereira também deram as caras. Um advogado aconselhou-me a não pagar ninguém, por causa dos juros extorsivos. Mas eu quis limpar o nome. Limpei apenas a minha casa. Ficou vazia. Sobraram apenas o fogão e a fome... a cama e a insônia. Entreguei também os investimentos: restaurante, caminhões, jóias, etc; entreguei também o emprego antes que mo tomassem. E assim foi... eu que era tudo... sabia tudo... podia tudo... fiquei reduzido a nada!!! Eis por que estou nesta estrada... à procura de um caminho. Agradeço-lhe, florzinha, por ter-me ouvido. Norton contou essas coisas à flor azul sentindo a sensação de que ela o ouvia. As palavras saíram arranhando-lhe a garganta, vindas de um lugar dentro dele de onde nunca tinham vindo antes. Acreditou ter conhecido, naquele momento, o verdadeiro arrependimento... e percebido claro a inutilidade de sua vida pregressa e a nocividade dos seus atos. Sentiu, então, uma sensação balsâmica de leveza espiritual. De repente, sentiu fome. Perdera a noção do tempo e da distância caminhada. Olhou o Sol. Tinha passado do meio do espaço. Lembrou-se do Cristo, seu companheiro. Olhou atrás. Ninguém. Afastou-se do acostamento procurando um lugar para descansar de modo que o companheiro o visse quando por ali passasse. Havia uma porteira no início de um renque de eucaliptos. Sentou-se num pedaço de sombra do primeiro eucalipto e fumou um Arizona curtindo pensamentos que se evolaram nos novelos da fumaça. Num gesto displicente, atirou para o lado a ponta do cigarro e cuspiu na mesma

direção. Passou o dorso da mão no queixo e sentiu a barba espetante como cerdas de escova-de-dentes. A imagem sugeriu-lhe que devia estar com um mau hálito dos diabos. O estômago beliscou. Teve uma sensação de esvelhimento. Foi escorregando a bunda na areia até ficar deitado com a cabeça apoiada na mochila. Vertigem?... O Sol apagou-se. O céu ficou branco, muito branco de nuvens escamadas. Um rosto azul, de barba azul desenhou no espaço emoldurando um sorriso vermelho. Uma auréola vermelha desceu das alturas e pairou sobre a cabeça azul de longos cabelos azuis. Depois o rosto azul de olhos azuis desmanchou-se no espaço. E o céu ficou azul ao redor da auréola vermelha, ampliação da florzinha azul de pólen vermelho.

* * *

Quando Norton acordou, de imediato não percebeu onde estava. Deitado de borco, sentiu o contato da terra no rosto. Sentou-se. Olhou em redor. Não viu a florzinha azul. Passou a mão nos cabelos. Sentiu a areia escorrer pelo pescoço. “O companheiro!” – lembrou-se de repente. De um salto, levantou-se e foi ao acostamento. O Sol estava já atrás do barranco. Olhou à direita e à esquerda. Nada. Olhou o chão e não havia o risco do pé da cruz. Concluiu que o Cristo ainda não passara. O motorista de um caminhão, que os vira juntos no dia anterior, buzinou, pôs a cara p’ra fora da cabina e gritou: “Vem vindo lá atrás.” Norton tranqüilizou-se e esperou. “Puxa vida” – pensou – “Andamos muito pouco hoje Amanhã já será domingo. E falta ainda quase a metade do caminho! Precisamos

chegar ao menos a Caçapava hoje”.

Avistou o companheiro a cerca de quinhentos metros. Vinha bamboleando sob a cruz. “Puxa vida – exclamou. Não é mole. E o cabeça dura não me deixa ajudá-lo!”

Izael chegou exausto, ofegante. Depôs a cruz e caiu sentado na areia. E ali ficou, calado, procurando controlar a respiração. Norton sentou-se na mochila e esperou que o companheiro se refizesse. Depois, puxou prosa.

- Dormiu um bocado, hein baiano?
- Até que não. Você é que andou muito.
- Não acho... só se não percebi. Dormi um pouco por aqui também.
- Mas deve ter andado uns dez quilômetros.
- Não creio. São José a Caçapava são dezoito. Se andei dez de onde você ficou, estamos perto.
- E posto? Cadê posto?
- Se passei por algum, não vi. Vinha distraído, conversando com uma florzinha..
- Já vai começar com suas loucuras?
- Esqueça. ‘Ta com fome?
- Adivinha?!
- Hoje é o nosso quinto dia de viagem.
- É sábado?
- É.

- “Ta certo... saímos terça. Quando será que a gente chega?
- Segunda ou terça.
- Precisamos arranjar uma “janta”
- Haveremos de arranjar.
- ‘Tá ficando escuro. Deve ser mais de seis.
- Hora boa...
- P’ra quê?... P’ra sofrer?
- É... e p’ra rezar. Você agüenta ficar meia hora de joelhos?
- Acho que agüento – o baiano disse e olhou para Norton interrogativamente.
- Então vamos rezar um terço.
- Aqui?!
- É... aqui. Não pode haver lugar melhor. Temos o céu – Norton olhou o céu – com algumas estrelas já. Temos a cruz e somos dois.
- Mas você tem aí um terço?!
- Não. Não tenho mas a gente conta nos dedos. Ou não conta. Vai-se rezando e pronto. Ah – Norton apalpou o bolso – tenho uma imagenzinha de Nossa Senhora Aparecida. E uma medalha com o Sagrado Coração de Jesus. Do tempo em que eu era congregado mariano.
- Traz isso no bolso sempre?
- No bolso... sempre. Bem, vamos preparar o nosso altar. Norton colocou a cruz de pé, apoiada no esticador da cerca. Sobre uma pedra,

ao pé da cruz, colocou a imagem e a medalha.

- Se alguém passar por aqui vai pensar que é Umbanda.

- Pense o que quiser. Se não agüentarmos de joelhos, a gente senta. É a mesma coisa Vamos começar, então?

- Pode começar. – E juntos persignaram-se: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” Depois com os braços abertos e olhando para o céu, Norton fez o intróito: “Senhor, humildemente prostrados diante da Tua cruz, nós Te suplicamos, primeiramente, perdão para os nossos pecados. E pedimos Te dignes de ouvir a nossa prece. Não consideres, Senhor, o que fomos e o que somos Não leves em conta a nossa fé enfraquecida, vencida pelas nossas iniquidades. Mas considera, Senhor, o nosso desejo de reencontrar-Te. E já que nos enviaste um para o outro como companheiro, ajuda-nos a chegar aos pés da Tua Mãe, porque é este o caminho que escolhemos para procurar-Te. Enquanto isso, Senhor, pedimos a Tua bênção para as nossas famílias, para os nossos amigos e também para os nossos inimigos, para os enfermos, para os presidiários, para tantos quantos neste momento tenham uma dor física, moral ou sentimental. Pedimos também a Tua bênção, Senhor, para todos aqueles que, por qualquer motivo, estejam andando por estradas ou caminhos, à Tua procura ou à procura de si mesmos. Finalmente, Senhor, permite que possamos voltar, em Tua companhia, para onde cada um encontre o seu novo destino, em paz. Amém!” Depois rezaram em dueto o Credo, os Pais-Nossos e as Ave-Marias... E a noite foi descendo sobre eles, sobre o altar e sobre a vontade que eles tiveram de falar com Deus. Terminada a prece, em silêncio, ombream as suas cargas e puseram-se a caminho. A

oração honesta, sincera, feita por vontade de fazer, fizera bem a Norton que ficou pensando nos tempos de congregação Mariana. “A gente rezava terço, Via-Sacra, ensinava catecismo, cantava nas missas, comungava com fé... ou por exibição?! Sei lá,, não me lembro... faz tantos anos!” Izael interrompeu o silêncio:

- Você rezou como um padre.
- Nós ... rezamos.
- Mas aquele discurso que você fez no começo me arrepiou.
- Um preto arrepiado fica horrível.
- Não estou brincando. Fiquei “te” observando. De braços abertos você parecia uma cruz.
- Que descoberta! Qualquer pessoa de braços abertos parece uma cruz.
- ‘Tá me debochando?
- Não, companheiro... percebo que você ficou emocionado com o nosso terço... confesso que eu também fiquei.

* * *

O acostamento piorou muito. Muita pedra e muito buraco., O pé da cruz saltitava aqui e saltava acolá. Norton pisava firme com o pé esquerdo e de leve com o direito por causa do ferimento que o prego do sapato lhe fizera no calcanhar. Quando pisava numa pedra a dor cutucava e ele

falseava a perna. Em certos trechos havia um bueiro comprido, paralelo à pista. Então eles entravam nele para ganhar alguns metros pisando no liso. O baiano perguntou:

- Será que a gente chega á tal Caçapava hoje?
- Se Deus quiser, companheiro.
- Com este caminho ruim, não sei não.
- Logo há de melhorar.
- E posto?...Nem posto nem casa nem nada. Parece que a gente vai dormir de bucho vazio hoje.
- Agüente firme, Baiano. Há de aparecer qualquer coisa. Quer parar um pouco?
- Não. Se parar não ando mais. Durmo por aqui mesmo.
- Então deixe-me ajudá-lo um pouco.
- Mais adiante. – A resposta do baiano surpreendeu Norton... e deixou-o contente.
- OK, quando quiser avise. Estou doido p'ra carregar esse negócio aí.

Pouco depois entraram no município de Caçapava e dali a alguns minutos estavam diante de um posto com restaurante, do outro lado da pista. Pararam e ficaram olhando. Depois olharam-se. Aparência lastimável. As roupas sujas de terra e de grama queimada. As barbas compridas. Os cabelos grossos de óleo e areia. Izael com a conga arrebatada e Norton com os sapatos sem saltos.

- Vamos até lá, Baiano? – não respondeu; olhou p'ro chão, levou a

mão à cabeça e ficou alisando a carapinha. Compreendendo, Norton emendou: - Já sei. Converso melhor, sou branco e mais bonito que você.

- É isso... você já sabe.

- Bem... vou tentar sozinho. Mas continuo achando que você é orgulhoso... tem vergonha de pedir um prato de comida.

- Não é isso...

- É sim, mas não faz mal. Espere aqui que eu vou até lá.

Norton atravessou a pista e aproximou-se do restaurante. Muitos carros e caminhões parados ali fora. Espichou os olhos pelo vitral. O salão de refeições repleto. Ficou indeciso. Afastou-se um pouco. A mochila sebenta nas costas; a roupa encardida no corpo; a barba comprida, espetante. Passou a mão nos cabelos. Sentiu- os grossos e embaraçados. Puxou o caco de pente e deu um jeito neles... mais ou menos. Debaixo de um pé de ameixa, ficou coçando a barba e observando. Gente que saía palitando os dentes; motoristas que chegavam, lavavam-se na pia e penteavam-se olhando-se no espelho. Norton sentiu-se muito pequeno e quase desistiu. Mas a fome beliscou mais doído que o orgulho. Contudo, tamanha era a sua vergonha que teve a impressão de ter entrado meio encolhido naquele recinto. O relógio na parede marcava nove e meia. Cochichou o seu discurso no ouvido do garçom... e teve que repeti-lo ao dono do restaurante.

- É o seguinte: estamos indo para Aparecida... e desde as oito da manhã não comemos nada.

- Você tem uma vasilha?

- Não... não tenho. Pode por num prato velho aí que a gente dá um

jeito.

- Isso não... chame o seu companheiro... e comam na mesa.

- Mas...

- Não se preocupe... chame o companheiro.

- Norton transpôs a pista com aquela animação. Encontrou o companheiro sentado, com as costas apoiadas no tronco da árvore. Inclinou-se e, numa jocosidade palaciana disse ao baiano:

- Nobre companheiro, um lauto jantar vai ser servido aos ilustres enviados do Grande Rei. De modo que lhe peço permissão para tira-lo dos seus aposentos e conduzi-lo até o salão de jantar.

- Isso é loucura ou frescura?

- Isso quer dizer que ganhamos a bóia, “seu”besta. Levante a bunda do chão e vamos indo.

- Mas... temos que ir lá?

- Não... o restaurante vem aqui.

Norton quase precisou levar o baiano no colo. Sabia que ele tinha vergonha da lastimável aparência. Mas não procurou convencê-lo com palavras. Pegou logo sua cruz e atravessou a pista. Então logo ele foi.

- Mas é p’ra comer lá dentro?

- É... lá dentro – pegou-lhe o braço – vamos passar uma água na cara... e pronto.

Numa mesa perto da porta, foram servidos pelo próprio dono do restaurante. Talhares para dois, com guardanapos e tudo o mais. Maionese,

macarronada, frango assado, farofa e arroz.

- O que tomam?

- Água, senhor – respondeu Norton.

- Aceitam um refrigerante?

- Obrigado, senhor. Preferimos água. – O baiano olhou Norton, empertigado. Baixaram a cabeça e deram início à mão-de-obra. O garfo do baiano funcionava como uma pá-carregadeira. Em voz baixa, Norton disse-lhe:

- Izael, se você mastigar a comida vai aproveitá-la melhor. - O companheiro olhava Norton sem levantar a cabeça. Depois girava os olhos pelo salão. – Coma tranqüilo, Baiano. Assim você parece um macaco assustado.

Norton imaginava que tudo aquilo era um sonho; e observava com ternura a timidez do seu querido crioulo.

E servindo-lhe mais frango e mais macarronada, disse-lhe:

- Baiano, eu tinha quase certeza que iríamos jantar bem hoje.

- Por quê?

- “Porque hoje é sábado”... como disse o Vinícius.

- Quem é esse cara?

- Um louco.

- Colega seu?

- Va’merda, vai.

- Você não come mais?

- Comi o suficiente... Pegue mais frango – pôs o último pedaço de peito no prato do baiano – e coma devagar.

Enquanto o companheiro arrematava o serviço, Norton ficou pensando em como há gente boa no mundo.

E desejou muito que aquele cidadão tivesse muito sucesso com o seu restaurante. Terminado o cafezinho, agradeceram. O bom homem, que ouviu pacientemente o discurso de Norton, pôs-lhe a mão no ombro e disse apenas isto:

- Moço, já passei os meus pedaços. Vão com Deus. Um beijo por mim em Nossa Senhora Aparecida.

Antes de pegaram as cargas, olharam em redor, procurando lugar bom p'ra dormir. Havia o cômodo da valeta mas muito molhado e muito sujo de óleo. Decidiram seguir em frente. Saíram dali às dez e meia. Atravessaram a pista e foram indo devagar. Os pés pediam um bom descanso. Pararam a dois quilômetros da entrada para Caçapava. Afastaram-se da rodovia uns trinta metros. Pularam a cerca e esticaram-se sobre o capim-gordura seco. O baiano, cismado, perguntou:

- Não tem cobra aqui não?

- Amanhã a gente vê isso.

- Qu'á... você não tem jeito.

- Melhor dormir logo porque quando o orvalho bater, a gente vai ter que levantar.

Norton acordou tremendo. Os cabelos já estavam molhados. Deu uma esticadinha na perna e sentiu o lençol encharcado. Calculou que fossem três ou quatro horas. Cobriu a cabeça e encolheu-se tentando ficar o mais curto possível. Ouviu passarem muitos ônibus com gente cantando. Era domingo... 25 de agosto.

- “Ta acordado? – grunhiu o baiano.
- Faz tempo.
- ‘Tá escutando a cantoria?
- Sim. – respondeu Norton bocejando.
- São os romeiros. Hoje é dia de ir muita gente lá. Todos os domingos é isso aí. Ônibus à beça.
- Hum.

Cheiro de capim molhado. Norton sentiu saudade das caçadas domingueiras. “Hora destas – pensou – já estava de pé fazendo café e fritando lingüiça p’ro lanche”.

- Baiano, melhor a gente limpar o rancho. Não dá p’ra ficar aqui mais não.
- ‘Tá com frio?
- Não... calor dos diabos.
- Resposta besta...
- De pergunta besta.

- Então vamos deslanchar. Com o sol quente a gente dorme.
- Está levantando e pensando em dormir. Você é pior que jacaré.
- Vai me pegar p'ra cristo hoje, é?
- Faz tempo que eu “te” peguei.
- Não brinca.
- Pior bosta é calçar estes sapatos gelados.
- Por que não dorme com eles?
- Não consigo. Os pés não descansam.
- Pelo menos deixe eles debaixo da coberta.
- Boa idéia. Farei isso hoje.
- Vam'bora, então?
- Vamos indo. Depois de amanhã chegaremos lá.
- Se Deus quiser! Mas 'to desconfiado que amanhã mesmo a gente chega.
- Só se não dormir de dia.
- Vonvê.

Puseram os cobertores como capa de boiadeiro. Jogaram as cargas no lombo e saíram do mato de perna dura e tremendo. A primeira “ventarada” do primeiro caminhão cortou no rosto como uma navalha. Norton puxou o cobertor para cima da cabeça e fechou-o no rosto, deixando livres apenas os olhos e o nariz. Olhou para o seu Cristo e achou que o companheiro era muito mais Cristo com aqueles paramentos de todas as madrugadas.

Logo chegaram à entrada de Caçapava. Passando o pontilhão, um posto com bar logo à esquerda. Ganharam um café e ficaram ali dentro puxando um Arizona e usufruindo do quente do cômodo fechado. O frentista, que não queria nada com a frente por causa do frio, ficou ali batendo papo com eles. Depois chegou o borracheiro, preto como um borrachudo, tremendo como roda de carro solta. Já pegaram no futebol e só não brigaram porque borracheiro e frentista eram, ambos, corinthianos. O borracheiro era fanático e o frentista não ficava atrás (sem trocadilho). Conversa vai... conversa vem, ganharam mais um café e saíram dali madrugadinha.

Quando o Sol abriu os olhos, já os viu longe. O movimento no sentido Rio-São Paulo, àquela hora do domingo, era pequeno. De modo que podiam caminhar longos trechos sobre o asfalto liso da pista. Aí ia bem. O pé da cruz deslizava, num chiado comprido. O cobertor do baiano esvoaçava para trás, dando-lhe a aparência festiva do Cristo ressuscitado. Marchavam rápido, contentes, como se estivessem voltando para casa. O ar fresco, menos poluído àquela hora, entrava leve nos pulmões. De retorno, trazia aquela fumaça branca das manhãs frias. Com tal disposição e ajudados pela ausência de movimento que lhes permitia caminhar sobre o asfalto, venceram, numa arrancada, seis quilômetros. Ai os intestinos lembraram-se de uma coisa muito importante...

- Baiano, preciso parar. Acho que a coisa vai funcionar agora.
- E eu também. Segurei até aqui para não perder o embalo. Tem papel aí?
- Tenho. Peguei do toalheiro do restaurante, ontem.

- Foi aquela “janta” gorda que provocou.
- Ainda bem.

Depuseram as cargas, desceram o barranco e entraram no mato. Norton tomou a posição adequada. Lembrou-se de quando era menino. Fazia aquilo no quintal. Ficava meia hora de cócoras, os cotovelos apoiados nos joelhos, o queixo descansado nas mãos, pensando em coisas. Mas ali, agora, não dava. As articulações doíam e a vista quis escurecer. Levantou-se um pouco, apoiou as mãos nos joelhos para manter-se equilibrado. E teve que fazer o serviço naquela posição, nem de pé nem abaixado. O companheiro ajustou-se melhor; segurou-se num tronco de árvore.

- ‘Tá parecendo um gorila.
- E você ‘tá parecendo um canguru.
- Terminou?
- Tanque vazio... Agora é pensar no almoço.
- Agora não, né bicho?

Quando Norton ficou totalmente de pé e deu o primeiro passo, tonteou e caiu ainda com a calça desabotoada.

- O que foi? – gritou o baiano. – O que foi? - perguntou de novo.
- Nada... Desequibrei-me – Norton respondeu e ficou sentado um pouco.
- Você quase executou aquele ditado...
- Qual ditado?

- “Cagou e sentou em cima”.

- É... quase! – Também sabe tirar o seu sarro, né Baiano?

- Estou aprendendo com você. Vamos indo?

Subiram o barranco e sentaram-se na guia. Norton apalpou o bolso...

- Meus cigarros acabaram.

- Tenho ainda dois... Tome um.

- Não... agora não.

- Você ‘tá branco!

- E você está preto.

- Sem brincadeira... aquilo lá embaixo foi tonteira, não foi?

- Foi.

- Deite um pouco aí.

- É o que vou fazer Se quiser tocar, pode tocar. Depois o alcanço.

- Não... “te” espero... Também vou espichar um pouco.

Fazia ainda um pouco de frio. E Norton suava frio. Sentia uma fraqueza dos diabos e a salivação aumentou. Passava um mau pedaço. Sentiu que o companheiro puxou o cobertor sobre ele. Depois desligou.

* * *

Norton acordou molhado de suor. A boca amarga, a língua grossa. Vontade de beber um canecão d'água.

Pôs-se sentado. O companheiro sentou-se rápido e perguntou:

- Melhor?

Norton esfregou os olhos e olhou comprido por sobre a mata. O baiano insistiu:

- Melhorou?

Norton respirou fundo e respondeu:

- Creio que sim... Vamos embora.

- Guardei o seu cigarro.

- Não me apetece... Pode fumá-lo.

- Olha que é o último, hein?!

- Não faz mal. Fume-o você. Preciso agora é de água. Estou seco por dentro. .. Vamos indo.

Pelo Sol, Norton calculou umas dez horas.

Puseram-se a caminho e continuaram conversando.

- Perdemos a melhor hora, Baiano. Agora vai começar a esquentar.

- Tem nada não. A gente vai devagar.

- Gostaria de chegar ao menos a Taubaté hoje.

- Quantos quilômetros?

- Creio que uns vinte.

- Então chegamos lá. Nem que seja de noite.

- Bom se a gente ganhasse um almoço hoje.
- Reparou que não conseguimos nenhum almoço? – Só “janta” – e olhe lá!
- É... mas hoje estou muito necessitado de um almoço. A fraqueza que estou sentindo não é mole.
- Hoje eu sou capaz de pedir... por você..
- Deixe que eu peço, Baiano... Já perdi a vergonha.
- Não... deixa p'ra mim. Hoje eu vou pedir.
- Certo... peça você então.

O sol esquentou p'ra valer. Norton sentiu o suor frio escorrer-lhe no peito e nas costas. Sentia as veias latejarem nas têmporas. Sede danada. “Sitio” - exclamou

- “Que idéia!”

De repente o companheiro largou a cruz no chão, quase jogando-a, e desceu correndo por um trilho. Norton acompanhou-o com os olhos e viu uma casinha lá embaixo. Sentou-se e recostou-se no barranco. Não demorou muito o baiano voltou com o cantil cheio. Norton bebeu um pouco e despejou o resto na cabeça.

Reanimou-se um pouco. Desabotoou a camisa. Escorregou a bunda no chão até que a cabeça apoiasse na mochila. O baiano voltou à casinha e encheu de novo o cantil.

- Vai mais?
- Mais um pouco.

- Fique com o cantil e vai bicando por aí.
- O K ... vamos indo então.
- Não quer descansar mais um pouco?
- Não... vamos indo devagar.

* * *

O movimento de veículos continuava pequeno. Caminhando atrás do Cristo, olhando fixo no risco que o pé da cruz fazia na areia, Norton ruminava coisas: “Domingo... Que domingo mais besta – pensou – Aqui neste fim-de-mundo, sofrendo como um cão-sem-dono. A esta hora eu estaria no parque zoológico brincando com as crianças. Primeiro a gente via os bichos: As araras, o pavão, os macacos, o lobo, o veadozinho, a capivara, as tartarugas, os porcos do mato. O Nego adorava dar miolo de pão aos periquitinhos. Depois eles brincavam nos balanços, nos escorregadores, nas gangorras e nas barras. Que estarão eles fazendo hoje?! O parque fica longe... eu não estou lá... e não temos mais carro!... Que bosta!!! Tudo por minha causa! Pagam os inocentes pelos pecadores. Eu achava isto uma mentira... Aquelas crianças devem estar passando o diabo. Na minha infância passei vontade de muitas coisas... e, às vezes, até fome. Mas meus pais eram equilibrados. Nunca estivemos nas alturas. Portanto nunca tivemos de onde cair. A família subiu aos poucos e até o limite de suas potencialidades.... Melhor assim... Deus, tem piedade dos meus filhos... Não deixes que se machuquem nos escombros do seu ídolo

desmoronado. Que venham sobre mim todas as conseqüências. Que rolem sobre mim as derradeiras pedras do alto das pilastras e me sirvam de sarcófago...” Em cinco quilômetros sob sol forte, Norton transpirou angústia, saudade, arrependimento. A fraqueza ficou lá dentro. Não sentia uma fome-vontade, daquelas em que a gente pensa em comidas apetitosas. Sentia uma fome- necessidade, daquelas que qualquer coisa serve.

Fizeram uma parada à sombra de uns eucaliptos. Deram uma bicada no cantil. Norton molhou as têmporas e os pulsos. Aí sentiu vontade de fumar.

- Vai o cigarro agora? – o baiano falou e puxou do bolsinho da jaqueta aquele último Arizona.

- Mas você não o fumou?!

- Não... Guardei p’ra você... Sabia que ía querer mais tarde.

- Então vamos reparti-lo

- Pode fumar. Quando for jogar fora eu pego.

- Sabe de uma coisa, Baiano? Sempre convivi com pretos. Tenho amigos pretos, afilhados e compadres

pretos... – chupou o cigarro, soltou a fumaça e ficou olhando longe, em coisa nenhuma.

- E daí? – perguntou o baiano.

- Daí o quê?

- Que é que têm os pretos?

- Os pretos?... São pretos apenas.

- 'Tá louco outra vez., é? Melhor a gente ir andando.

- Nada disso. Vai ter que me escutar. Não costumo extravasar sentimentos. Mas precisa saber o que penso de você. Foram poucos os momentos em que lhe falei sério. As minhas gozações não pretenderam diminuí-lo. É que eu sou assim mesmo. Procuo brincar para não chorar. Mas acho que você assimilou a carga afetiva das minhas brincadeiras. Vim pensando por esse caminho afora. Você é um sujeito especial, Izael. – o baiano baixou a cabeça e Norton continuou: Você é preto, não cometeu nenhum crime e curtiu um ano de cadeia. Os agiotas que acabaram comigo são todos brancos e cometeram o crime da extorsão previsto nos códigos. E estão livres. Por que são brancos?! Verdade que não os acusei formalmente. Quero dizer: não dei queixa. E adiantaria?! E provas?! Sim... porque eu teria que provar que eles me “mataram”... eu e minha família. E você, meu caro Izael... seu primo apontou-o como assassino de sua mulher... e não teve que provar. Você, que não matou, é que teria que provar. Não fosse a confissão dele, um ano depois, você estaria com os 18 anos de pena no lombo. Isto me leva a pensar que, para acusar- se um branco, são necessárias provas... mas para se meter um negro na cadeia, basta apontá-lo com um dedo branco. Quando o encontrei, você me falou da sua revolta e eu pude senti-la derramar nas suas palavras. Confesso que tive um dó imenso de você. Mas vim “te” analisando... porque enquanto você carrega essa coisa aí, eu venho remoendo as minhas coisas atrás de você. A paciência com que você se submete a esse sacrifício... a sua vontade, vacilante no início mas firme e forte de uns cinqüenta quilômetros para cá, venceram a revolta curtida durante um ano inteiro na prisão. Já o vejo resignado, ou melhor, sinto-o

vitorioso. Isto p'ra mim, Izael, foi uma demonstração do seu caráter forte, da sua vontade férrea e, acima de tudo e mais importante que tudo, do seu coração manso. Pense sempre que você não errou... que a Justiça foi quem errou, como erra muitas vezes, porque os homens não são infalíveis. Cumprida esta jornada, promessa de sua mãe, volte para o seu trabalho, para a sociedade de cabeça erguida, porque o mundo precisa de homens como você. É fácil ser forte, diante de pequenos obstáculos. Mas a sua prova foi dura. E você passou por ela. Orgulho-me de você, Izael, porque todos os que conhecerem a sua vitória hão de admirá-lo. Dia destes falávamos sobre a felicidade... lembra-se? Dizia a você que comparando situações a gente se sente feliz. Compare a sua situação com a minha. Você já pagou pelo que NÃO devia. Eu ainda tenho que pagar pelo que DEVO. Você poderá perguntar-me se eu matei alguém. Sim... matei. Matei a estabilidade e as esperanças dos meus filhos. Matei o orgulho que eles tinham de mim. E dei-lhes, em troca, decepção. Isto também é morte. Mas continuando a comparação, o meu futuro é feito de incertezas. Você tem a vida livre pela frente... – com a pausa, o baiano ergueu a cabeça e encarou Norton; este, vendo que o companheiro estava com os olhos molhados, arrematou - ... e nós dois temos o caminho pela frente... vamos embora”.

- Levantaram-se. Norton assoou o nariz. O baiano enxugou os olhos nas mangas da jaqueta e perguntou:

- Afinal... quem é você?

Norton pegou a mochila pelas pontas, girou-a no ar e deixou-a cair no ombro.

- Um branco... apenas um branco... vamos indo. Deram mais uma bicada no cantil, que secou de vez e reiniciaram a marcha sob o Sol do meio-dia. Já não era bem u'a marcha. Arrastavam-se como podiam. O Sol batia de ponta em cima deles. Os caminhões passavam cuspidando fumaça quente e fazendo vento quente. Logo a goela secou de novo. Norton pensou: “Se caísse uma chuva!” Olhou o céu. Nem ameaço de nuvem. “Vidas Secas... Graciliano Ramos... Como era mesmo o nome do personagem?... Fabiano”.

- Se a gente chegar a um posto quero ver se consigo um banho de chuveiro...

- É no que ‘tou pensando – gemeu o baiano.

- ... e uma Brahma bem gelada... com a garrafa suando...

- Só isso?

- ... depois um almoço reforçado.

- Não acha que é muito?

- Muito difícil conseguir... mas que seria bom, seria!

- Parar um pouquinho?

- Melhor não, Baiano. Vamos em frente. Ou achamos água ou estamos fodidos. Mas se quer parar, paramos.

- Tentar mais um pouco... Quem sabe?!

Passaram por um caminhão parado, do outro lado da pista. Carregado de engradados com bebidas. O motorista, sentado na guia do acostamento, sob a sombra da carroceria, bebendo um refrigerante.

Pararam. Norton gritou: “Moço... Ô moço?!” . O motorista tirou da boca o bico da garrafa e olhou na direção dos andarilhos. Norton perguntou-lhe: “Há algum posto por perto?” As bochechas do homem inflaram e desinflaram com a saída do arrotado. Depois soluçou, ergueu o braço e apontou adiante: “Logo ali, depois do tope... quilômetro e pouco”. – “Obrigado” – falou Norton.

- Bem, Baiano, pelo menos água se bebe. Vamos embora.
- Por que não pedimos um guaraná ao homem?
- Porque vai responder que não é dele.
- Mas ele ‘tá bebendo.
- É isso aí. Depois ele chega no destino e diz que evaporou com o calor ou coisa parecida.
- Então?! ... uma a mais, duas a menos, não faz diferença.
- Deixe p’ra lá, Baiano. Vamos indo.

* * *

Chegaram ao posto a reboque. Norton perguntou as horas ao frentista... Quinze p’ras duas. Decepção. Além do posto, apenas um barzinho michuruco. Norton abriu a torneira perto da bomba de gasolina e meteu a cabeça debaixo. Depois bebeu. Água morna. “Tem um chuveiro aí?” – perguntou ao frentista que respondeu afirmativamente. “Podemos tomar um banho?” O moço apontou com o braço e disse: “Fica lá atrás... podem usar à vontade”.

“Um banho frio é sempre um banho frio” – pensou Norton. Reanima” A roupa sobre o corpo molhado fez- lhe lembrar o tempo de menino: Nadava pelado na curva do Espinheiro do rio do Frederico; depois punha a roupa e ficava ao sol que enxugava roupa e corpo num instante. Antes de chegar a casa, sujava os pés que era p’ra mãe não desconfiar. “Será que eu enganava mesmo a minha mãe? Acho que não. Pelo menos quando menino. Depois de homem, sim. Ou talvez não a tenha enganado propriamente. Decepcionado, isto sim.”

Quando o baiano voltou do banho e sentou-se ao seu lado na calçada do posto, Norton estava meio sufocado por recordações. Como o baiano era o Cristo, os empregados do posto rodearam-no e crivaram-no de perguntas.

Na beira da pista, a cinqüenta metros, uma mocinha acenava p’ra tudo que era caminhão. Os motoristas repicavam a buzina. Enquanto o baiano contava sua história aos rapazes, Norton ficou observando a menina. Parecia que ela cambaleava. Estaria bêbada? - pensou. Tinha uma sacola a tiracolo. Mudava-a de ombro constantemente. E dava um passo à frente e dois à trás e um à trás e dois à frente. E mudava de ombro a sacola. E acenava e ria. E os motoristas respondiam na buzina. Norton não conteve a curiosidade. Cutucou um dos rapazes, que estava de cócoras, atento à história do baiano. Apontou para a pista e perguntou-lhe:

- Quem é aquela menina? – O rapaz virou-se, fez pala com a mão e disse:

- Uma biscate que não sai destas beiradas. – E voltou a dar atenção à história do baiano, sem dar a mínima para a curiosidade de Norton.

- Puxa vida! mas me parece muito criança para ser uma biscate.

E os caminhões buzinavam p'ra ela e sopravam fumaça nela. E ela acenava e ria e cambaleava. E ajeitava a sacola num ombro e mudava-a p'ro outro. Às vezes cambaleava para dentro da pista. Os motoristas buzinavam e desviavam. Ela voltava para o acostamento e ria e acenava. Depois tomou a direção do posto e veio vindo. Os rapazes levantaram-se. Um deles falou: “Lá vem ela... vamos espalhar... se o patrão chega a gente vai ter que escutar”. E espalharam-se. O baiano perguntou a Norton:

- O que é aquilo?

- Uma menina.

- Me parece uma biscate-de-beira-de-estrada.

- Pode ser. P'ra mim é apenas uma menina.

Ela foi chegando perto. Cambaleando e sorrindo. Os lábios vermelhos. Dentes brancos, bonitos. Morena clara.

Cabelos crespos. Olhos esverdeados. Corpo bem feito... dir-se-ia que ainda não acabado. Não era ainda u'a mulher. Trajava calça rancheiro e blusa cor de vinho. Aproximou-se. Parou diante dos dois. Meteu o polegar direito na tira da sacola, a mão esquerda na cintura, adiantou um pé e jogou o busto p'ra frente. Tombou a cabeça num gesto gracioso que mostrava mais infantilidade que malícia, e disse:

- Oi!

O baiano fechou a carranca. Norton, sentiu um misto de dó e simpatia e respondeu:

- Oi! – Ela balanceou o corpo, puxou o pé da frente p'ra trás e o de

trás p'ra frente, mudou de ombro a sacola e ficou olhando para eles, sorrindo para eles. O baiano olhava-o com o rabo do olho depois olhava para Norton, que perguntou a ela:

- Qual o seu nome?

- Doroti.

- Doroti!... É um belo nome! Doroti de quê?

- Doroti Campos.

- Qual a sua idade, menina?

- Menina?!... Já vou fazer dezessete!

- É... Já está ficando velha! Onde você mora?

- Paraibuna. Vim na casa de uma amiga. Agora estou voltando um pouco a pé e um pouco de carona. Só que bebi uma pingaiada hoje – e ria. Ainda não almocei. ‘Tô tonta tonta. – Meteu a mão na sacola e tirou um pacote de bolachas.

- Querem?

- Vamos aceitar algumas, – respondeu Norton estendendo-lhe a mão – também ainda não almoçamos.

- Então podem ficar com esse pacote. Tenho outro aqui. ‘Tô querendo é fumar. Vocês têm cigarros?

- Não temos... infelizmente.

Um carro encostou para abastecer.

- Vou pedir um cigarro àquele cara. – E foi... e voltou com o cigarro na boca vermelha. Deu uma tragada só e jogou-o para Norton. Era Hilton

100 MM Norton cortou-o pelo filtro e fumou.

- Vai uma tragada, Baiano?

- Vai. – soltou uma fumaçada, olhou para Norton, piscou um olho e disse: “Se eu pego essa morena aí p’ra frente...”

- Que é isso, Baiano?! Não estamos a fim disso. – Norton riu muito do companheiro.

- ‘Tá pensando que um ano de jejum é o quê?!

- Quem agüentou um ano, agüenta mais uns dias. Afirme o taco, Baiano.

A menina estava falando com o motorista de um outro carro que parara na bomba. Daí a pouco voltou com dois cigarros e deu-os a eles.

- E você? – perguntou Norton – Não vai fumar?

- Não. Gosto mais é de pedir. Os homens nunca me negam.

- Sabe que você é muito bonita? – Ela abriu o sorriso vermelho, tombou a cabeça.

- E você é muito simpático. – Norton fez um sorriso de canto de boca e pensou: “Se eu não tivesse mais de quarenta, creio que ficaria atrapalhado agora”. Coçou o queixo e levantou-se. Pegou a mochila e jogou-a p’ra cima do ombro.

- Obrigado pelo simpático, Doroti. Obrigado pelas bolachas e pelos cigarros. – Ela não respondeu. Saiu dali e entrou no barzinho. Norton informou-se das horas: três e meia. Intimou o companheiro.

- Vamos embora, Baiano.

- Vai indo... “te” alcanço. Norton encarou-o. Levou os olhos dele até a cruz. O baiano sorriu meio sem jeito e Norton foi andando. A quinhentos metros do posto, parou. Sentou-se na mochila, engoliu um pedaço de fome e ficou esperando pelo companheiro. “Uma menina! – pensou- Uma menina bonita... bêbada! Caiu na vida! Ou a vida caiu em cima dela?! Que merda!!!”

O baiano não se demorou. Apontou logo na pista e foi indo. Norton, observando-o cambaleando sob a cruz, meditou: “Um misto de Cristo e de Homem... Um Homem feito Cristo!” Levantou-se e foi dizendo enquanto o baiano se aproximava:

- Vamos embora, Baiano. Já nos atrasamos muito hoje.

Chegado mais próximo, o baiano contou a Norton:

- Ela saiu do bar e falou: Cadê o barbudo?

Norton passou a mão na barba e fez um sorriso de canto-de-boca sem que o companheiro percebesse.

- Precisamos chegar a Taubaté, Baiano.

- É... já que não tivemos almoço, temos que arranjar uma “janta” Diaba de menina bonita! Pena que ‘tá maltratada.

- Mulher bonita é como flor, Baiano. Enquanto no pé, perfuma. Se corta, ela murcha. Se cai no chão, acaba sendo pisada.

- Você parece que não gostou da minha fraquejada.

- Por quê?

- Me olhou atravessado àquela hora.

- Nem pense nisso, Baiano. Um homem é um homem. Censurá-lo seria bancar o puritano. E eu não sou nada disso. Muito ao contrário. Senti pena da menina. Só isso.

* * *

Cinco horas da tarde. O movimento na rodovia foi engrossando. Em poucos quilômetros contaram mais de cinquenta ônibus de romeiros que retornavam de Aparecida. Os motoristas saudavam os andarilhos com buzinas e sinais de luz. De quando em quando algumas cabeças assomavam às janelas e gritavam: “Vão com Deus!” O baiano respondia alegremente com um aceno. Norton caminhava de cabeça baixa mas percebeu que o companheiro gostava, sentia-se feliz, orgulhoso até com as manifestações dos romeiros. Pois chegou a exclamar:

- Até que enfim alguém ‘tá vendo a gente!

- Estão vendo você, Baiano. A cruz que você carrega. Essa gente saiu há pouco de lá. Eles trazem ainda aquelas vibrações de fé e boa vontade para com o próximo....

- Lá vem outro – o baiano falou, parou e já ergueu o braço e abriu o sorriso mostrando os dentes amarelos. A buzina repicou, os faróis piscaram e repiscaram. Mãos saíram pelas janelas e acenaram.

- São os primeiros acenos de Nossa Senhora para você, Baiano.

- P’ra mim?! E p’ra você?!

Norton teve vontade de dizer-lhe “P’ra mim não. Eu não mereço”.

Mas para não tirar o entusiasmo do companheiro, respondeu meio afogado pelo nó que lhe subiu à garganta:

- P'ra mim também, Baiano... claro!... claro!... p'ra nós dois!.
- Vamos rezar outro terço hoje?
- Deixe cair a noite, Baiano. A gente reza.

* * *

A noite foi chegando junto com eles às imediações de Taubaté. Na primeira abertura do acostamento, pararam. A cinqüenta passos da pista improvisaram o altar para a celebração do terço. Norton apoiou a cruz num tronco de árvore. Ao pé da cruz colocou sua mochila e sobre esta sua santinha e sua medalha.

- Pronto, Baiano... pode começar.
- Eu... começar?!
- Isso mesmo. Hoje você puxa o terço. Pode começar o seu discurso.
- Mas eu não...
- Sabe, sim. P'ra falar com Deus, quanto mais simples melhor.
- Mas o que é que eu falo?
- O que tiver vontade. Peça alguma coisa... agradeça todas as coisas.
- Não vai rir de mim?
- Quem?... Deus?

- Não... você.

- Juro que não.

- Então eu vou tentar. – Ficou de pé, de frente para

a cruz. Norton ajoelhou-se atrás dele e comoveu-se com sua postura humilde. A cabeça pendida p'ra frente, como quem olha o chão. O ombro direito arriado, os braços descaídos. Depois de um breve silêncio, a voz do negro saiu tremida: “Pai-Filho-Espírito Santo... Nosso Senhor Jesus Cristo, leva a minha mulher para o céu e toma conta dela. Perdão pr'aquele que matou ela. Perdão pelo ódio que curti na cadeia. Toma conta dos meninos que não têm mais mãe. Protege meu pai e minha mãe. Protege o meu companheiro. Muito obrigado, Cristo... sei que este companheiro foi o Senhor que me mandou. Com a Tua ajuda nós chegaremos lá...” Ajoelhou-se e começou pelo Credo e emendou o primeiro Pai-Nosso. Norton contava as Ave-Marias e a cada dezena entrava com o Glória para que o companheiro não perdesse a conta. Ao final, lembrou-se de três quadrinhas de um cântico que aprendera havia mais de trinta anos e que há mais de vinte não cantava:

“Louvando Maria, o povo fiel,

a voz repetia, de São Gabriel...

Ave, Ave, Ave Maria.

Ave, Ave, Ave Maria”

A a voz de Norton encarçou e ele teve que elevar o tom. Se não, não saía nada.

“Vestida de branco Ela apareceu,

Trazendo na cinta As cores do céu.

Ave, Ave, Ave Maria

Ave, Ave, Ave Maria”

Norton cantava olhando o céu por entre as folhas das árvores. Lembrava-se das procissões de sua terra, no seu tempo de mariano, de um tempo bom e puro... quando até o amor era puro. As folhas misturavam-se, o céu embaçava e Norton esfregava os dedos nos olhos.

“Trazendo um rosário

na cândida mão,

ensina o caminho

da santa oração.

Ave, Ave, Ave Maria

Ave, Ave, Ave Maria”.

Terminado o cântico, o baiano ficou ali imóvel ainda por um momento. Norton permaneceu atrás dele, esperando. Os veículos voltaram a encher de barulho aquele pedaço de mato impregnado do êxtase dos andarilhos. Virando-se lentamente e abrindo os braços o baiano, visivelmente emocionado, disse a Norton:

- “To com vontade de “te” dar um abraço!!

- Que seja um abraço de irmão, meu bom baiano. – Norton disse e atarracaram-se e choraram juntos a mesma saudade, a mesma fome, a mesma solidão, a mesma fé e a mesma esperança. E um no outro abraçaram suas mulheres, seus filhos, seus irmãos. E um no outro

renovaram a sua vontade de prosseguir. Depois sentaram-se fumando os cigarros que não tinham, palitando os dentes sujos de fome.

A brisa da noite passava por ali balançando as folhas e soprando frescura neles.

- Sabe, Baiano?... Não sei como vão ser os momentos seguintes, os dias seguintes, a vida seguinte. Mas nesta viagem houve momentos em que tive a impressão de ter chegado bem perto do que procuro.

- Pois vou “te” contar uma coisa: ainda agora, ali... não vi nada não... se “te” disser eu minto... mas senti um negócio esquisito mesmo... não sei te “explicar”.

- Tonteira de fome – disse-lhe Norton, brincando.

- Deixa de ser louco.

- E você deixe de ser burro... vamos indo.

* * *

De alma aberta na noite fechada, reiniciaram a marcha de fé e de fome, de secura e de sede, de cansaço e de coragem, de vontade de vencer a fraqueza do fracasso. O vento dos veículos bafejava quente e a brisa da noite soprava suave, fininha, fresquinha. Os faróis furando o escuro, jogavam na mata a imagem comprida da cruz que furava o escuro caminho. E a cruz, martelando nas pedras do acostamento, tremia no ombro do Cristo andarilho cansado, curvado de peso e teimoso de força.

- P'ra que quer chegar a Taubaté? – perguntou o baiano com voz cansada. – Jantar que é bom não se janta mais hoje.

- Ao menos podemos dizer que dormimos em Taubaté.

- E qual é a vantagem?

- Um pouco mais de caminho vencido. Só isso. Amanhã à noite poderemos chegar até Roseira. Terça cedo estaremos em Aparecida.

- Será?!

- Será! Deixe-me carregar um pouco essa coisa aí.

- Amanhã você carrega.

- Desisto de pedir... Quer dormir por aqui mesmo?

- Não... vamos puxar um pouco mais.

Pararam a prosa. A garganta em fogo, o estômago gelado, a pele seca, áspera, prosseguiram bebendo escuro e comendo caminho. O tempo passando, o caminho passando e os dois engolindo a água pensada, a comida pensada. A marcha cada vez mais lenta e bamboleante. E Taubaté não chegava e os dois não chegavam a lugar nenhum. Norton sentiu as pernas bambas e os pés dormentes. O suor brotou na pele e correu frio no peito e nas costas.

- Baiano, não dá mais. – No que Norton falou, o companheiro derivou para a esquerda, desceu a cruz e jogou-se na grama.

- Ainda bem que você pifou. Eu não 'tava agüentando mais.

- Por que não falou?

- Porque você queria chegar a Taubaté.
- É... queria... mas não deu. Andamos muito pouco hoje.
- Tem nada não. Amanhã a gente tira a diferença.

Daqui até à tal de Roseira, quantos quilômetros?

- Sei lá. Sei que precisamos chegar lá amanhã à noite para chegarmos a Aparecida terça cedo.

- A gente chega, se Deus quiser!
- Melhor estendermos os panos e deitarmos de vez.
- 'Tá com sono hoje, é?! Quase nunca dormiu!
- Sono não... mas canseira e fraqueza tenho muita hoje.

Deitados na grama bem próximo da pista, Falaram de fome, de comida, de água, de sede, de saudade, de esperança, de gente de que gostavam, dos dias de sol escaldante e das noites geladas. Os caminhões, os carros, os ônibus passavam ali, a três metros de suas cabeças, soprando óleo e areia p'ra cima deles. E ali ficaram, entre a pista e o precipício. O baiano puxou o cobertor p'ra cima da cabeça e desligou. Norton tirou os sapatos e colocou-os debaixo da mochila. Protegeu o rosto das golfadas de vento e areia e mergulhou na inevitável cortiça de todas as noites: saudade doída, doída, engolida empelotada, escorrida molhada na secura da pele.” Filhos!... tenho tentado enganar o meu coração. Tenho tentado tornar-me duro mas não consigo. Sou mais mole do que manteiga. Vejo vocês o dia inteiro e a noite inteira. Ouço vocês falarem, rirem, chorarem. Vocês estão nas folhas das árvores que me servem de teto... nas estrelas que cintilam na distância da nossa terra...

nos campos que se estendem nas margens do meu caminho. Estão nas gotas de suor que brotam da minha pele... dentro de cada lágrima que escorre na minha face. Estão na minha fome, na minha sede, na minha saudade, na minha solidão. Estão dentro de mim... gritando no meu grito, chorando no meu pranto. Chamo- os todos, todas as horas. Parece ladainha... eu sei: na realidade é um lamento. Não quero dormir... não posso dormir. Tem gente acordada pensando em mim... nas minhas desgraças. Eu não quero morrer. Não desejo morrer mas preciso morrer. Seria um descanso... Seria?! Uma solução... talvez!!! Se soubessem onde estou... e como estou!!! ... Norton da Silva Matos, o grande mestre!... Mestre de quê?! Pensei que fosse dar alguma coisa na vida. Dei foi com os burros n'água... e com a cara no chão. É como estou aqui agora: sentindo o cheiro da terra a um dedo do meu nariz... “O meu Cristo dorme... tranquilo... Ele está em paz. Quisera estar como ele... em paz. Saído da prisão injusta para uma nova vida... justa.

Acho que Cristo disse a ele: “Você está livre... Vá cuidar de sua vida... Mas me empreste sua pele... Quero vesti- la para ir salvar um branco fracassado, na Via Dutra, a caminho da morte.” “Fracasso!!! Como é ruim fracassar! A gente tem vergonha de encarar as pessoas. Gente que nos tinha no mais alto conceito nos vê agora como a uma formiga... insignificante

“Hoje a coisa está dura de agüentar. A saudade do Nego é a que mais dói. Filho, estou mais longe do que o canto do galo que você ouve, distante, na madrugada. Mais longe do que o Sol que você vê esconder-se no horizonte da nossa terra. A esta hora você deve estar encolhidinho sob as

cobertas, tentando decifrar o enigma: por que meu pai não aparece?!”

Norton sentiu uma grande falta de ar. Virou-se na grama, soluçou e gemeu como filhote de cachorro. Apertou as pálpebras e a angústia escorreu. E veio o orvalho e molhou o resto da grama.

- Que horas são – perguntou o baiano encolhido sob os panos.
- Quatro e quinze – respondeu Norton como se soubesse precisamente que horas eram.

- Até que não faz muito frio!

- Até que não.

- Dormiu?

- Não.

- Será que a gente consegue um café por aí?

- Creio que sim. Vamos puxar o carro?

- Vam’bora.

Para Norton foi um sacrifício levantar a carcaça. Os músculos já não doíam tanto mas a fraqueza... doía. Um oco sem tamanho. Um tremor que tremia só por dentro. Abaixou-se para dobrar os panos, tonteou. Sentou-se na grama. Ajeitou as coisas e apertou o nó da mochila.

O baiano, que já estava com a cruz no ombro, perguntou:

- Será que vai?!

- Temos que ir.

- ‘Tô muito fraco hoje.

- Que é isso, Baiano?! Faz só vinte e quatro horas que não comemos!...
Eu estou jóia.

- 'Tô percebendo. Você 'tá parecendo um Ford velho...

- Com o radiador sem água e o tanque vazio. Vamos indo. Temos que chegar a Roseira hoje. Nem que seja de arrasto.

* * *

Estava muito escuro ainda. Na pista, quase nenhum movimento. Madrugada silenciosa e fresca... apenas fresca. O pé da cruz riscando o chão e o vulto do Cristo negro bamboleando no escuro. Norton sentia a língua grossa, os dentes ásperos e engolia o gosto de fome, de café e de cigarro. E mastigava a distância e ruminava as saudades: “O Nego esteve por aqui esta noite... Acho que ele me achou... Sonhei?!.. Acho que não... Senti... Senti o afago de suas mãos na minha barba comprida e dura... nas touceiras dos meus cabelos encharcados de óleo e areia... Não o vi... Que pena!!!... Mas sei que era ele... Senti que era ele. – Creio em Deus Pai... saudade de meu pai... Salve Rainha... saudade de minha mãe... Deus os tenha!... Os demais não vieram... Mas as minhas saudades os trazem sempre... Pai nosso que estais no céu... Meus irmãos... Nino, meu amigo e companheiro... o meu predileto... Porque entre mim e ele está a nossa infância vivida juntos, brincada juntos, dormida juntos, sofrida juntos... Entre mim e ele estão o nosso pai, a nossa mãe, os nossos irmãos... Entre mim e ele estão as recordações de um tempo passado que está

sempre presente... De um tempo vivido com amor... Amor temperado com alegrias e privações... Levantávamos juntos e deitávamos juntos... E juntos vivíamos o dia, trepando nas árvores, brincando nas ruas, catando gravetos para o fogo, moendo café, buscando lavagem para os porcos... E juntos vestíamos as mesmas roupas usadas, ganhadas... E juntos comíamos o mesmo feijão do mesmo fogão que sujava o avental da nossa mãe... Os mesmos Natais esperados... os mesmos brinquedos sonhados... Põe capim no sapato – diziam – p’ro burrinho do Papai-Noel... Capim era fácil mas... e o sapato?! Não ligue não, Nino... Essas privações a gente avalia agora mas naquele tempo a gente nem dava pela coisa... Ou dava e não se lembra?! Nossa mãe é quem deve ter sofrido... mais do que nós, porque a nossa privação era apenas a de não ganhar o brinquedo, enquanto que a privação dela era a de querer dar e não poder dar... não ter o que dar... não ter como dar... Nós tínhamos a infância com toda a magia de criar brinquedos e brincadeiras... Nós tínhamos o pomar, a escola, o rio, a areia das ruas, a bola de meia, o caminhãozinho-de-caixa-de-fósforos, o cavalinho-de-cabo-de-vassoura, o pique, o acusado, o palhaou-chumbo, a cacholeta, o vagalume-tem-tem, a arapuça, o estilingue... Tínhamos a Vila inteira... a vida inteira!!!... E mamãe nos tinha... Só que ela não sabia... ou sabia?!... que sempre nos deu o mais importante:... Amor... e nos ensinou o mais importante: Amar...

Norton enxugou o molhado da face e sentiu a barba dura, comprida.

- Hoje é segunda? – a pergunta do baiano interrompeu o silêncio.
- É, segunda-feira, 26 de agosto. Por quê?
- Por nada. Será que a gente chega amanhã?

- Chega... se Deus quiser.
- E comida?
- P'ra quê comida?
- Uai! ... quem vai agüentar deste jeito? 'Tô com o bucho queimando que 'tá danado.
- Nem amanheceu o dia e você já está pensando em comida?!
- Bucho vazio não tem hora. E você? Quer me enganar que não 'tá com fome?
- Puta-que-las-tra-pariu se estou com fome. Isto já não é fome. Não é vontade. É "precisão" de comer.
- E posto? Nenhum danado de posto. Um cafezinho já quebrava o galho.
- Aí seria outra bosta.
- Por quê?
- Café sem cigarro é um martírio. Melhor esquecer e ganhar caminho enquanto é fresco. Com esta fraqueza, quando o sol queimar pode dar tonteira na gente.
- Aí a gente deita.
- E espera pelos urubus.
- Vira essa boca p'ra lá.
- Não tema por você.
- Por quê?

- Porque um urubu não come o outro.
- Se me dissesse isso quando eu saí da cadeira eu “te” apagava.
- Por que não apaga agora?!
- Porque você apagou a minha revolta.
- Eu??!!

- É... você mesmo. Com a sua sabedoria, com as suas loucuras, com as suas brincadeiras. Acho que nem morto você deixará de brincar.

- Engano. É quando a gente pára realmente de brincar... e começa a viver. A vida em si é uma brincadeira... de mau gosto na maioria das vezes. A alma não brinca. Já nasce chorando. Então a gente brinca p’ra sufocar o choro dela. Entendeu?

- Não.
- Nem eu.

O baiano sorriu meneando a cabeça encarapinhada, bamboleando o corpo curvado sob a cruz e sob a fome. Norton começava a sentir ternura pelo companheiro, tão revoltado quando o encontrou e tão dócil e paciente naquele quase fim de jornada.

* * *

O Sol já nascera há mais de hora quando chegaram ao primeiro posto, naquele dia. Tinham caminhado durante três horas, mas muito devagar e com paradas muito prolongadas, devido à fraqueza. Lavaram

o rosto na torneira do posto e beberam bastante água para encher o estômago. Ganharam um café e sentaram-se fora, na calçada. Curiosos aproximaram-se, fizeram perguntas e o baiano começou a contar a sua história. Norton fechou os olhos, recostou-se na parede e ficou curtindo a sua fraqueza, sentindo as têmeoras latejando e o suor escorrendo frio pelo corpo. Ninguém se compadeceu da história do baiano. Não ofereceram a ele um cigarro que fosse. Norton ouviu quando um dos curiosos perguntou:

- E o branco aí... ajuda você a carregar?

- Não – respondeu o baiano – carrego sozinho. A promessa foi feita p'ra mim.

- Vou te dizer uma coisa, bicho – disse um outro – esse negócio de carregar pau nas costas já era.

Norton sentiu o cutucão da ofensa ao companheiro mas não abriu os olhos. Sua aparência estava horrível. A barba de uma semana, os cabelos despenteados, a roupa suja, sebenta. O baiano, humilhado, não retrucou. Os outros silenciaram. Norton aproveitou-se de sua aparência de assassino, fechou a carranca sem abrir os olhos e disse ao baiano para que todos ouvissem:

- Baiano, diga p'ro moço aí que meter o focinho onde não é chamado também já era... – o moço quis retrucar em tom mais alto mas Norton não lhe deu brecha e continuou firme falando com os dentes cerrados:

- ...diga também p'ra ele que o último que falou mais alto do que eu, já foi. Vamos embora daqui, Baiano.

Norton levantou-se sem olhar ninguém. A roda de curiosos desfez-se e cada um procurou o seu rumo.

Norton tratou de encher o cantil enquanto o companheiro se preparava. Quando tomaram o caminho, o baiano olhou para trás, como que com medo, e perguntou:

- O que foi que “te” deu?!
- Que é que deu?
- Falar daquele jeito no meio dos caras?!
- Você foi ofendido, humilhado e ficou quieto... Falei por você.
- Mas daquele jeito?!

- De outro jeito a gente ficaria discutindo muito tempo e não chegaríamos a um acordo. Se o sujeito acha que uma cruz é um simples pedaço de pau, não há palavra que o faça entender o contrário.

- Você é louco, mesmo.
- Agora confesso que banquei o louco. Mas era o jeito.
- Acho que o cara ficou com medo da sua cara. Você não ‘tá nada bonito.
- Você está lindo... Preto não pega sujeira.
- Va’merda, vai.

* * *

Pelas nove horas passaram por Taubaté. Numa elevação, à direita, um Cristo Redentor de braços abertos, olhando para a cidade. À esquerda, em plano bem visível, a bonita arquitetura da igreja matriz.

- Esta é a cidade de Monteiro Lobato! – exclamou Norton!.

- Já ouvi falar desse cara. Quem foi ele?

- Um que escreveu historinhas para crianças. Mas escreveu para adultos também. Chegou a comer três meses de cadeia por causa de política do petróleo.

- Qual é a próxima cidade?

- Pindamonhangaba.

- Quantos quilômetros?

- Sei lá. Mas á perto. A cidade, porém, fica longe da rodovia.

- Melhor a gente ficar por aqui mesmo até a hora do almoço.

- Você é quem sabe. Mas vai atrasar um bocado. Creio que não são ainda nove horas.

- Então melhor a gente ir indo. Se tiver que achar comida a gente acha por aí. Será que vai dar p'ra gente dormir na tal de Roseira hoje?

- Se não pararmos muito. Já não andamos depressa. Se bem que eu não tenha pressa. A pressa é sua.

- Logo mais a gente dá uma paradinha. Depois só vamos parar se a gente encontrar comida... falou?

- Falou.

* * *

Fazia mais de duas horas que caminhavam em silêncio, arrastando-se, a bem dizer. Nas pequenas paradas, olhavam-se, respiravam fundo... e nada diziam. O Sol queimava, quieto. Os dois peregrinos engoliam pedaços de fome e gotas de sede que desciam raspando. O Cristo bamboleava sob a cruz que riscava o chão em zigue-zague. De repente, caiu. Norton soltou a mochila e tirou a cruz de cima dele. Ajudou-o a levantar-se e amparou-o até a uma sombra a trinta metros.

- Sente-se aí, Baiano. – O negro escorregou as costas pelo tronco do eucalipto até a bunda encontrar o chão.

- Cadê a minha cruz??

- Agüenta a mão aí, baianinho, que eu vou buscar aquele pedaço de pau. – Norton falou isto acarinhando a carapinha do companheiro. Depois foi buscar a cruz e a mochila. Ao colocar a cruz no ombro, sentiu estranha sensação. “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” – disse e arrastou com a cruz.

Reanimado pela brisa fresca da sombra, o baiano disse a Norton, que vinha chegando:

- Cristo branco é mais bonito. Cristo não tem cor... Caramba!... isto pesa como o diabo.

- Sabe o peso do diabo?

- Claro que sei. Não sai da minha cacunda! Norton encostou a cruz num tronco e sentou-se .

- Afinal, que é que “te” deu, Baiano? Tropeçou?
- Não... tonteira... de repente escureceu.
- Então tropeçou na fome.
- É isso aí... quantas horas que a gente não come?
- Sei lá... parece que faz um mês.
- Será já meio-dia?
- Se não for, quase. O Sol está quase reto.
- Vam'bora?
- Você é quem sabe... Agüenta?
- Tenho que agüentar. Amanha acaba tudo... se Deus quiser.
- “Consumatum est”
- O quê?
- Foi o que disse Cristo antes de expirar na cruz: “Consumatum est”...
Tudo está consumado..
- Dinheiro p'ra voltar é que vai ser difícil.
- Não se preocupe. Alguma coisa sempre acontece.
- E se não acontecer?
- A gente faz acontecer. Por mim, não tenho pressa. O primeiro dinheiro que arranjarmos você compra a passagem e volta.
- E você?
- Não sei ainda o que vou fazer.
- Vai é morrer por aí.

- O que tiver que ser, será. Você tem a vida pela frente, livre. Não deve perder tempo. Eu já não tenho esperanças de construir uma vida que apague do tempo a que ficou atrás.

- Mas... e a família?

- Eles se arranjam. Minha presença será nociva. Só criará problemas para eles.

- Você não vai agüentar. Só fala neles. Veio chamando pelo nome deles a viagem inteira. Parecia ladainha. Sei os nomes deles todos. Também sei que o tal de Nego, o menino, foi o que mais correu por essa cara sempre cheia de saudades... Não... Você não vai agüentar!

- Acho que não mesmo. Mas vou deixar o barco correr à mercê do vento. Se me levar de volta, eu aceito. Se me arrebentar contra um rochedo, eu também aceito. O que Deus quiser será bom para mim.

- Não sei o que dizer. Só sei que o meu desejo é que “te” aconteça o melhor. Te devo a minha paz.

- A mim não. Você deve à sua mãe e a esse pedaço de pau que esfolou o seu ombro e riscou o nosso caminho. Eu nunca dei paz a ninguém. Pelo contrário, todos os que comigo viveram sofreram as minhas desgraças. Cada um dá o que tem. E eu não tenho paz. Exibo uma tranqüilidade que nunca tive. Disfarço em gozações as preocupações que carrego há muitos anos. Escondo-me atrás do meu riso. E isto tem enganado muita gente. Às vezes, até a mim mesmo.

- Mas vai encontrar a paz.

- Espero que sim... Algum dia!!! Meio sem jeito, o baiano convidou:

- Vam'bora, então?

- Vamos indo... vamos indo, meu caro Cristo!

E retomaram o caminho sob o Sol do meio-dia. Dia e meio que nada comiam. E fome de comida... e sede de água limpa... e vontade de cigarro. E o baiano ferido por fora... e Norton machucado por dentro. E o baiano, embora combalido, antegozando o fim da jornada e o retorno feliz. E Norton “ante-sofrendo” a perda do Cristo companheiro e o começo de uma nova etapa, sozinho e sem rumo. E o baiano arrastava a cruz e a cruz riscava o chão. E Norton arrastava o seu desespero. Lá iam eles, cada um sob a sua cruz, arqueados sob o peso da distância, na solidão da estrada comprida, quase cumprida. O negro como o Cristo e o branco como um cristo. O negro flutuando na brancura da paz e o branco tropeçando na escuridão do seu desespero. E o Sol, testemunha muda da peregrinação, queimava os dois viandantes, indiferente à alegria do negro e ao conflito do branco.

Súbito, Norton sentiu forte pontada que não soube localizar se fora no peito ou nas costas. Depois outra e a seguir mais outra. O coração acelerou. Sentiu a respiração difícil, pesada. Parou. Suou frio, gelado. Logo a respiração melhorou. O baiano estacou adiante e, sem se virar, perguntou:

- Que que foi?

- Nada... estou mijando... pode ir indo.

Norton pegou uma ponta de pano da mochila e passou na testa molhada. Virou-se devagar e olhou atrás... e o seu olhar embaçado perdeu-

se na distância. Depois enxugou os olhos e continuou tropeçando no cansaço e na fraqueza.

O baiano parou outra vez mas percebendo que Norton vinha, continuou. Sabia que o companheiro às vezes ficava atrás para remoer coisas.

E o Cristo foi adiantando-se, com sua vontade de chegar... E Norton foi ficando atrás, com o seu dilema: “E agora???! Amanhã a gente chega. E o meu Cristo voltará para o lugar de onde veio... Vitorioso. E eu não devo voltar... porque sou um fracassado. O diabo é que eu não sei se vou aguentar...”

* * *

Seis horas da tarde. O Sol já havia escondido as barbas atrás do horizonte e contemplava a Terra com olhos de sono. O baiano chegou à entrada do posto de pedágio, sentou-se e ficou esperando. Norton vinha lentamente como lentamente a noite vinha sobre ele. A brisa fresca soprava de leve o seu rosto queimado e ressequido. A mochila batendo nas costas ao galeio mole do corpo. “Norton da Silva Matos!... O Grande Mestre!... brilhante inteligência... admirado por muitos... invejado, até, por alguns. Agora é um farrapo. Fracassado, humilhado pela vergonha, vencido pelo cansaço... curtido de sol e de frio e de fome e de sede e de saudades e de remorsos! Os faróis que vinham de encontro a ele jogavam sua sombra para trás. E ele, como sombra do que fora, prosseguia,

vacilante mas teimoso... Pai Nosso que estais no céu... seja feita a vossa vontade... Senhor, eu me entrego à vossa vontade... fiz de mim o que vos aprouver... eu aceito humildemente... Livrai a minha família das conseqüências dos meus insucessos... Arrependo-me de tudo o que fiz, ou melhor, de tudo o que não fiz... E se achardes que a morte é a solução, recebo-a com alegria...”

O baiano, preocupado com a demora do companheiro, não tirava os olhos da escuridão da estrada. Quando o facho de luz de um caminhão bateu na figura de Norton, o negro sorriu aliviado.

- Força, companheiro! – gritou.

Norton alegrou-se ao ouvir a voz do seu Cristo. Mergulhado nos pensamentos que curtia, recebeu o apelo do companheiro como uma injeção de fé e de vontade. Apertou o passo, chegou-se e disse:

- Ainda bem que “te” encontrei de novo, meu caro Cristo. Estava mesmo precisando de você.

- P’ra quê?

- P’ra carregar a minha cruz um pouco.

- E a minha? Quem carrega?

- Carrego enquanto isso. Esse pedaço de pau aí é uma sopa.

- Sopa porque não “tá no “teu” lombo.

- Vamos indo?

- Não vai sentar um pouco?

- Não... se sentar não levanto mais. Vamos embora. Pararam na divisa

do pedágio. O guarda veio, atravessou-os e foi serrado em dois cigarros.

* * *

Era noite alta quando se espicharam sob os eucaliptos a alguns metros da pista.

- Chegamos a Roseira... ou não? – o baiano perguntou.
- Chegamos... a cidadezinha fica aí por perto.
- Amanhã estou em casa. Se Deus quiser. A baianada ‘tá me esperando. Será que a gente ganha uma passagem?
- Ganha... pode estar certo.
- Volta comigo?
- Acho que não.

O baiano desligou logo. E Norton ficou olhando o escuro, de quando em quando injetado pelos faróis dos veículos. Dois dias inteiros de fome. Seis dias de sol, sete noites de frio. A cabeça zumbia, a carne tremia por dentro. E Norton curtia sua última noite ao lado do Cristo negro que encontrara no caminho. Olhou o baiano encolhido sob o cobertorzinho que lhe dera e pensou: “A paz esteja com você, meu bom baiano. Afinal você não cometeu nenhum erro; foi vítima do erro de alguém. Preferível ser vítima. A consciência não dói. Deus há de dar-lhe muitos bons momentos que compensem o tempo sofrido na prisão – (Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos – Mateus). Quando o encontrei, no meu segundo dia de viagem, você estava realmente com muita fome e sede de justiça, revoltado contra tudo e contra

todos. Mas você encontrou a paz e a solução. Quanto a mim, creio que ainda não chegou o meu momento definitivo.” – Norton sentiu outra forte pontada no tórax. Gemeu e virou-se de lado. Suou frio. Pensou nos seus e na distância que os separava. Pensou no Nego, seu filho de nove anos, do qual sentia as saudades mais doídas... Soluçou... gemeu... chorou amargamente. Depois mergulhou em sono profundo, coisa que aconteceu pela primeira vez durante toda a viagem. Dir-se-ia que somente o corpo jazia ali... O espírito partira... ao encontro das suas saudades... Para despedir-se??!!

* * *

Um pássaro-preto piou na ponta do eucalipto. Izael abriu um olho e viu que clareava. “Louvado seja Deus – exclamou – é hoje que eu volto p’ra casa”. Uma que outra gota de orvalho pingava aqui e acolá. Um ventinho frio corria baixo soprando na orelha. Izael puxou a coberta e ficou matutando em como haveria de conseguir dinheiro para a passagem de volta. Súbito ergueu a cabeça e olhou o companheiro. Norton estava encolhido, imóvel sob os seus panos. O baiano teve um mau pressentimento: “Uai... esse cara nunca dormiu assim!,, Sempre que eu acordei ele já estava acordado. Será que...”

- Norton?!... Ô Norton!... Diabo, será que esse cara...

- Norton mexeu-se, ergueu a cabeça e olhou o baiano. Depois olhou longe, no nada. Sentiu que estava com febre. O ventinho frio arrepiou sua pele. Levou a mão à testa. Queimando. O baiano insistiu:

- Como é, bicho?! Vam'bora?
- Vai indo – Norton respondeu e cobriu-se de novo.
- Nada disso. Quero chegar junto com você. Que foi que “te” deu que dormiu desse jeito?!
- Sei lá.
- Você ‘tá legal?
- Quase... Estive com eles!...
- ‘Tá delirando?
- Estou... vai indo... eu não tenho pressa.
- Não... sem você eu não vou.

* * *

Era a terça-feira, 27 de agosto, seis e meia da manhã. O Sol já estava de cara inteira p’ra fora. Mas a brisa ainda era bem fresca. Izael caminhava com a alegria de quem está chegando. Norton arrastava-se com a tristeza de quem está partindo. Cada passo à frente era um passo a mais na distância que o separava dos seus. Pelo esforço que fazia para respirar, percebeu que estava doente. Quando puxava o ar, uma dorzinha ainda cutucava lá dentro. “Estou fodido!” – pensou.

O baiano começou a cantar. Canções populares misturadas com hinos de igreja. De repente parou. Esperou pelo companheiro.

- Chorando por quê?!... Não ‘tá legal, não é?

- Estou legal, sim... Muito legal... É que eu sou chorão mesmo. Vamos embora... não estamos longe. A propósito, não vai me deixar carregar isso aí nem um pouquinho?

O baiano encarou Norton, que tinha os olhos vermelhos, lacrimejantes. Percebeu que era um desejo do companheiro.

- Agora você pode levar um pouco.

Norton entregou sua mochila ao Cristo e colocou a cruz sobre o seu ombro.

- Não quer o calço? – perguntou o baiano.

- Não... vai assim mesmo.

Ao dar o primeiro passo, sentiu forte dor nas costas. Mas continuou. Pediu ao baiano que nada falasse. O Sol, batendo por trás, projetava sua sombra para frente.

E Norton, vendo sua silhueta de “Cristo”, comoveu-se e pensou nos filhos com uma saudade sem tamanho. Apertou a cruz contra a face e orou: “Senhor, creio que o meu momento está próximo. Estou adivinhando a solução que encontraste para mim. Recebo-a de bom grado. Perdoa os meus pecados, Senhor... e toma conta dos meus filhos... Estou pronto... Deixa-me apenas chegar até lá e tomar a comunhão. Faz anos que eu não comungo ...”

Norton não resistiu a dois quilômetros. Teve uma tonteira e caiu. O baiano tirou-lhe de cima a cruz e ajudou-o a sentar-se. Meio recuperado, disse com dificuldade:

- Isto pesa mais que o diabo.

O baiano não replicou. Compreendeu a afirmativa do companheiro. Disse apenas:

- Melhor?
- Cada vez mais.
- Cada vez mais o quê?

Norton respirou fundo franzindo a testa e respondeu:

- Melhor.
- ‘Tou vendo. Quer deitar um pouco?
- Não... vamos indo... estamos quase chegando.
- Então deixe que eu carregue a cruz e a mochila. – O baiano falou e já pegou tudo. Norton levantou-se, pôs a mão no ombro do companheiro e, visivelmente emocionado, disse:

- Obrigado... Jesus!!!
- ‘Tá variando, é?
- Estou... vamos embora.

* * *

Estavam a dois quilômetros da entrada para Aparecida. O baiano na frente e Norton logo atrás. Norton já não percebia o movimento de veículos nem ligava à fumaça preta de óleo e ao vento que desmanchava os seus cabelos. Caminhava como um autômato, os olhos fixos no azul distante. O baiano cantava um hino de louvor à Maria. Norton pensava: “Houve um tempo em que eu cantava esse hino quase todos os dias. Era nas

rezas, era nas procissões, era nas missas. E a minha voz era forte. E misturava-se com as vozes do Nino, do Tuniquinho, do Ovídio, do Orlando Ramiro, do Roberto, do Bertinho, do Piruca... creio que éramos mais de cinqüenta. Isto faz vinte e cinco anos, acredito. E esta medalha que tenho no bolso é aquela mesma que estava presa na minha fita azul. Eu era Mariano. Acho que foi a coisa mais importante que eu já fui... “

Súbito, a torre da catedral nova emergiu de trás do barranco de pedra.

- Chegamos, Norton... Chegamos! – exclamou o baiano com muita alegria.

Norton não manifestou nem uma coisa nem outra. Apenas disse: “Louvado seja Deus!”

No trevo, pararam.

- Baiano, dá cá a minha mochila. Vamos direto à igreja velha. É lá que fica a imagem nos dias de semana.

- Então vam’bora.

Continuaram. Galgaram o barranco da catedral nova e seguiram pela passarela. Na porta da matriz velha, depuseram a cruz e a mochila... e entraram. O sacerdote estava com os braços erguidos segurando a hóstia nas pontas dos dedos: “ESTE É O CORDEIRO DE DEUS QUE TIRA O PECADO DO MUNDO”. E o povo disse: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada mas dissei uma palavra e serei salvo”.

E Norton disse: “Estavas esperando-me, Senhor... Obrigado!” – e entrou na fila e cantou com o povo:

“Coração Santo... Tu reinarás...O nosso encanto... Sempre serás”. – e

comungou, e ajoelhou-se num canto, e pediu a Deus por todos de quem se lembrou naquele momento.

Norton saiu da igreja, o baiano já estava lá fora... e com cinquenta cruzeiros no bolso.

- Como foi que arranjou isso?!

- Um cara que me deu sem que eu pedisse. Vamos levar a cruz para a Sala dos Milagres?

- Vamos embora.

- Espere... Quero tirar um retrato com você.

- Retrato?!

- É... o dinheiro dá. Quero provar p'ros meus velhos que cheguei até aqui.

- Então tire o retrato sozinho.

- Não... quero mostrar você p'ra eles.

- Eles vão levar um susto.

- Não brinca... passa o pente no cabelo.

Norton tirou do bolso sua metade de pente. Ao erguer os braços para pentear-se, sentiu uma pontada funda nas costas.

- Pronto, Baiano... mande bater essa merda logo.

Enquanto o fotógrafo escondia-se atrás do pano preto, Norton pensava: “Esta é a minha última imagem... que ficará fotografada... para quem?... Talvez o baiano mande por num quadrinho e pendure na parede de sua casa... e os seus parentes e amigos perguntarão: “Quem é esse cara?”... e

o baiano responderá: “Esse cara é um mistério... chama-se Norton...” O fotógrafo bateu a chapa e disse: “Em cinco minutos estarão prontas”.

- Vem – disse o baiano a Norton – Vou “te” pagar um café; O dinheiro vai dar para as duas passagens.

- Aceito o café.

Izael pagou os cafés e comprou cigarros. Norton deu uma tragada comprida que lhe provocou forte acesso de tosse. Expectorou e cuspiu. A nódoa de sangue no escarro não lhe provocou grande surpresa. Disfarçou e não deixou que o companheiro percebesse.

- Vamos embora, Baiano.

Pegaram as fotos, a cruz e a mochila e desceram pela passarela. Depois subiram pelas escadarias e deixaram a cruz na Sala dos Milagres da Catedral Nova.

* * *

Eram dez horas da manhã quando Izael e Norton desciam pelas escadarias da Sala dos Milagres. O baiano estava agitado, com muita pressa. E Norton fazendo um esforço sobre-humano para manter-se de pé.

No pórtico da Catedral, parou. O baiano também parou e pegou no seu braço.

- Vam'bora depressa... 'tou louco p'ra chegar em casa.

- Não, Baiano... vá com Deus.

O baiano soltou o braço de Norton e pôs-lhe a mão no ombro.

- Quer dizer que não vai voltar, mesmo?!

- Não, Baiano... Não devo voltar.

- Vou deixar um pouco de dinheiro p'ra você.

- Obrigado, Baiano... não vou precisar.

- P'ronde é que vai então ?

- Por aí... Não estou longe da chegada.

- Que quer dizer?

- Que chego logo... só isto... Vá embora, Baiano... você já está atrasado.

- Você é mesmo um...

- Louco.

- Não... não quis dizer isto. Você é um...

- Enigma.

- Isso mesmo... você é um enigma... mas se não fosse você eu não teria chegado até aqui. Não vou esquecer nunca isto. Penduro o nosso retrato na parede lá de casa e vou falar de você p'ra todo mundo.

- Falar o quê, baiano?!

- Que você é um mistério... que você é bom... alegre e triste ao mesmo tempo... que às vezes parece sábio e às vezes parece louco... que ri agora e chora logo mais....

- Já sei... já sei... que eu confundo o mundo...

- E acabou com a minha confusão.

- Vá embora, Baiano... Agora você não tem mais a cruz no ombro... Por isso, cuidado... porque a justiça injusta dos homens justos, é foda... Um preto é sempre um preto... Vá, Baiano... e honra a sua cor... Não deixe enegrecer dentro de você a brancura da paz que você encontrou nestes cento e sessenta quilômetros de fome, de sede, de frio, de saudade e de solidão... Não deixe enfurecer-se o homem manso e humilde que nasceu dentro de você.... Não se esqueça de que a humildade prepondera sobre a violência... e que...”

- Chega... dá cá um abraço, meu bom amigo. Deus “te” pague... Deus “te” acompanhe... Adeus – e virou as costas e partiu depressa enxugando os olhos nas mangas da jaqueta.

Norton engoliu grosso e ficou olhando o seu “Cristo” livre, lépido sem a cruz, sumir na ponta da passarela.

- “Consumatum est” - exclamou em voz baixa. – Pegou a mochila e vagarosamente pendurou-a no ombro. Deu a volta por trás da catedral, desceu o barranco e pegou o acesso à Via Dutra.

No trevo, parou. Olhou à direita, direção da sua terra. A placa marcava “São Paulo – 160 km” . Calculou: até a sua terra : 450 km. – por aí... Engoliu uma pelota de ar e saliva... e tomou a esquerda e prosseguiu arrastando-se como se tivesse o corpo de plumas e os pés de chumbo. Olhou o Sol. Devia beirar meio-dia. Já não tinha fome nem sede nem vontade de fumar nem nada. Sentia uma fraqueza quase insuportável mas teimava em prosseguir. Os veículos soprando ar quente nos pés e fumaça preta no rosto. Vez por outra Norton parava e olhava atrás. Seu

olhar perdia-se no espaço buscando a distância de sua terra.

A ladainha dos nomes dos filhos resumira-se ao nome apenas do pequeno Nego. Depois voltava-se a procurar o seu Cristo. Podia ouvir ainda o saltitar do pé da cruz e ver o risco que deixava nos trechos de areia. Mas estava só. Tremendamente só...

* * *

Três horas... três e meia da tarde... por aí. O Sol batia firme. Embora doente e fraco, Norton conseguira vencer quase oito quilômetros. Aí começou a transpirar frio. Sentiu uma sede quase irresistível e um tremor esquisito por dentro. A vista turvou. Norton derivou para a esquerda e caiu de borco sob um arbusto. Soltou um gemido e amoleceu. E ali ficou, cheirando a terra... a boca suja de terra. Quando voltou a si, a noite já vinha caindo sobre ele. Levantou-se como pode, pendurou a mochila no ombro e prosseguiu teimoso. A secura da sede acabou com a saliva. A boca da noite soprava nele uma brisa fina que arrepiava a pele. Norton sentiu saudade do seu Cristo. “A esta hora o baiano está em casa – pensou – Que bom!” Os veículos começaram a arregalar os olhos. “Sete dias e oito noites – exclamou no seu pensamento – cento e sessenta quilômetros da mesma coisa. O baiano já está livre de sua cruz. E eu não sei até aonde preciso carregar a minha!...”

**“OS AGIOTAS DE RIBEIRÃO ACABARAM COM A MINHA VIDA...
MAS CRISTO VEIO AO MEU ENCONTRO... PREPARAR-ME
PARA UMA VIDA MELHOR!!!”**

EPÍLOGO

Oito horas da noite?... oito e meia?... Os faróis dos veículos começaram a projeção do cinema de todas as noites. Mas naquela noite apenas a imagem do homem da mochila deslizava na panorâmica do barranco.

Dentro de um carro, uma família que passava pelo trecho todas as noites, - platéia fiel daquelas cenas repetidas mas sempre emocionantes, - estranhando a ausência do Cristo na tela, se perguntaram:

- Uai!... cadê o Cristo?!
- Deve vir vindo por aí.
- Será?!
- Ou vai ver que o seu papel terminou?!
- Então o filme estaria no fim??
- Pode ser.
- Amanhã a gente confirma.

Norton estava “derrubado”, desequilibrado. Caminhava como se estivesse bêbado. Sentia-se vazio. Estômago vazio, cabeça vazia. Vazio de existência, vazio de passado, vazio de sentimentos, vazio de consciência. Já não sabia quem era, de onde vinha nem para onde ia. Simplesmente prosseguia, não como se fosse de vontade, mas como se fosse conduzido, levado para algum lugar.

E assim levado... ou empurrado, deixou o acostamento e entrou no

mato. Tropeçou e caiu. Levantou-se... ou foi levantado. Foi em frente. Caiu de novo e não levantou mais. Agarrou-se à mochila como se abraçasse alguém. Não sentia o frio nem o orvalho que começava a cair como um chuvisco.

E a noite passou inteira sobre o seu corpo... corpo sem pensamentos, sem saudades, sem remorsos, sem fome, sem sede, sem dores nem sofrimentos. Vida, se existisse, estava dormente.

O primeiro olhar do dia 28 de agosto foi para aquele corpo abraçado à mochila, inerte, aparentemente sem vida.

Um pássaro-preto piou no alto da árvore. Norton sentiu um afago no rosto e u'a mão enfiando os dedos nas touceiras dos seus cabelos encharcados de orvalho e areia.

Abriu lentamente os olhos como se estivesse ressuscitando... e a imagem que viu devolveu-lhe a vida com todas as lembranças, todos os sentidos. Então ele apertou o abraço na mochila... e disse com voz rouca: **NEGO!** ... e tombou a cabeça... e morreu... “definitivamente”!

* * *

Quando, à noite, os faróis do carro daquela família bateram no barranco daquela curva, todos leram em voz alta:

THE END

POSFÁCIO

“Consumatum est”: Tudo está consumado!... A jornada está finda! O sofrimento acabou: não há mais fracassos, não há mais saudades nem remorsos nem fome nem sede nem frio... nem solidão.

“Consumatum est”: as cruzes foram entregues, cada qual em seu destino.

E o Cristo se fez negro... e veio salvar o branco, amigo dos negros.

Quem disse que Cristo era branco??!!

Os nomes dos personagens e o epílogo constituíram o único percentual de ficção desta história.

O autor